

O valor estético do corpo do desportista deficiente

Estudo de caso com dois atletas paralímpicos,
Leila Marques e João Paulo Fernandes

Libânia Maria Torres da Rocha

Porto, 2007

O valor estético do corpo do desportista deficiente

Estudo de caso com dois atletas paralímpicos,
Leila Marques e João Paulo Fernandes

Monografia realizada no âmbito da disciplina de
Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e
Educação Física, na área de Reeducação e
Reabilitação, da Faculdade de Desporto da
Universidade do Porto

Orientadora: Professora Doutora Teresa Oliveira Lacerda
Libânia Maria Torres da Rocha

Porto, 2007

Rocha, L. (2007). *O valor estético do corpo do desportista deficiente. Estudo de caso com dois atletas paralímpicos, Leila Marques e João Paulo Fernandes*. Porto: L. Rocha. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-Chave: ESTÉTICA DO DESPORTO, CORPO, ATLETAS PARALÍMPICOS.

*À minha família
e à minha vida.*

Agradecimentos

Estas são provavelmente as últimas palavras que esboçamos quando realizamos um trabalho deste género. Embora à primeira vista nos arrisquemos a afirmar que se consubstancia numa tarefa bastante simples, ela torna-se gigantesca e avassaladora no sentido em que por muito que nos esforcemos, vamos permanecer eternamente insatisfeitos por não conseguirmos deixar no papel aquilo que realmente sentimos. As palavras têm de facto o poder de retratar a realidade, no entanto, o que sentimos dentro de nós é uma dimensão que somente o nosso interior é capaz de apreender. Mesmo assim, vamos enfrentar mais este desafio. Manifesto os meus sinceros agradecimentos:

À Professora Teresa Lacerda pela orientação, pelo incansável apoio, pelos novos caminhos que me ajudou a percorrer, e pelas dimensões aparentemente ocultas que me ajudou a desvendar.

Aos atletas paralímpicos que perfazem os casos em estudo, Leila Marques e João Paulo Fernandes, já que sem eles não me seria possível voar tão alto.

Ao gabinete de Actividade Física Adaptada, à Professora Maria Adília Silva, ao Professor Luís Ferreira e ao Professor Rui Corredeira pelos conselhos que me deram no sentido de melhorar o meu trabalho.

Aos meus amigos, especialmente ao grupo de trabalho da turma de Seminário, pela boa disposição, pela preocupação e pelo interesse que sempre demonstraram.

À minha família – pai, mãe, Inês e Joana – por ser o início de tudo quanto hoje existe.

Ao João Paulo, por ter estado sempre lá.

Índice geral

Agradecimentos	V
Índice geral	VII
Índice de figuras	X
Índice de quadros	XI
Resumo	XIII
Abstract	XV
Résumé	XVII
Lista de abreviaturas	XIX
1. Introdução.....	1
2. Objectivos do Estudo	11
2.1 Objectivo Geral	13
2.2 Objectivos Específicos	13
3. Revisão da Literatura	15
3.1 Deficiência Motora – Paralisia Cerebral	18
3.1.1 Definição, Etiologia e Deficiências associadas	18
3.1.2 Classificação Nosológica	22
3.1.3 Classificação Topográfica.....	23
3.1.4 Classificação Médico-desportiva ou Funcional	24
3.2 O Boccia	31
3.2.1 Abordagem histórica	31
3.2.2 Desenvolvimento da modalidade.....	32
3.2.3 Caracterização do jogo	32
3.3 Deficiência Motora – Amputação.....	36
3.3.1 Definição e Etiologia	36
3.3.2 Classificação da Amputação.....	39
3.3.3 Classificação Desportiva ou Funcional.....	40
3.3.4 O Membro Fantasma	45
3.4 Corpo e Desporto: reflexões em torno desta relação	48
3.5 O Desporto, a performance e o corpo do (desportista) deficiente	57
3.6 A Estética do Desporto e o referencial Corpo	62

3.7 O corpo do desportista deficiente e a Estética: uma relação a desvendar	70
4. Procedimentos Metodológicos	77
4.1 Considerações sobre o estudo de caso	79
4.2 Grupo de estudo	80
4.2.1 Caracterização dos casos em estudo.....	80
4.3 A Investigação Qualitativa	81
4.4 A Entrevista	83
4.4.1 Construção e realização das entrevistas.....	87
4.4.2 Análise e interpretação das entrevistas.....	89
4.5 Desenvolvimento de Categorias de Codificação	93
4.5.1 Justificação do Sistema Categorical.....	96
5. Tarefas Descritiva e Interpretativa	115
5.1 Categoria Corpo-forma	118
5.1.1 Categoria Corpo-forma para a ALM	118
5.1.2 Categoria Corpo-forma para o AJPF	121
5.1.3 Categoria Corpo-forma: análise comparativa	125
5.2 Categoria Corpo-superação	127
5.2.1 Categoria Corpo-superação para a ALM.....	127
5.2.2 Categoria Corpo-superação para o AJPF	129
5.2.3 Categoria Corpo-superação: análise comparativa	130
5.3 Categoria Corpo-liberdade	132
5.3.1 Categoria Corpo-liberdade para a ALM.....	132
5.3.2 Categoria Corpo-liberdade para o AJPF	133
5.3.3 Categoria Corpo-liberdade: análise comparativa	135
5.4 Categoria Corpo-eficiência	137
5.4.1 Categoria Corpo-eficiência para a ALM.....	137
5.4.2 Categoria Corpo-eficiência para o AJPF	138
5.4.3 Categoria Corpo-eficiência: análise comparativa	139
5.5 Categoria Corpo-harmonia	140
5.5.1 Categoria Corpo-harmonia para a ALM.....	140
5.5.2 Categoria Corpo-harmonia para o AJPF	142

5.5.3 Categoria Corpo-harmonia: análise comparativa	143
5.6 Categoria Corpo-atracção	144
5.6.1 Categoria Corpo-atracção para a ALM	144
5.7 Categoria Corpo-perfeição	146
5.7.1 Categoria Corpo-perfeição para o AJPF	146
5.8 Categoria Corpo-poder	149
5.8.1 Categoria Corpo-poder para o AJPF	149
6. Considerações Finais	159
7. Sugestões e Limitações do Estudo	167
8. Referências Bibliográficas	171
Anexos	I
Anexo I. Guião das Entrevistas: 1ª versão	II
Anexo II. Guião das Entrevistas: 2ª versão	VI

Índice de figuras

Figura 1.	Áreas cerebrais afectadas nos tipos Espástico, Atetósico e Atáxico (adaptado de Porretta, 1990).	23
Figura 2.	Atleta da classe 1 (adaptado de Peacock, 1988).	26
Figura 3.	Atletas da classe 2, afectados nas extremidades superiores e inferiores (adaptado de Peacock, 1988).	27
Figura 4.	Atleta da classe 3 (adaptado de Peacock, 1988).	27
Figura 5.	Atleta da classe 4 (adaptado de Peacock, 1988).	28
Figura 6.	Atleta da classe 5 (adaptado de Peacock, 1988).	28
Figura 7.	Atleta da classe 6 (adaptado de Peacock, 1988).	29
Figura 8.	Atleta da classe 7 (adaptado de Peacock, 1988).	29
Figura 9.	Atleta da classe 8 (adaptado de Peacock, 1988).	30
Figura 10.	Campo de jogo de Boccia (adaptado do Manual da CP-ISRA, 2001 - 2004).	33
Figura 11.	Atleta da classe 2 (L) (adaptado de Peacock, 1988).	34
Figura 12.	Classificação da Amputação do membro inferior e superior (adaptado de Adams et al.,1985).	39

Índice de quadros

Quadro 1.	Síntese dos factores etiológicos da Paralisia Cerebral, de acordo com Stanley e Blair (1984), Silva (1991) e Corredeira (2001).	20
Quadro 2.	Sistema de categorias resultante da análise de conteúdo.	95
Quadro 3.	Frequência das unidades de registo das categorias.	117

Resumo

Ao longo da História a sociedade evidenciou diferentes tipos de relação entre o Homem e o corpo e, em pleno século XXI, parece que tudo gira à volta da exaltação do corpo, assumido como um protagonista com uma notável relevância social. A importância crescente do desporto, enquanto produção humana e como um dos fenómenos sociais e culturais mais marcantes do mundo contemporâneo, surge a par da crescente valorização atribuída ao corpo, convertendo o corpo desportivo num domínio de estudo e investigação. No presente trabalho o corpo desportivo é focalizado através do olhar estético. O que está em causa não é o corpo dito *normal*, mas um corpo especial, diferente: o corpo do desportista deficiente. Este corpo, que diverge do estereótipo da pessoa dita normal, é frequentemente considerado como menos bonito, despertando atitudes de rejeição e de repulsa. Contudo, através do movimento do corpo deficiente, o desporto encontrou um novo domínio para expressar a sua estética. O principal objectivo do trabalho traduziu-se em conhecer a opinião de dois atletas paralímpicos relativamente ao valor estético do seu corpo. Através de uma entrevista semidirectiva e da posterior análise de conteúdo, foram desenvolvidos dois estudos de caso com atletas paralímpicos: Leila Marques, nadadora, portadora de uma malformação congénita do antebraço direito, e João Paulo Fernandes, praticante de Boccia e portador de Paralisia Cerebral. Os resultados e conclusões do estudo evidenciaram um conjunto de categorias associadas ao valor estético do corpo: corpo-forma, corpo-superação, corpo-liberdade, corpo-eficiência, corpo-perfeição, corpo-harmonia, corpo-atracção e corpo-poder foram as categorias enunciadas para exprimir e comunicar o valor estético. Emergiu também um conjunto de factores que condicionam uma melhor compreensão da estética do corpo desportivo deficiente, como o género, o tipo de deficiência e morfologia corporal, o esforço, o controlo técnico e tático, o vestuário e acessórios, os meios de comunicação social e o público.

Palavras-Chave: ESTÉTICA DO DESPORTO, CORPO, ATLETAS PARALÍMPICOS.

Abstract

Throughout History society has showed different kinds of relationship between man and the body and for a large period of time insisted on persuading people that they haven't got a body. Paradoxically, in early XXIst century, everything turns around the exaltation of the body, assumed as a protagonist with a remarkable social relevance. The increased importance of sport as a human production and one of the most noteworthy cultural and social phenomena of contemporary world, goes together with the improved value given to the body, and converts the sporting body in a subject of study and research. In the present work the sporting body is seen through an aesthetic approach. Not the so called *normal* body, but a different, a special kind of body: the handicapped sporting body. This body that diverts from the *normal person* stereotype is frequently considered less beautiful, arousing attitudes of rejection and repulse. Nevertheless, through the handicapped body movement, sport found another extent to express its aesthetic. In this study it was intended to evidence the importance of the sporting body as a main reference to accede to the aesthetic of sport. Its purpose was to know the opinion of two handicapped athletes about the aesthetic value of their body. Through a semi directive interview and a posterior content analysis, a case study of two Paralympic athletes was developed: Leila Marques, a swimming female with a right forearm congenital malformation, and João Paulo Fernandes, a Boccia player male with cerebral palsy. The results and conclusions enhanced the categories body-shape, body-overcoming, body-freedom, body-efficiency, body-perfection, body-harmony, body-attraction, and body-power as a way to explain and communicate the aesthetic value of the body. There was also a group of factors that were mentioned as contributing to a better understanding of the aesthetic of the sporting handicapped body such as gender, kind of handicap and body morphology, effort, plastic of movement, technical control, tactical control, clothing and accessories, media, and the presence of an audience.

Key-Words: SPORT AESTHETICS, BODY, PARALYMPIC ATHLETES.

Résumé

Tout au long de l'histoire de l'humanité, la société a montré différents types de rapport entre l'homme et le corps, et pendant longtemps a soutenu que les personnes n'avaient pas de corps. Paradoxalement, au début du XXIème siècle, tout gravite autour du corps, celui-ci ayant un rôle très important avec un remarquable poids social. L'importance croissante du sport en tant que production humaine des phénomènes sociaux et culturels les plus notables du monde contemporain, va avec la valorisation donnée au corps, et a converti le corps sportif en un sujet d'étude et de recherche. Dans cette étude le corps sportif est considéré d'une façon esthétique; il ne s'agit pas du corps dit *normal*, mais d'un type différent de corps: le corps sportif handicapé. Ce corps qui diverge du corps stéréotypé est fréquemment considéré moins beau, créant des attitudes de rejet et de répulsion. Néanmoins, à travers le mouvement du corps handicapé, le sport a trouvé un autre moyen d'exprimer l'esthétique. Dans cette étude nous cherchons à rehausser l'importance du corps sportif en tant que référence principale pour accéder à l'esthétique du sport. Son propos est de connaître l'avis de deux athlètes handicapés sur la valeur esthétique de leur corps. L'étude a été développée avec recours à l'analyse et conception d'entrevue semi dirigés avec deux athlètes paralympiques: Leila Marques, une nageuse portant une malformation congénitale de l'avant bras droit et João Paulo Fernandes, un joueur de Boccia avec une paralysie cérébrale. Les résultats et conclusions ont mis en évidence les catégories suivantes: corps-forme, corps-surpassement, corps-liberté, corps-efficience, corps-perfection, corps-harmonie, corps-atraction et corps-puissance comme un moyen d'exprimer et de communiquer la valeur esthétique du corps. Il y avait aussi un groupe de facteurs qui ont contribué à une meilleure compréhension de l'esthétique du corps sportif handicapé tel que genre, type d'handicap et morphologie corporelle, effort, mouvement, contrôle technique et tactique, vêtements et accessoires, media et présence d'une audience.

Mots-Clés : SPORT ESTHÉTICS, CORPS, ATHLÈTES PARALYMPIQUES.

Lista de abreviaturas

APPC	Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral
	Área Recreativa de Desporto Adaptado da Associação
ARDA-APPC NR	Portuguesa de Paralisia Cerebral do Núcleo Regional do Norte.
AVC	Acidente Vascular Cerebral
CP-ISRA	<i>Cerebral Palsy – International Sports and Recreation Association</i>
DM	Deficiência Motora
FPDD	Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes
IPC	<i>International Paralympic Committee</i>
ISOD	<i>International Sports Organization for the Disable</i>
PC	Paralisia Cerebral
SNC	Sistema Nervoso Central



Atleta Leila Marques.

Fotografia cedida pela Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes (FPDD).

Fotógrafo Phillipe Botefe. Jogos Paralímpicos 2004, em Atenas, na Grécia.

1. Introdução

“O conhecimento é este sedimento que se deposita na brecha criada pelo facto de não voltarmos ao ponto de partida, ao equilíbrio inicial.”

(In Cunha e Silva, *O lugar do corpo*, 1999, p. 141)

Habitando (ainda) os primórdios do século XXI, espontaneamente nos apercebemos que uma das suas características mais evidentes, para além da densificação das relações interpessoais e intersociais, é, sem dúvida, a mudança, a mutação, a metamorfose. A sua presença na vida quotidiana é sentida diariamente, chegando mesmo a ser rotineira, habitual, usual... Estaremos assim em condições de inferir que num futuro próximo (ou até mesmo no presente), a sua presença será, paradoxalmente, a sua ausência, por se ter tornado a “imagem de marca” da actual sociedade. No entanto, embora esta característica, ou este sentimento de mudança, se exteriorize de múltiplas formas, não nos precipitemos a afirmar, pelo menos continuamente, que o mesmo se identifica com o progresso (Garcia, 1999).

Consolidando a passagem de um mundo que se denominou “moderno”, para um outro, apelidado “pós-moderno”, marcado não por uma ausência de valores, mas sim pela emergência de outros, que torna inválidos os das gerações anteriores (Gervilla, 1993), um dos fenómenos culturais mais marcantes, mais mediáticos e eminentes continua a ser, sem dúvida, o fenómeno desportivo, constituindo-se um campo de considerável significado social.

Não obstante as alterações que se têm vindo a verificar ao longo da sua história, o desporto, nas suas múltiplas formas, continua, de forma incessante, a exercer a sua influência e uma inegável atracção sobre as pessoas. Dito isto, evocamos o pensamento de Constantino (1990), que realça as mudanças radicais de que o desporto tem sido alvo nos últimos anos, “a ponto de, uma simples comparação entre o seu passado recente e o seu presente, nos poder criar a ilusão de estarmos perante dois fenómenos distintos” (*id.*, p. 77).

Perante esta afirmação, sentimos hoje a necessidade de questionar que ou quais são os sentidos e os valores do desporto contemporâneo. Será a vitória, pelo seu poder de afirmação e reconhecimento social? Será a procura da excelência e da qualidade, numa dimensão profissional e promocional do espectáculo? Ou passará pela busca da transcendência, pelo alcance de horizontes aparentemente inatingíveis e pelo enaltecimento dos valores do corpo? (Marques, 2000). Dada a dificuldade de uma resposta única e

inequívoca, entendemos todos os sentidos como possíveis, fazendo todos parte da construção do Homem, na busca de soluções para os desafios que a vida lhe coloca.

É pacífica a ideia que o fenómeno desportivo, a par de outros fenómenos e sectores da sociedade, vive historicamente condicionado e culturalmente determinado, assente em bases materiais, económicas e políticas – situado num tempo e num espaço particulares, com todas as suas peculiaridades, vê-se “obrigado” a interiorizar e a manifestar todas as suas características e vicissitudes. Desde a Antiga Grécia e da tão afamada coroa de oliveira que assim é.

Tendo-se constituído, ao longo dos tempos, num objecto de estudo deveras valorizado, o desporto “arrastou” consigo a preocupação com o corpo que lhe dá forma e o faz acontecer. Como não poderia deixar de ser, em toda e qualquer experiência humana, o corpo invoca a sua presença, sendo que, na opinião de Garcia (1999), o desporto, na sua abrangência conceptual, sempre se instituiu como um local de excelência para problematizar a temática do corpo.

Deste modo, o desporto contemporâneo transformou-se num duplo objecto de investigação – em primeiro lugar enquanto fenómeno mundial, global e local, cultural, social, mobilizador de multidões e de milhões, acatando os interesses de mercado (o lado mais visível do desporto que todos conhecemos), e, em segundo, enquanto conhecedor e apreciador do corpo, ou seja, enquanto universo de significados e interpretações.

É precisamente aqui que se concretiza o ponto de partida do nosso estudo: tendo como base o fenómeno desportivo, tomado como produto de um processo que se consubstancia e se manifesta através do corpo, é nossa intenção perspectivar e tratar este último de uma forma menos habitual, explorando e tentando desvendar relações entre o corpo do desportista deficiente e a Estética. Como exalta Moreira (1995, p. 17), pretendemos não “iluminar o visível, mas (...) exercitar o invisível”. Assim, é o corpo (desportivo e, inevitavelmente, o social) o ponto de referência do nosso estudo.

Entendendo a Estética como um modo particular de perceber a realidade (Marques, 1993), ela não existe no abstracto, constituindo-se a Estética do Desporto como uma das formas possíveis de analisar o fenómeno desportivo (Lacerda, 1997). De acordo com Marques e Botelho Gomes (1990), é muito vasto o seu objecto de estudo, pelo que a Estética do Desporto abarca um campo de investigação bastante amplo.

Considerada hoje como uma disciplina da Estética (geral) e das Ciências do Desporto, ela procura investigar, entre outros campos (Thieß e Schnabel, 1986, cit. por Marques e Botelho Gomes, 1990, p. 222) “as qualidades estéticas do corpo humano e dos seus movimentos nos diferentes modos e formas de acções desportivas”. De acordo com Wiit (1982, cit. por Marques e Botelho Gomes, 1990, p. 222), daqui pode emergir um tópico de estudo, qual seja as qualidades estéticas do corpo humano e dos seus movimentos no Desporto.

Assim, é nosso objectivo verificar se o corpo portador de deficiência, como meio de expressão, de movimento, trabalhado ao mais alto nível no âmbito do desporto de rendimento, transporta valores e qualidades estéticas, (sendo o corpo o interlocutor entre a acção e o espectador). Partindo da interacção privilegiada que existe entre o desporto e o corpo, que se constitui como o seu suporte material mais importante, é nossa intenção conhecer a opinião do atleta paralímpico sobre a possibilidade do seu corpo expressar valores estéticos. É então sobre o “actor e o seu corpo em cena” que incide o presente trabalho, percorrendo um caminho através do qual aspiramos responder, não propriamente a uma questão, mas a uma necessidade que de nós se apoderou:

- Que valor estético poderá ter o corpo do atleta deficiente quando se trata, afinal, de um corpo que, em certa medida, diverge do modelo que é divulgado pelo próprio desporto?

Embora o número de trabalhos sobre esta temática não acompanhe a periodicidade de outras áreas do conhecimento, é notório um interesse cada vez mais acentuado pela análise do desporto, pela análise do corpo e dos seus movimentos através do mediador estético. Para Vilas Boas (2006), a causa desta insuficiente divulgação advém do carácter sensitivo e qualitativo desta

abordagem, que dificilmente sobreviverá perante o fenómeno desportivo, predominantemente quantitativo e baseado nos resultados. Tanto num contexto global de sociedade, como num mais particular, como seja o desporto, o progresso aponta, segundo Crespo (2005), para um conjunto de preferências de cariz quantitativo.

Com o passar dos tempos e com os avanços que se verificaram na sociedade a vários níveis, o desporto tornou-se cada vez mais uma matéria do saber científico, submetido mais a reflexões no âmbito da fisiologia e da psicologia, do que propriamente à investida crítica das ciências sociais – a proeza atlética, o predomínio da *performance* e das condições de sucesso desvalorizaram e encaminharam a reflexão ontológica e a crítica dos valores associados a este âmbito da experiência corporal para um plano inferior (Sobral, 1990). No entanto, segundo o autor, o desporto, “esse imenso ritual de superação”, constitui uma fonte inesgotável de incitações à reflexão filosófica (*id.*, p. 134). Tal como diz Bento (1998, p. 116), numa perspectiva mais geral, “o mundo é feito hoje de ciência e tecnologia. (...) por via disso, abundam nele fórmulas e palavras exactas, cheias de sentido e razão, mas vazias de sensações e sentimentos”.

Como a vida inequivocamente nos tem demonstrado, o corpo é, nos dias de hoje, uma dimensão bastante valorizada, assumindo capital importância na construção de relações sociais. Aliás, a conquista destas mesmas relações passa, muitas vezes, por uma imagem social associada a uma aparência física (Alves, 1999). Neste sentido, é um facto que o que vemos quando olhamos o corpo é uma imagem fundamentada naquilo que a sociedade nos permite vislumbrar, sendo sempre baseada em concepções pré estabelecidas (Lobo, 1999).

Por tudo isto, o corpo tem vindo a tornar-se “o” veículo por excelência de aceitação social, tem vindo a tornar-se “o” meio de afirmação de cada sujeito na busca do eu corporal ideal. Perante tais constatações, será que alguém assume uma posição de indiferença relativamente ao seu próprio corpo?

Não obstante o nosso estudo se proponha lançar um olhar atento sobre o fenómeno corporeidade, em conjugação com uma aproximação ao desporto

pela via estética, e os domínios que pretendemos alinhar se afigurem complexos e imprecisos, ele não se pode alhear, de todo, da condição social que o corpo desde sempre, de uma maneira ou de outra, possuiu. Esta ligação torna-se uma exigência e ganha ainda mais importância quando a nossa intenção passa por abordar questões sobre o corpo do (desportista) deficiente. Isto porque a menor valoração estética deste corpo poderá estar, de facto, relacionada com a sua imagem, com o seu corpo que é, na maioria das vezes, o suporte e o transporte da deficiência. No entanto, será que o facto de praticar desporto de alta competição ao mais alto nível altera algo? A excelência desportiva alcançada por um corpo que tem algo a mais, ou algo a menos, poderá alterar, no sentido da melhoria, a apreciação estética desse mesmo corpo, ou a *condição* de deficiência será um obstáculo sempre presente?

Depois de formulada uma pergunta de partida, que se torna o fio condutor do nosso trabalho, muitas outras se apoderam de nós – umas claras e translúcidas, outras camufladas, que despontam como um prolongamento das primeiras, e que nos poderão ajudar a melhor entender esta malha complexa e profunda de relações, em que nada se encontra separado de nada.

Para nós, que estamos envolvidos no mundo do desporto, torna-se quase impossível não falar sobre o corpo. No entanto, o que é certo é que a construção do corpo e do desporto ainda não cessarem. As suas histórias vão permitir ainda que sobre eles muito se reflecta e escreva. Tal como nos dá a conhecer Bento (2006a), as alterações do tempo perpetuam em nós também um conjunto de variações. Por consequência, cada época adquire um modo peculiar de questionar, de reflectir e de entender todos os fenómenos que dela brotam. Por tal razão, existem hoje, e existirão sempre, tanto no corpo como no desporto, perguntas que nos causarão inquietação.

Deste modo, a nossa reflexão tem como propósito fazer a fusão de temas que achamos estarem intimamente relacionados, como sejam o Desporto e a Estética (do Desporto) e, ao mesmo tempo, alargar-lhes o espectro de possibilidades, tendo como mediador o corpo do desportista deficiente.

Embora tenhamos em consideração o carácter limitado e subjectivo do nosso trabalho, conferimos-lhe pertinência no sentido em que tem como principal objectivo ajudar a traçar um novo caminho, ou melhor, a fortificar um já existente, concedendo-lhe mais um grau de liberdade.

Passamos de seguida à apresentação sumária dos pontos que compõem o nosso estudo:

- Depois da introdução, que constitui o ponto 1, no ponto dois damos a conhecer quais os objectivos que nos propomos a atingir com o nosso trabalho;
- De seguida, no ponto três, que se reporta à revisão da literatura e que tem como finalidade conferir sustentabilidade ao nosso trabalho, expomos, numa primeira parte, uma caracterização das deficiências de que os atletas do nosso caso em estudo são portadores. Este ponto torna-se relevante na medida em que é importante conhecermos as suas características físicas, pois elas ligam-se à “forma” dos seus corpos, e são estes o nosso mediador estético. Numa segunda parte, enunciamos um conjunto de relações que se estabelecem entre os conceitos pelos quais nos guiamos – corpo e desporto, Estética do Desporto e corpo e Estética do Desporto e corpo do desportista deficiente, sendo esta última a relação que nos move;
- Já no ponto quatro, na metodologia, descrevemos todo um conjunto de procedimentos relativos ao instrumento utilizado, sua construção, justificação e respectiva aplicação, para além da técnica utilizada para a interpretação do nosso *corpus* de estudo, de onde emergiu o conjunto de categorias;
- É no ponto cinco que damos a conhecer uma análise e interpretação pormenorizadas do *corpus* de estudo, tentando dar resposta aos objectivos inicialmente formulados;

- As principais conclusões constituem o ponto seis, tendo como propósito expor as considerações finais mais relevantes do nosso trabalho;
- Deixamos também descritas, no ponto sete, as limitações do nosso estudo que conscientemente reconhecemos, e um pequeno conjunto de sugestões que poderão vir a ser pontos de partida para novos trabalhos;
- O ponto oito ficou reservado para as referências bibliográficas utilizadas.



Atleta João Paulo Fernandes.

Fotografia cedida pela FPDD.

Fotógrafo José Júlio Alves. Jogos Paralímpicos 2004, em Atenas, na Grécia.

2. Objectivos do Estudo

“(…) aprender permite-nos reagir de forma diferente, mais eficaz, perante as
situações.”

(In Cunha e Silva, O lugar do corpo, 1999, p. 141)

2.1 Objectivo Geral

No presente trabalho procurou-se evidenciar a importância do corpo desportivo como um referencial de acesso à Estética do Desporto.

O objectivo principal do estudo traduziu-se em conhecer a opinião de dois atletas paralímpicos de referência relativamente ao valor (estético) do seu corpo e às categorias estéticas que lhe estão associadas.

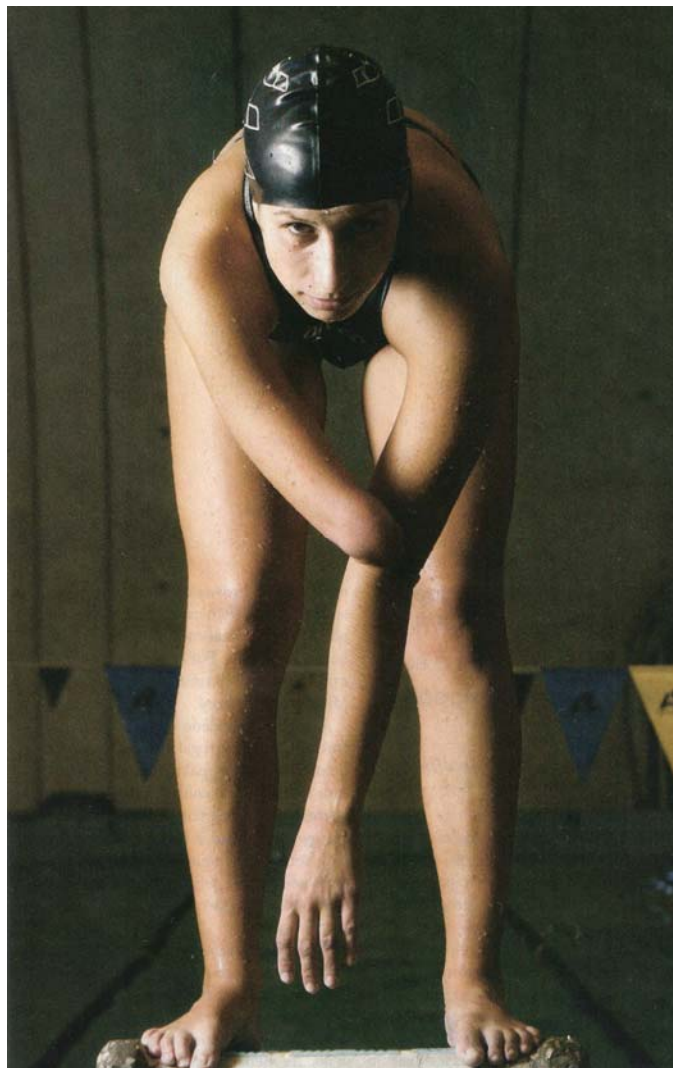
2.2 Objectivos Específicos

No que se refere ao primeiro objectivo específico, pode afirmar-se que “atravessará” todos os que se lhe seguem, consistindo em identificar convergências e divergências de opinião entre os atletas a estudar.

Relativamente ao valor estético atribuído ao desporto paralímpico, pretende conhecer-se a influência dos seguintes factores condicionantes:

- Género do atleta;
- Tipo de deficiência e morfologia corporal;
- Plástica dos movimentos inerentes ao desporto praticado;
- Domínio técnico (o corpo que age);
- Domínio táctico (o corpo que pensa);
- Vestuário e acessórios utilizados;
- Relações de cooperação/oposição (“o corpo a corpo” com os outros/o corpo da equipa/o corpo do adversário);
- Presença (ou ausência) de público.

Pretende ainda verificar-se a emergência de *outros* factores condicionantes, contribuindo para a definição do valor estético do desporto para deficientes.



Retirado da *Revista Única* (p. 48), anexa ao *Jornal Expresso*, de 25 de Novembro de 2006.

3. Revisão da Literatura

“À medida que vamos dizendo, escrevendo, vamo-nos comprometendo com aquilo que dizemos, e, quando damos conta, já só estamos a justificar a rede de compromissos que fomos estabelecendo”.

(In Cunha e Silva, *O lugar do corpo*, 1999, p. 17)

Estabelecidos que estão os objectivos do estudo, o nosso próximo passo, a revisão da literatura, surgiu da necessidade de melhor compreender “o estado da arte”. Ou seja, tendo presente a questão que inicialmente nos inquietou, a qual tenta estabelecer uma relação (ainda por desvendar) entre o corpo do desportista deficiente e o seu valor estético, este ponto tem como propósito moldar e engrandecer o nosso conhecimento, entre outras áreas, na da Estética do Desporto.

Tendo presentes os casos em estudo, numa fase inicial consideramos pertinente proceder à caracterização das deficiências de que os atletas são portadores. Assim, ainda que incluídas no grande quadro das Deficiências Motoras, a Paralisia Cerebral e a Amputação diferenciam-se, naturalmente, sendo por isso necessário realizar a sua caracterização de forma individualizada.

Ainda neste âmbito, e dada a importância que assumem no nosso estudo as modalidades praticadas pelos atletas paralímpicos, vamos caracterizá-las de uma forma sumária, ao mesmo tempo que também o processo de classificação funcional e de elegibilidade para a prática desportiva será alvo da nossa atenção.

Numa fase posterior, e partindo da problemática apresentada, voltamos a nossa atenção para a definição dos conceitos e para as relações que temos como finalidade estabelecer. Partimos de uma abordagem geral, onde realçamos a simbiose que desde sempre existiu entre corpo e desporto, para uma mais particular, culminando no ponto do nosso estudo que se consubstancia de maior interesse – “O corpo do desportista deficiente e a Estética – uma relação a desvendar”.

Esta última abordagem realça, de igual modo, a componente social que acompanha o indivíduo ao longo da sua vida, e que contínua e inevitavelmente marca a sua presença.

3.1 Deficiência Motora – Paralisia Cerebral

Apesar de comumente adoptado em termos científicos, institucionais e epidemiológicos, o termo Paralisia Cerebral (PC) é, de acordo com Cavalheiro (1999) e Reis (2000), alvo de algumas discordâncias. Ainda segundo os mesmos autores, “na origem desta falta de consenso parecem estar factores ligados à própria natureza e complexidade da condição e, de algum modo, à própria incorrecção semântica da expressão” (*ibid.*, p. 13, 22).

Embora a PC se refira primariamente a uma lesão do sistema nervoso central (SNC), é um facto que as suas exteriorizações se revelam, principalmente, ao nível do sistema músculo-esquelético, através de uma multiplicidade de manifestações clínicas. Por outras palavras, “é a habilidade para se mover e a qualidade do movimento que caracterizam a PC” (Lockette e Keyes, 1994, p. 65).

A esta questão é hoje dada grande importância, pois como conclui Rodrigues (1998, p. 69), “uma designação não é só a emanção de um conteúdo científico, mas pelo contrário tem uma vida e um significado próprios que lhe advém da sua história e dos contextos que se utiliza”.

3.1.1 Definição, Etiologia e Deficiências associadas

Ainda que incluída nas Deficiências Motoras (DM), a Paralisia Cerebral (PC) pode, em muitos casos, ser considerada como uma condição de multideficiência. Para Rodrigues (1998), esta condição resulta dos diferentes tipos e dos múltiplos graus de gravidade que a caracterizam, para além da frequência das deficiências que lhe estão associadas.

Em 1966, em Berlim, à PC foi atribuída uma definição, tendo sido posteriormente confirmada em Edimburgo, no ano de 1969, pela *International Society of Cerebral Palsy*: “é uma desordem permanente e não imutável da postura e do movimento, devido a uma disfunção do cérebro, antes do seu crescimento e do seu desenvolvimento estarem completos” (França, 2000, p.

20). Também Silva (1991) corrobora esta definição, acrescentando como consequências as perturbações no controlo do tónus muscular, na actividade reflexa e no próprio movimento.

Posteriormente, Corredeira (2001) definiu PC como uma perturbação do controlo neuromuscular, da postura e do equilíbrio, resultante de uma lesão cerebral que afecta uma ou mais áreas do cérebro em período de desenvolvimento e crescimento, e com características de plasticidade. Caracterizou-a ainda como uma condição complexa, existindo uma multiplicidade de casos diferentes quer na gravidade, quer nos aspectos afectados, quer nas condições sócio-afectivas, provocando um desarranjo motor que pode associar-se a outros de vária ordem – percepção, desordens emocionais e sociais, marcha, uso dos membros superiores, linguagem, atraso mental. Na literatura existente, os limites para este desenvolvimento e crescimento são variados, não existindo um consenso para o limite máximo de idade cronológica em que a lesão pode ocorrer (Ferreira, 1998).

Universalmente aceites nos dias de hoje, estas definições encerram, na opinião de Rodrigues (1998, p. 68) e Marta (1998), três aspectos essenciais, constituindo “as linhas de força da definição de PC”.

Sendo a PC referida como uma “desordem permanente mas não imutável”, estamos em condições de rejeitar todo o tipo de patologias originárias do sistema nervoso ou muscular com carácter evolutivo (embora se reconheça a variação de que a incapacidade motora pode ser alvo).

Para além disso, afirmando que a PC é uma “lesão ou disfunção do cérebro”, não podemos considerar casos de PC ou de deficiências motoras provocadas por uma “lesão extracraniana” (Rodrigues, 1998, p. 68).

Por último, outra das condições é que a lesão ocorra num “cérebro imaturo, ou em desenvolvimento e crescimento”. Como referimos anteriormente, os limites fixados para este crescimento são variáveis – Stanley e Blair (1984), por exemplo, situam este limite nos cinco anos de idade.

Tendo em consideração estas premissas, Rodrigues (1998) alerta-nos para o surgimento de novas propostas para a PC, como seja a designação “Infermité Motrice d’Origine Cérébrale” (Disfunção Motora de Origem

Intracraniana Precoce) encontrada na literatura francesa. Na opinião do autor, nesta designação estão patentes a origem obrigatoriamente intracraniana da lesão, e o facto de ter sido adquirida entre a vida intra-uterina e os primeiros anos de vida.

A etiologia da PC contempla um número diversificado de causas, podendo intervir nos períodos pré, peri ou pós natal. Para Muñoz et al. (1997), as causas desta deficiência são tão complexas e variadas como os tipos clínicos, excluindo-se uma base genética e, portanto, a possibilidade de transmissão de pais para filhos.

Tendo como referência autores como Stanley e Blair (1984), Silva (1991) e Corredeira (2001), expomos os factores etiológicos da PC, agrupados conforme nos mostra o quadro 1.

Quadro 1. Síntese dos factores etiológicos da Paralisia Cerebral, de acordo com Stanley e Blair (1984), Silva (1991) e Corredeira (2001).

I. Factores Pré-natais (1%)

- Predisposição familiar
- Influências intra-uterinas precoces:
 - Deficiência de iódina
 - Doença de Minamata (envenenamento por mercúrio)
 - Alcoolismo da mãe
 - Ingestão de drogas
 - Medicamentos tóxicos
 - Infecção viral congénita: Rubéola, Toxoplasmose
- Influências na gravidez adiantada: hemorragias

II. Factores Péri-natais (95%)

- Factores de risco intraparto:
 - Parto pélvico
 - Parto prolongado
 - Traumatismo de parto
 - Prematuridade
 - Sofrimento fetal

- Factores de risco extraparto:
 - Anóxia
 - Baixo peso
 - Hemorragia intracraniana
 - Meningite

III. Factores Pós-natais (4%)

- Infecções virais e bacteriológicas – meningite ou encefalite
- Traumatismos cranianos
- Carências alimentares
- Convulsões prolongadas
- Embolias

É um facto que, para além das incapacidades no controlo motor, a lesão cerebral pode causar uma diversidade de deficiências associadas. Em autores como Porretta (1990), Lockette e Keyes (1994) e França (2000), encontramos referências a problemas de atraso mental ou dificuldades intelectuais, epilepsia, défices auditivos e visuais, perturbações da linguagem e dificuldades perceptivo-motoras, perturbações do esquema corporal e da estruturação espaço-temporal, problemas da lateralidade e dislexia, problemas emocionais, sociais e persistência dos reflexos primitivos.

Com Sherrill et al. (1986), constatamos que 60% dos atletas com PC são afectados por problemas perceptivo-motores. Uma dessas desordens manifesta-se através de uma perturbação na relação espacial, afectando a capacidade de perceber a posição do objecto em relação a si mesmo e a outros, situação que prejudicará a participação nos desportos em que a componente das relações espaciais é primordial – a execução de movimentos de precisão em desportos com alvos, como é exigido, por exemplo, no Boccia.

De acordo com DiRocco (1995), a PC é usualmente descrita por dois sistemas – o nosológico e o topográfico. Vamos de seguida caracterizá-los, com o propósito de melhor ficar a conhecer a diversidade de casos existentes.

3.1.2 Classificação Nosológica

Outro dos aspectos já aqui realçado prende-se com o quadro clínico da PC, que se manifesta bastante complexo, não constituindo por isso um conjunto estático de sinais e sintomas. Assim, diferentes quadros clínicos podem surgir, consoante o predomínio da formação nervosa atingida.

Embora a classificação clínica varie, baseando-se na desordem dos movimentos e da postura, partindo das ideias de Silva (1991), Muñoz et al. (1997), Rodrigues (1998), França (2000), Corredeira (2001), e Maia (2005), podemos descrever três tipos de síndromes:

Espasticidade

É de todos os tipos nosológicos o mais frequente, resultando de uma lesão do Sistema Nervoso Piramidal. Este sistema tem a seu cargo a realização dos movimentos voluntários e, portanto, uma lesão no mesmo vai manifestar-se pela perda desses movimentos. Caracteriza-se por hipertonia permanente dos músculos (fenómeno que se traduz no esforço excessivo necessário para a realização de um movimento), rigidez nos movimentos e incapacidade de relaxar voluntariamente os grupos musculares, o que produz um movimento anormal e sem plasticidade. É frequente originar deformações corporais, como por exemplo escoliose e sub-luxação da anca.

Atetose

A atetose é uma lesão dos gânglios basais do cérebro, descrita pela presença de movimentos irregulares e involuntários, executados sem intenção e com diferentes graus de tensão, por falta de coordenação entre músculos agonistas e antagonistas. O movimento atetósico pode ser atenuado pelo repouso e, pelo contrário, pode aumentar em momentos de excitação e insegurança.

Ataxia

É o tipo mais raro de PC. Caracteriza-se por instabilidade de movimentos, perturbações no equilíbrio, coordenação deficiente, tremor intencional e incapacidade de adaptação às solicitações do meio, devido a uma lesão no cerebelo.

Na figura 1, adaptada de Porretta (1990), é-nos permitido visualizar espacialmente a localização das áreas cerebrais afectadas, as quais originam quadros clínicos diversos.

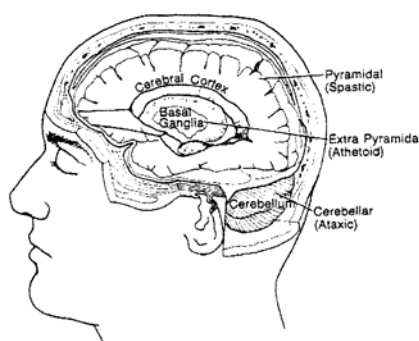


Figura 1. Áreas cerebrais afectadas nos tipos Espástico, Atetósico e Atáxico (adaptado de Porretta, 1990).

3.1.3 Classificação Topográfica

O manual de classificação da Cerebral Palsy – International Sports and Recreation Association (CP-ISRA) (2001 - 2004, p. 7), reconhece cinco tipos de incidência topográfica, de acordo com a localização das regiões corporais em que a disfunção se manifesta:

1. Monoplegia

Encontra-se nos casos de PC em que só um membro se encontra afectado.

2. Hemiplegia

Manifesta-se por uma deficiência no membro superior e inferior, do mesmo lado do corpo.

3. Diplegia

Quando a deficiência nos quatro membros é mais notória nos inferiores do que nos superiores.

4. Triplegia

Envolvimento de três membros, por vezes referida como tetraplegia assimétrica.

5. Quadriplegia (Tetraplegia)

Aplica-se este termo no caso do envolvimento de todo o corpo, ou seja, da cabeça, do tronco e dos quatro membros.

3.1.4 Classificação Médico-desportiva ou Funcional

No sentido de conhecermos um pouco melhor o processo que legitima a participação de indivíduos portadores de sequelas de PC em competições desportivas, é nossa intenção fazer uma breve caracterização do mesmo. Para além disso, de entre as modalidades paralímpicas exclusivamente destinadas a esta população, o Boccia será também alvo da nossa atenção, não somente por ter uma grande expressão no nosso país, mas principalmente por ser a modalidade praticada pelo atleta João Paulo Fernandes. Pretendemos assim perceber a quem se destina este jogo, caracterizando o tipo de atletas praticantes desta modalidade desportiva.

O actual sistema de classificação desportiva da CP-ISRA tem já vários anos de aplicação e experiência. Embora ao longo do tempo tenha sido alvo de pequenas modificações, garante basicamente a sua estrutura inicial, permitindo

que nos dias de hoje a classificação dos atletas seja fiável, na medida em que existe uma grande prática na utilização deste sistema (Brochado, 2001).

A principal finalidade desta classificação, segundo a CP-ISRA (2001 - 2004), para além de avaliar o nível funcional do atleta relativamente ao desporto que pratica, prende-se com o facto de facultar uma igualdade de circunstâncias na competição, ou seja, de garantir que os resultados obtidos pelos atletas não dependam das suas incapacidades motoras, mas sim do treino, das experiências competitivas, do nível de habilidade e da *performance* desportiva por estes adquirida (Sherrill, 1998). De acordo com Shephard (1990), esta classificação assume um carácter bastante complexo, devido ao facto de a lesão se localizar a nível cerebral.

A 8ª edição do manual de classificação da CP-ISRA (2001 - 2004), define como participantes elegíveis a integrar as suas competições, aqueles com um diagnóstico de uma lesão cerebral não progressiva com disfunção locomotora, tal como a PC, de uma lesão cerebral traumática, de um acidente vascular cerebral (AVC), ou condições similares, nos quais o nível de envolvimento neurológico determina incapacidade para treinar e competir nos diferentes desportos. Essa incapacidade deve ser claramente identificada durante a classificação, sem recorrer a exames neurológicos detalhados. Para participar em competições internacionais, os atletas têm que ter mais de 15 anos de idade (Brochado, 2001).

Na CP-ISRA, a classificação é feita por um grupo constituído por um médico, um fisioterapeuta e um técnico desportivo, os quais devem possuir um vasto e aprofundado conjunto de conhecimentos respeitantes às manifestações clínicas da PC, às lesões cerebrais traumáticas e aos AVC's, para além das implicações do desporto nestas diferentes manifestações. De um modo geral, o diagnóstico efectuado contempla a qualidade do tónus e do movimento, os aspectos clínicos e patológicos do atleta, assim como aqueles referentes à prestação desportiva (Ferreira, 1998).

Consoante o resultado da avaliação, o atleta é incluído numa das oito classes que se seguem, sendo que à classe 1 pertencem os indivíduos com

complicações mais severas, e à classe 8 os portadores de afectações mínimas (Sherrill et al. 1988; Ferreira, 1998).

De realçar que depois da caracterização das oito classes, é nossa intenção ilustrar o morfótipo de indivíduo representante de cada uma delas, com as figuras 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9, adaptadas de Peacock (1988).

Classe 1 – Quadriplégicos: complicações severas.

Estão dependentes de uma cadeira de rodas eléctrica para se movimentarem, sendo incapazes de executar uma propulsão funcional da mesma. O controlo do tronco é escasso ou mesmo nulo, havendo grandes dificuldades em manter as costas rectas, postura importante para a realização dos movimentos desportivos. As extremidades inferiores não são funcionais, e nas superiores são visíveis severas limitações (por exemplo, na oposição entre o polegar e os outros dedos).



Figura 2. Atleta da classe 1 (adaptado de Peacock, 1988).

Classe 2 – Quadriplégicos: complicações severas a moderadas.

Embora possuam um bom controlo estático do tronco, o controlo dinâmico é fraco. Podem ter um grau razoável de funcionamento em uma ou ambas as pernas, mas, em contrapartida, as extremidades superiores, nomeadamente as mãos, têm um envolvimento severo a moderado.

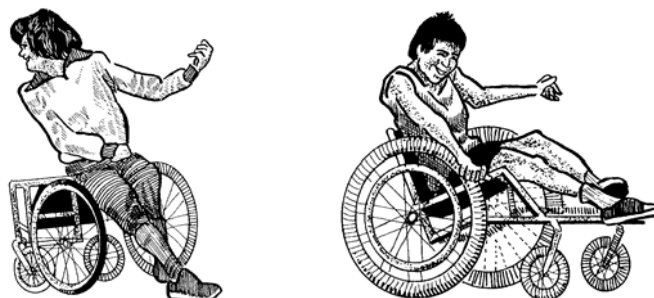


Figura 3. Atletas da classe 2, afectados nas extremidades superiores e inferiores (adaptado de Peacock, 1988).

Classe 3 – Quadriplégico moderado ou Hemiplégico severo.

Possuindo uma força muscular funcional praticamente completa, conseguem propulsionar a cadeira de rodas. Os movimentos da mão são, na sua maioria, grosseiros.

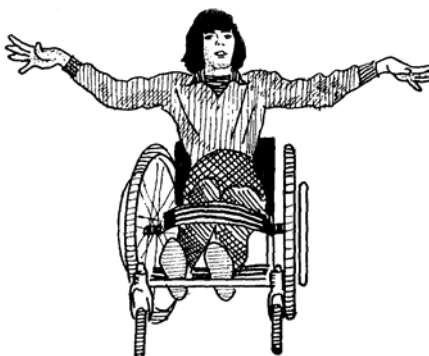


Figura 4. Atleta da classe 3 (adaptado de Peacock, 1988).

Classe 4 – Diplégico moderado a severo.

Apresentam limitações mínimas de controlo no tronco e nas extremidades superiores, sendo observável um lançamento, uma propulsão e preensão normais. Não são capazes de percorrer grandes distâncias sem a ajuda de meios de apoio.



Figura 5. Atleta da classe 4 (adaptado de Peacock, 1988).

Classe 5 – Diplégico moderado.

Poderá ser necessário o recurso a meios de apoio para caminhar, já que um ligeiro deslocamento do centro de gravidade provoca perdas de equilíbrio. Assim, embora tenham assegurado o equilíbrio estático, apresentam problemas no equilíbrio dinâmico. O atleta desta classe tem as funções necessárias para correr.



Figura 6. Atleta da classe 5 (adaptado de Peacock, 1988).

Classe 6 – Atetósico moderado.

Contrariamente aos indivíduos da classe 5, nestes o equilíbrio dinâmico pode ser melhor que o estático. Três ou quatro das extremidades mostram dificuldades funcionais nos movimentos relacionados com o desporto.



Figura 7. Atleta da classe 6 (adaptado de Peacock, 1988).

Classe 7 – Hemiplégicos ambulantes.

Os atletas desta classe caminham sem meios auxiliares, sendo assegurada uma boa capacidade funcional no lado dominante do corpo.



Figura 8. Atleta da classe 7 (adaptado de Peacock, 1988).

Classe 8 – Diplégicos minimamente afectados

Estes atletas podem correr e saltar livremente, sem ser necessário o recurso a sapatos ortopédicos ou ortóteses. Podem apresentar uma ligeira perda da função provocada pela incoordenação, geralmente observada nas mãos.



Figura 9. Atleta da classe 8 (adaptado de Peacock, 1988).

De realçar ainda que os atletas da classe 1 à classe 4, inclusive, se deslocam em cadeira de rodas, ao passo que os da classe 5 à classe 8 são ambulantes, isto é, não necessitam de qualquer meio de auxílio para se deslocarem.

Concluído que está este ponto, que teve como principal objectivo elucidar e esclarecer as questões relativas à caracterização desta deficiência e ao sistema de classificação funcional dos atletas com PC, faremos agora fazer referência ao Boccia, jogo que em 2000, nos Jogos Paralímpicos de Sydney, colocou o nosso Portugal no 2º lugar do pódio em termos do número total de medalhas (Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes - FPDD, 2001).

3.2 O Boccia

3.2.1 Abordagem histórica

Na opinião de Brochado (2001, p. 32), “o início do Boccia ficou perdido na escuridão do tempo”.

De facto, muitas são as versões relacionadas com a origem do Boccia. Marta (1998, p. 107) assevera isso mesmo, alegando que “existem várias versões relacionadas com a origem desta antiga modalidade. Muitos autores e organismos desportivos apontam as várias versões de uma forma muito resumida e sem referências das suas consultas, não sendo possível, por esse facto, aceitar as informações por estes veiculadas, o que nos leva à ilação de que são necessárias mais pesquisas sérias, ao nível das origens do Boccia”. Uma dessas versões é difundida por Rodrigues (2001), situando o autor a origem do Boccia na antiga civilização Grega, a partir da qual evoluiu ao longo das civilizações posteriores como a Romana.

Embora se tenha tornado modalidade paralímpica nos Jogos de Barcelona em 1992, o Boccia integrou pela primeira vez o Programa Oficial Paralímpico nos Jogos de Nova Iorque, em 1984. Desde então, a modalidade tem sido alvo de um enorme desenvolvimento. Prova disso mesmo são as palavras de Jones (1988, p.173) quando afirma que “o Boccia representa um dos maiores desafios e um dos desportos de mais rápido crescimento oferecido aos indivíduos com PC”.

Sendo uma modalidade específica para a PC, os seus praticantes possuem grandes limitações a nível motor. Assim sendo, o gesto técnico pode ser efectuado com as mãos, com os pés, ou mesmo com recurso a um dispositivo auxiliar, comumente designado por “calha”, destinado aos jogadores com reduzida mobilidade nos membros, podendo o movimento técnico ser executado com a extremidade mais funcional do corpo (Rodrigues, 2001). Na mesma linha de pensamento, e de acordo com Marta (1998), existe uma aparente contradição entre os requisitos técnicos da modalidade e as limitações motoras dos atletas, pois “é uma das poucas actividades que requer

elevados níveis de habilidade, mas que pode ser executado com mestria por indivíduos com deficiências severas” (*id.*, p. 114).

3.2.2 Desenvolvimento da modalidade

A nível internacional, o Boccia desenvolveu-se de modo a proporcionar aos atletas com PC mais severa, a oportunidade de mostrarem a sua *performance* e o seu alto nível competitivo (CP-ISRA, 2001 - 2004).

De acordo com Marta (1998) e Correia (2002), o Boccia foi introduzido em Portugal em 1983 pela Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral (APPC), aquando da realização do *Primeiro Workshop de Desporto para a PC*, realizado no Algarve e efectuado por técnicos britânicos pertencentes à CP-ISRA. Inicialmente, a modalidade começou a desenvolver-se nas APPC's, através dos seus Núcleos Regionais e, mais tarde, em Clubes Desportivos, nomeadamente no Estrela Vigorosa Sport e no Futebol Clube do Porto (Brochado, 2001).

Apenas um ano depois, em 1984, dois importantes acontecimentos iniciaram a caminhada triunfal desta modalidade no nosso país: a realização do 1º Campeonato Nacional de Desporto para a PC, em Lisboa, e a primeira participação internacional de Portugal nos Jogos Paralímpicos de Nova Iorque, onde conseguimos o primeiro lugar na prova de equipas (Rodrigues, 2001).

Depois deste feito, a APPC promoveu ainda mais a modalidade, levando-a a um crescimento “explosivo” nos anos subsequentes.

3.2.3 Caracterização do jogo

Segundo a CP-ISRA (2001 - 2004, p. 45) o Boccia é definido como um jogo com “sentido e espírito semelhantes aos do Ténis”. Embora a presença de público seja encorajada, é importante referir que todos os presentes devem permanecer em silêncio, principalmente nos momentos de lançamento por

parte dos jogadores. No entender de Correia (2002), o próprio jogo e a competitividade que lhe está inerente, seriam bem mais motivantes e emotivos se o barulho fizesse parte da sua realização.

Fazendo uma breve referência às características do campo de jogo e aos materiais utilizados, destacamos que o Boccia pode ser praticado individualmente, em pares ou em equipas (de três elementos), num campo com 12,5 metros de comprimento e 6 metros de largura (o qual se faz representar na figura 10), e por um total de 13 bolas – uma bola branca, denominada “Bola Alvo” ou “*Jack Ball*” (CP-ISRA, 2001 - 2004), seis bolas azuis e seis bolas vermelhas – revestidas a pele, permitindo não somente ser seguras e lançadas por pessoas com grandes dificuldades de apreensão, mas também reduzir a possível vantagem do factor força, fazendo assim apelo à habilidade e à inteligência (Anacleto, 2005). Na mesma linha de pensamento, Branco (2002) acrescenta que o Boccia se caracteriza por ser um jogo altamente estratégico, exigindo do seu praticante o desenvolvimento de habilidades e movimentos precisos. Para além disso, para que a resolução dos problemas que vão surgindo seja realizada com sucesso, o atleta terá que apelar à sua capacidade de observação e concentração. O principal objectivo do jogo consiste em aproximar o maior número de bolas azuis ou vermelhas da bola alvo.

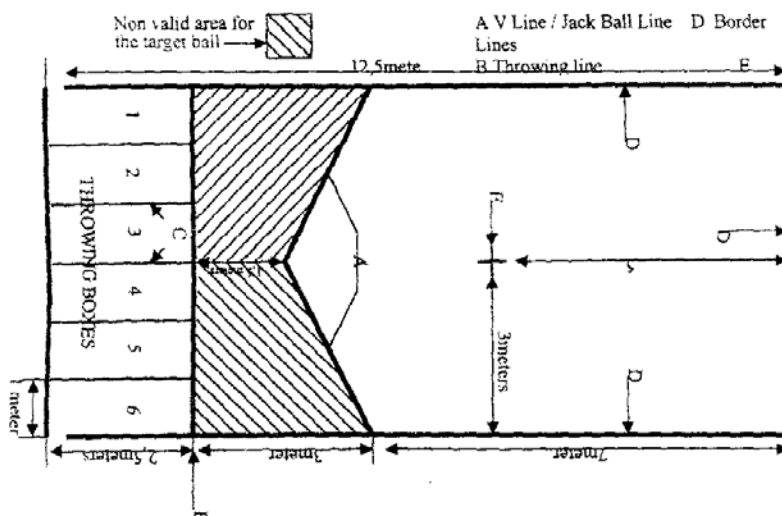


Figura 10. Campo de jogo de Boccia (adaptado do Manual da CP-ISRA, 2001 - 2004).

Para a prática do Boccia de alta competição, apenas são elegíveis os atletas classificados na classe 1 e 2 da CP-ISRA anteriormente referidas (classes que abrangem indivíduos com problemas de coordenação e controlo motor mais graves), sendo posteriormente subdivididas em outras, unicamente dirigidas ao Boccia.

Assim, o jogo contempla seis classes, sendo que em todas elas podem participar atletas de ambos os sexos. Tendo como principal referência, uma vez mais, a Associação que tutela o desporto para a PC, apresentamos de seguida as classes existentes (CP-ISRA, 2001 - 2004):

Individual BC1

São elegíveis para competir nesta classe os atletas classificados pela CP-ISRA como pertencentes à classe CP1 e CP2 (L) - atletas que jogam com o pé, como nos mostra Peacock (1988) na Figura 11.



Figura 11. Atleta da classe 2 (L) (adaptado de Peacock, 1988).

Individual BC2

Esta classe abrange os atletas classificados na classe CP2 (U) - atletas que jogam com a mão.

Individual BC3

Abarca os atletas com disfunções motoras muito severas nas quatro extremidades, de origem cerebral ou não cerebral – atletas que utilizam calha, dispositivo auxiliar para a realização do acto de lançamento.

Individual BC4

Compreende os atletas com uma disfunção motora severa nas quatro extremidades, para além de um controlo dinâmico pobre do tronco, de origem não cerebral ou de origem cerebral degenerativa. Esta classe foi criada mais recentemente, em 1996, permitindo a competição desportiva a atletas portadores de outro tipo de deficiências, como por exemplo distrofias musculares, traumatismos vértebro-medulares, entre outros.

Pares BC3 e BC4

Para jogadores classificados como elegíveis para competirem na divisão individual BC3 e individual BC4 respectivamente.

Equipas BC1 e BC2

Por fim, na competição por equipas participam os atletas classificados como elegíveis para a divisão individual BC1 e BC2. Cada uma inclui três jogadores em campo, permitido o regulamento ter um ou dois suplentes, se estes forem de classe diferentes (um BC1 e um BC2).

3.3 Deficiência Motora – Amputação

No quadro geral de classificação dos diferentes tipos de deficiência, a Amputação enquadra-se no grande grupo das Deficiências Físicas, mais especificamente no quadro das Deficiências Motoras.

Rodrigues (1983, cit. por Sousa, 2006, p. 14), define DM como uma perda de capacidades, originada por uma lesão (congénita ou adquirida) nas estruturas reguladoras e efectoras do movimento no Sistema Nervoso, afectando directamente a postura e/ou o movimento.

Ainda segundo o mesmo autor, a classificação dos indivíduos portadores desta deficiência é realizada tendo em conta a estrutura lesada, o facto da lesão ser a nível central ou não central, e a forma de aquisição e evolução da própria deficiência ou *handicap* (desvantagem).

Sendo que na DM as lesões de tipo não central ou de origem não cerebral podem ser classificadas como temporárias, definitivas ou evolutivas, (Sousa, 2006), tendo em consideração os objectivos do nosso estudo, estamos em condições de afirmar que as Amputações, sendo de origem não cerebral, assumem um carácter definitivo.

3.3.1 Definição e Etiologia

De acordo com Palmer e Toms (1988), Silva (1991) e Sousa (2006), podemos definir uma Amputação pela ausência definitiva de uma parte do corpo, resultante de problemas congénitos, quando um membro ou parte dele não existe desde o momento do nascimento, ou de problemas adquiridos, originando a remoção de um membro doente ou lesionado.

Para Adams et al. (1985), uma Amputação pode ser entendida como a remoção total de um membro ou parte dele, sendo consequência de um acidente ou necessária como medida de prevenção da vida.

Segundo Cantista (1996, cit. por Teixeira, 1998, p. 32), “uma amputação é a perda de um segmento corporal acarretando uma agressão à estrutura global do indivíduo, decorrendo da alteração da sua imagem corporal”, não causando somente um transtorno a nível motor, mas também a nível da representação do(s) membro(s) afectado(s) no Sistema Nervoso Central (SNC). O mesmo autor alerta para a necessidade de se efectuar a distinção entre Amputação e Agenesia – enquanto que a primeira, como foi referido anteriormente, se caracteriza pela perda adquirida de um segmento corporal, a segunda refere-se à ausência congénita de um membro (desde o momento do nascimento).

Também Bruandet (1996) realça este aspecto relacionado com o conceito e seus significados, afirmando que uma Amputação corresponde à ausência de um membro ou parte dele. Utilizando as palavras do autor, “a amputação designa, em sentido estrito, a intervenção cirúrgica que origina a própria amputação” (*id.*, p. 277). A Agenesia, geralmente apelidada de amputação “congénita”, é resultante de um defeito no desenvolvimento durante o período embrionário, sendo as malformações visíveis à nascença (*ibid.*, 1996).

Outra distinção é feita por Okamoto (1990), autor que diferencia o conceito de Amputação de um membro e o de deficiência ou redução de um membro – enquanto que a primeira é adquirida, uma vez que se refere à perda de toda ou parte de uma extremidade por trauma, doença ou cirurgia, a segunda é entendida como uma ausência congénita de toda ou parte de uma extremidade, sendo evidente ao nascimento, negando por isso a utilização do termo “amputação congénita”.

Embora partilhando da concepção de Okamoto (1990), DiRocco (1995) e Sherrill (1998) vão mais longe ao admitir a existência de categorias quando se reportam à deficiência ou redução, ou ainda à ausência congénita do(s) membro(s). Assim, de modo a simplificar e a permitir uma categorização prática e de rápida utilização, face à multiplicidade de casos existentes, os autores remetem para duas categorias: a “*dysmelia*”, que se caracteriza pela ausência total dos membros superiores ou inferiores, e a “*phocomelia*”, na qual se

enquadram os indivíduos com ausência de partes ou segmentos intermédios do membro (superior ou inferior), mas com as porções proximais e distais intactas, onde as mãos e os pés estão directamente ligadas aos ombros e às ancas respectivamente.

Após uma leitura atenta do que aqui foi exposto, facilmente nos apercebemos da existência de um vasto conjunto de definições, não sendo evidente a presença de um consenso, mas sim a emergência de um conjunto de divergências entre qual, ou que conceitos utilizar. Tudo isto nos leva a concluir que existe uma dificuldade generalizada em delinear uma definição para a Amputação.

Sendo que as causas que dão origem à Amputação abrangem um vasto conjunto de factores, consideramos importante mencioná-los, ajudando a melhor compreender a sua etiologia.

Reportamo-nos assim a autores como Adams et al. (1985), Porretta (1990) e Arga (1997), e à divisão das causas por eles estabelecida em quatro categorias: malformação congénita, tumor, trauma ou doença.

A primeira categoria circunscreve a ausência de uma parte ou de todo o membro, existente já no momento do nascimento. Por seu lado, a segunda categoria reporta-se aos casos em que é necessário recorrer à Amputação, parcial ou total, para interromper uma doença maligna. Já a Amputação traumática é o resultado de um distúrbio físico repentino, originado, por exemplo, por acidentes com automóveis, com armas de fogo ou com maquinaria pesada, e que pode remover um membro ou provocar uma lesão extensa, sendo necessário recorrer a uma intervenção cirúrgica. Por último, uma Amputação pode também ser requerida como resultado de uma doença, nomeadamente aquelas que causam problemas circulatórios, como a diabetes e a aterosclerose. Nestes casos, o sangue circulante não é suficiente para permitir a troca celular normal.

Para além dos autores supramencionados, podemos também expor as ideias, uma vez mais, de Palmer e Toms (1988), os quais indicam como causas mais comuns de uma Amputação adquirida, para além das indicadas, aquelas

devido a uma lesão ou patologia vascular – onde a irrigação dos membros inferiores pode ser obstruída por um trombo ou êmbolo –, devido a infecções – que podem colocar a vida em perigo –, e, finalmente, devido a lesões térmicas, químicas ou eléctricas – que podem causar danos graves nos tecidos humanos.

Relativamente às Amputações congénitas, O'Sullivan et al. (1993) referem que elas ocorrem no útero, sendo resultado de estímulos como a toxicidade às drogas, má formação, ou estrangulamento pelo cordão umbilical. Por conseguinte, ao nascimento, a forma do membro vai variar, podendo, no entanto, adquirir vários graus de função motora.

3.3.2 Classificação da Amputação

Como afirma Porretta (1990) e como ilustram Adams et al. (1985), através da próxima figura, as Amputações têm sido historicamente classificadas de acordo com o local e com o nível anatómico onde são praticadas.

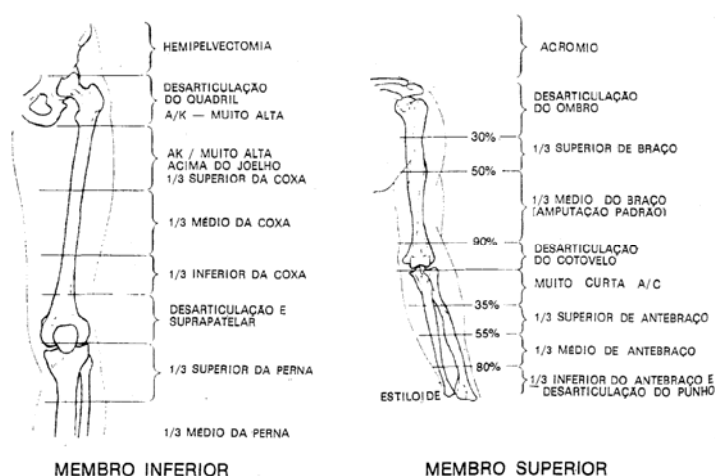


Figura 12. Classificação da Amputação do membro inferior e superior (adaptado de Adams et al., 1985).

Analisando a figura, facilmente constatamos a existência de uma multiplicidade de níveis de Amputação. Assim, no caso do membro superior, podemos decompor esses níveis em cintura escapular (desarticulação inter-escápulo-torácica ou desarticulação gleno-úmeral-acrômio), amputação do braço (1/3 superior, médio e inferior), desarticulação do cotovelo, amputação do antebraço (1/3 superior, médio e inferior), desarticulação do punho e amputações parciais da mão. No que ao membro inferior diz respeito, os níveis de Amputação podem-se estabelecer em cintura pélvica (hemipelvectomy ou desarticulação da anca), amputação da coxa (1/3 superior, médio e inferior), desarticulação do joelho, amputação da perna (1/3 superior, médio e inferior), amputação do tornozelo (Syme, Boyd e Piragoff) e amputação do pé (ao nível do tarso - Chopart e Lisfranc, nos transmetatarsianos ou dedos do pé) (Teixeira, 1995).

Descrita que está a classificação genérica da Amputação, importa realçar que a nível desportivo, os indivíduos portadores desta deficiência serão sujeitos a uma nova classificação, denominada classificação funcional, semelhante à anteriormente referida para os atletas portadores de sequelas de PC.

3.3.3 Classificação Desportiva ou Funcional

Relembrando que um dos nossos casos em estudo apresenta uma malformação congénita do antebraço direito, e é praticante de Natação de alto nível, importa perceber a forma como estes atletas são classificados no âmbito da sua prática desportiva.

Neste contexto, é a *International Sports Organization for the Disable*, (ISOD) que classifica os atletas, mediante uma base funcional. Nesta, não é tida em consideração a etiologia da Amputação (Shephard, 1990), ou seja, a classificação não distingue se a Amputação é congénita (presente já no momento do nascimento), ou adquirida (perda de um ou mais segmentos

corporais ao longo da vida), utilizando como critérios o nível de Amputação e o número de membros amputados (Sousa, 2006).

Contrariamente, o regulamento é bastante rigoroso relativamente à utilização de próteses ou ortóteses, não sendo permitido, por exemplo, o seu uso em modalidades como a Natação (Silva, 1992).

De acordo com a ISOD e com o *International Paralympic Committee* (IPC, 2006), constatamos que a classificação desportiva para estes atletas se encontra dividida em 9 classes:

- Classe A1: dupla amputação acima do joelho (ou femural);
- Classe A2: simples amputação acima do joelho (ou femural);
- Classe A3: dupla amputação abaixo do joelho (ou tibial);
- Classe A4: simples amputação abaixo do joelho (ou tibial);
- Classe A5: dupla amputação acima do cotovelo (ou umeral);
- Classe A6: simples amputação acima do cotovelo (ou umeral);
- Classe A7: dupla amputação abaixo do cotovelo;
- Classe A8: simples amputação abaixo do cotovelo;
- Classe A9: amputações combinadas dos membros superiores e inferiores.

Com este sistema, facilmente ficamos a perceber que a classe A8 representa uma melhor habilidade funcional, relativamente à classe A1.

Sendo esta uma classificação geral para a prática desportiva dos indivíduos amputados, existem muitas outras, exclusivas para cada modalidade. Assim, e tendo em consideração uma vez mais o âmbito do nosso estudo, vamos fazer uma breve caracterização da classificação específica para os atletas praticantes de Natação.

A Natação é o único desporto que combina, ou reúne, indivíduos com Amputações, Paralisia Cerebral, Distrofia Muscular, Deficiência Visual, entre outras deficiências, num único sistema de classificação (IPC, 2006):

- Classe 1-10 para nadadores com Deficiência Física;
- Classe 11-13 para nadadores com Deficiência Visual;

- Classe 14 para nadadores com Deficiência Intelectual.

A classificação dos nadadores com Deficiência Física é baseada em diversos factores, tais como: força muscular, coordenação, combinação entre a amplitude de movimentos e/ou comprimento dos membros. Para além de contemplados estes factores, é pedido aos nadadores que demonstrem o seu desempenho nos quatro estilos de nado.

Concluído o processo, os atletas são classificados da seguinte forma:

- 10 Classes (S1-S10) para os estilos Livre, Costas e Mariposa;
- 10 Classes (SM1-SM10) para o *Individual Medley* (provas de Estilos, de 200m ou 400m, com a seguinte ordem de nado: Mariposa, Costas, Bruços e Livre), e;
- 9 Classes (SB1-SB9) para o estilo Bruços.

O prefixo “S” antes da classe representa os estilos Livre, Costas e Mariposa, o prefixo “SB” representa o estilo Bruços, e o “SM” representa o *Individual Medley*.

Dado o elevado número de classes, é pertinente que façamos uma descrição detalhada de cada uma delas, no sentido de ficarmos a compreender como são distribuídos os atletas, tendo em consideração as suas capacidades e características físicas, anteriormente comprovadas. Assim sendo, expomos de seguida o sistema de classificação funcional aprovado pelo IPC – Swimming, que nos alerta para o facto de que o sistema de classificação perfeito, que satisfará tudo e todos, nunca existirá, já que cada pessoa é única, e o espectro de deficiências é muito vasto.

S1 SB1 SM1

Nadadores com graves problemas de coordenação nos quatro membros, ou nadadores que não utilizam os membros inferiores, o tronco, e as mãos (apenas os ombros), nadando, geralmente, o estilo Costas. Normalmente, os

nadadores incluídos nesta classe estão dependentes de uma cadeira de rodas e de terceiros para a satisfação de todas as suas necessidades diárias.

S2 SB1 SM2

Nadadores aptos a utilizarem os membros superiores, sem utilização das mãos, dos membros inferiores ou do tronco, ou com problemas severos nos quatro membros.

S3 SB2 SM3

Nadadores com uma braçada razoável, mas sem utilização dos membros inferiores ou do tronco; nadadores com severos problemas de coordenação e com amputações graves nos quatro membros.

S4 SB3 SM4

Nadadores que utilizam os membros superiores, com uma debilidade mínima nas mãos, mas que não utilizam o tronco ou os membros inferiores; nadadores com problemas de coordenação que afectam todos os membros, predominantemente os membros inferiores; nadadores com amputações graves em três membros.

S5 SB4 SM5

Nadadores com funcionalidade total dos membros superiores e das mãos, mas sem funcionalidade do tronco ou dos membros inferiores; nadadores com problemas de coordenação em todos os membros.

S6 SB5 SM6

Nadadores com funcionalidade total dos membros superiores e das mãos, com algum controlo do tronco, mas sem funcionalidade dos membros inferiores; nadadores com problemas de coordenação (geralmente são ambulantes); nadadores com amputações graves, usualmente nos dois membros do mesmo lado; nadadores com um tipo específico de dimorfismo (< 130cm para indivíduos do sexo feminino e < 137cm para indivíduos do sexo

masculino). As exceções são os indivíduos com dimorfismo, abrangidos pela classe SB6.

S7 SB6 SM7

Nadadores com utilização plena dos membros superiores e do tronco, com alguma funcionalidade dos membros inferiores; problemas de coordenação ou de fraqueza no mesmo lado do corpo; amputações mais graves em dois membros.

S8 SB7 SM8

Nadadores com utilização plena dos membros superiores e do tronco, com alguma funcionalidade dos membros inferiores; amputações em dois membros; nadadores sem utilização de um dos membros superiores.

S9 SB8 SM9

Nadadores com graves problemas de fraqueza num dos membros inferiores; nadadores com pequenos problemas de coordenação; nadadores com amputação de um membro. (Se não houver nenhuma indicação médica que prescreva o contrário, estes atletas podem iniciar as suas provas fora da água).

S10 SB9 SM10

Nadadores com mínima fraqueza nos membros inferiores; nadadores com restrições do movimento na articulação da anca; nadadores com deformações em ambos os pés; nadadores com uma amputação mínima num dos membros.

Completa esta descrição, damos por concluída a nossa fundamentação relativa à caracterização das deficiências. Porém, quando nos reportamos à Amputação, torna-se importante fazer uma abordagem, por mais pequena que seja, àquilo que é denominado por “membro fantasma”. É a isso mesmo que nos propomos realizar de seguida.

3.3.4 O Membro Fantasma

Este interessante fenómeno, designado por membro fantasma, que nos capta a atenção só com a própria terminologia, simultaneamente simbólica e misteriosa, tem sido objecto de estudo ao longo dos tempos, havendo relatos da sua descrição na literatura médica já no século XVI (Woodhouse, 2005).

É um facto que a experiência do membro fantasma é extraordinariamente comum entre os amputados. De igual modo, também o é a terrível dor que por vezes se sente nos membros invisíveis (Melzack, 1997).

Como referem Palmer e Toms (1998) e Silva (2005), as sensações do membro e dor fantasma são percebidas pouco tempo depois da amputação, ou seja, após a remoção accidental ou cirúrgica de uma região do corpo, e sentidas por quase todos os amputados (com excepção dos congénitos) – o indivíduo amputado tem a sensação de que o seu membro ainda está ligado e é parte integrante do seu corpo.

Efectivamente, uma das características deste fenómeno, e provavelmente a mais admirável, é que o membro fantasma é sentido como sendo parte constituinte do próprio corpo – o membro fantasma assume-se como uma dimensão real, as suas qualidades sensoriais e localização precisa no espaço fazem com que o membro pareça tão real, até ao ponto de um indivíduo amputado tentar sair da cama e colocar o seu “pé fantasma” no chão, ou segurar um copo com a sua “mão fantasma”. Um pé fantasma, por exemplo, é descrito não apenas como real, mas inquestionavelmente, como pertencente à própria pessoa (Melzack, 1997). Este realismo aumenta com a presença de um vasto leque de sensações, tais como a pressão, o calor, o frio, e por diferentes tipos de dor (Halligan, 2002), afirmando Silva (2005) que a pessoa pode sentir a dor de um joanete que o membro amputado possuía, ou mesmo o incómodo de um anel apertado num dedo da mão. Para o autor, estes indivíduos não estão meramente a “recordar” sensações passadas, pelo contrário, estão a senti-las verdadeiramente, com absoluta intensidade, associadas a uma situação real.

Naturalmente que, de todas as sensações que possam ser sentidas, a dor, que é experimentada por 70% dos amputados, é a mais perturbadora e assustadora, podendo ser descrita como uma queimadura, um ardor, ou como uma câibra, casual e passageira, ou contínua e dolorosa (Melzack, 1997).

Embora muitos tratamentos tenham sido feitos e administrados para diminuir a dor e a sensação de membro fantasma, como medicamentos, tratamentos cirúrgicos e eléctricos e várias técnicas de relaxamento, a dor, em alguns casos, persiste indefinidamente (Palmer e Toms, 1998).

Merleau-Ponty (1999) trata este assunto de uma forma muito particular numa das suas obras (*"Fenomenologia da Percepção"*). Para o autor, o amputado sente o seu membro, assim como nós podemos sentir profundamente a existência de um amigo que, todavia, não está diante de nós. Assim, o braço fantasma, por exemplo, não é uma representação do braço, mas "a presença ambivalente" desse mesmo braço; o braço fantasma não é uma recordação, "ele é um quase-presente" – ele é, portanto, como uma "experiência recalçada, um antigo presente que não se decide a tornar-se passado" (*id.*, p. 121,127).

Tal como assinala Lima (1979), o corpo, quer seja a nível neurológico, psicológico ou psicanalítico, procura sempre uma unidade, uma totalidade. Deste modo, a autora reitera que o membro fantasma só aparece nos amputados traumáticos, como uma resposta a uma perda que atinge os seus registos mais recuados (como os perceptivos, os intelectuais e os afectivos), sendo, por isso mesmo, mais frequente nos adultos.

De um ponto de vista neurológico, o fenómeno que temos vindo a descrever é imputado a um "mapa", o qual é paulatinamente construído a nível cerebral, como resposta aos mais variados movimentos e sensações sentidas num membro. Deste modo, quando um membro é amputado, a sua representação neurológica persiste, e os nervos (já cortados) continuam a emitir as suas mensagens (Melzack, 1999).

De acordo com Teixeira (1998), quando perdemos um segmento corporal, há como que um reinício, há como que a formação de um novo processo de reestruturação e de organização mental dos limites corporais que

se encontram presentes após uma amputação. Daí que, continua o autor, seja compreensível que o sistema nervoso central tenha dificuldades em fazer uma transição para um novo esquema corporal, que apresenta agora novos limites.

Voltando à perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, a existência do membro fantasma não admite nem uma explicação fisiológica, nem psicológica, nem uma explicação mista (embora possa estar relacionado com ambas as condições). De um ponto de vista fisiológico, poderíamos interpretar o membro fantasma como uma simples supressão ou a simples constância das “estimulações interoceptivas” – assim, o membro fantasma seria a presença de uma parte da representação do corpo que não deveria ser dada, já que o membro correspondente não existe. Todavia, se nos debruçarmos agora sob uma explicação psicológica, o membro fantasma transforma-se numa recordação ou numa percepção.

Tendo em consideração os objectivos que nos propomos atingir, a investigação por nós efectuada, nesta área tão restrita, não podia, naturalmente, ser muito exaustiva. Porém, mesmo com uma abreviada pesquisa, chegámos à conclusão que a explicação deste fenómeno não é ainda clara e evidente. Com interpretações semelhantes e díspares sobre o tema, os autores mencionados dão-nos a conhecer uma grande e complexa variedade de justificações, envolvendo diversos factores para a facticidade da existência do membro fantasma.

3.4 Corpo e Desporto: reflexões em torno desta relação

“Entre desporto e corpo as pontes estão constantemente lançadas”.
(In Bento, *O outro lado do desporto*, 1995, p. 225)

Discursar sobre o corpo nos dias que correm tornou-se um lugar comum. De acordo com Lacerda e Queirós (2005, p. 61), o corpo assume uma grande responsabilidade na sociedade ocidental contemporânea ao constituir-se como “o cartão de visita”, sendo através dele que nos damos a conhecer. Na mesma linha de pensamento, também Bento (1995) nos alerta para a necessidade de falar e reflectir sobre o corpo, já que o quotidiano o impõe diariamente e é através dele que a interacção (social) acontece.

Embora muitas realidades tenham sido alvo de estudo e de desenvolvimento no século XX, este, na opinião de Rodrigues (2005a), foi apelidado “o século do corpo”. Todavia, o mesmo autor alerta-nos para o facto de que ao longo da história e da evolução humanas, o corpo sempre existiu e que diversas práticas corporais foram emergindo conforme as épocas. Procuremos então perceber por que razão o século XX foi denominado “o século do corpo”. Para Rodrigues (2005a), o século passado conferiu ao corpo um estatuto multidisciplinar, revelando-se um rico objecto de análise em distintos âmbitos de estudo como a Filosofia, a Sociologia, entre muitos outros. Perante isto, tomamos consciência da dimensão e da complexidade do estudo do corpo, já que este acaba por conseguir reunir em si todas as áreas – é o corpo “o eixo central em que o conhecimento se estrutura, e dá sentido ao espaço em que actua pelos desafios que este coloca” (Neto, 2005, p. 17). Ele é, assim, um espaço privilegiado, propagando-se numa infinidade de sentidos, numa multiplicidade de rostos e valores (Gervilla, 2000).

Inequivocamente, para Cunha e Silva (1999, p. 201), “o lugar do corpo no território do conhecimento é consequência dos lugares que ele convoca para se perceber. Ao admitir que todos os territórios do conhecimento o atravessam, o corpo fica apetrechado para atravessar todos os territórios”.

Atendendo à concepção de Merleau-Ponty (1999, p. 122) – o grande impulsionador de uma concepção que deixou para trás o mero corpo-objecto e o redimensionou em corpo próprio – o corpo é o veículo do ser no mundo, e embora seja através do mundo que se toma consciência do corpo, também este se assume como “pivot do mundo”. O corpo é visto então como uma entidade activa que lida com o mundo à sua volta. Nesta perspectiva, o mundo persiste e perdura, mesmo antes de qualquer análise que possamos fazer dele. O mundo não é, assim, como que um objecto que transportamos connosco. Ele é o meio natural inesgotável – é no mundo que o homem se conhece, e o corpo, que é o nosso ponto de vista sobre o mundo, é, de igual modo, um dos objectos desse mundo. Neste sentido, “a carne do corpo” e a “carne do mundo” cruzam-se num jogo de dependências” (Cunha e Silva, 1999, p. 57), constituindo uma unidade de sentido indissociável que Merleau-Ponty designou por fenomenológica. E o que é a fenomenologia? De acordo com o autor, a fenomenologia preocupa-se, por um lado, com o estudo das essências, e, segundo ela, todos os problemas se concretizam em descrever e definir essências, como por exemplo a essência da percepção ou a essência da consciência. Por outro lado, a fenomenologia é também uma filosofia que reintegra “as essências na existência”, não tendo como pretensão compreender o homem e o mundo de outra maneira, a não ser a partir da sua “facticidade” (*ibid.*, p. 2). Em algumas das suas obras, o tema a decifrar e a interpretar é a percepção, entendida como uma experiência incorporada, em que o corpo é, naturalmente, o próprio terreno da experiência, colocando-se precisamente no centro da identidade pessoal.

Dantas (2001), que de igual modo desenvolveu o seu trabalho epistemológico sobre o método fenomenológico, reconhece Merleau-Ponty como um dos autores incontornáveis da fenomenologia. Ambicionando a construção de uma nova abordagem, Dantas (2001) define fenomenologia como a captação do sentido, colocando em evidência as “potencialidades de um ser humano corporeamente integrado em autonomia e comunicabilidade” (*ibid.*, p. 26), sendo que para o autor, existir é ter corpo, a existência é o próprio corpo.

Na mesma linha de pensamento situamos Gabriel Marcel (1889-1973), para quem, mais do que termos corpo, somos corpo, ou seja, nós não estamos para além do nosso corpo, nós somos o nosso corpo, e a única forma de o conhecer, é vivê-lo e experimentá-lo (Gervilla, 2000).

O espaço corpo não é apenas o lugar das sensações e percepções do ser, pelo contrário. O corpo permite a comunicação e a representação das experiências conferindo-lhes significado (Feijó, 1994). Apelando à visão de Nietzsche (1965, cit. por Gervilla, 2000) o corpo é um valor supremo, chegando o autor a definir o ser humano como sendo o seu próprio corpo, já que ele constitui o verdadeiro ser.

Por tudo isto, o homem não se pode desunir da sua corporalidade. O homem está incondicionalmente ligado a ela, estabelecendo com a mesma uma dupla relação: “Ser e Ter corpo”. Isto é, “o homem é corpo e tem um corpo”, podendo, em qualquer circunstância, empregá-lo como instrumento de efectivação da sua existência (Bento, 1995, p. 217).

Cruzando os vários e longos anos de história da Humanidade e perscrutando as diferentes épocas e civilizações que dela vingaram, diversas concepções de Homem brotaram da literatura. Com efeito, facilmente se compreende que com o passar dos tempos, a representação social do corpo tem vindo, indiscutivelmente, a sofrer mutações. Durante séculos, realça Baudrillard (1995), esforços desmedidos foram feitos para convencer as pessoas de que não tinham corpo, (afirmando-se uma espécie de época “pré-corpo”). Contrariamente, hoje teima-se em convencê-las do próprio corpo. Da mesma opinião partilha Crespo (1990), que estabelece uma relação de quase “oposição de tratamentos” dados ao corpo, já que de um ofuscamento a que estava submetido no passado, passamos rapidamente para a sua adoração. Deste modo, tal como afirma Lipovetsky (1983, p. 58) o corpo perdeu o seu estatuto de “materialidade muda”, de *res extensa* instituída por Descartes, em proveito da sua identificação e dignidade como “ser-sujeito”.

O regresso do corpo fez-se, de facto, mas de forma faseada. E hoje ele está de volta “por inteiro” às nossas reflexões, fazendo-se acompanhar pela alma e pelo espírito. Nas palavras de Garcia (1999, p. 127), o corpo “está de

volta na certeza que é, mas não é o único dado da nossa existência”. À luz deste entendimento, acrescentamos a ideia de Bento (2006), que considera o desporto um campo de criação, tanto do corpo como da alma. Neste sentido, mesmo entendendo o desporto como um fenómeno concreto que é, o autor considera-o “muito mais mistério”, ou seja, “é profano, mas visa o sagrado” (p. 166). Embora o desporto seja um excesso de corpo, onde este é visivelmente promovido, o espírito não é de todo desprovido e colocado na privação (Bento, 1998).

Para Johnson (1990), o corpo de cada um de nós é um projecto, é o resultado obediente de imposições e imperativos sociais. A este respeito, Rodrigues (2005a) testemunha que o tratamento que conferimos ao corpo é o reflexo dos valores e dos olhares que as diferentes épocas e sociedades sobre ele foram tendo. Para completar esta ideia, podemos então concluir que intervir sobre o corpo, é “construir uma sociedade e assegurar a sua continuidade” (Crespo, 1990, p. 573).

O corpo de todos nós e de cada um, o corpo humano, afigura-se como o mais dependente dos corpos, como o mais heterónimo. E o que distingue este corpo dos demais, “é o facto de fazer e de ser feito” (...), sendo a sua comunicabilidade, a sua abertura instável e permanente ao meio que faz dele um “ser” (Cunha e Silva, 1999, p. 24). Citando o mesmo autor, o corpo humano é, “de todos os corpos, (...) aquele que mais depende do lugar, e aquele que mais transforma o lugar” (*ibid.*).

Tal como assinala Daolio (1995), a sociedade expressa-se por meio de corpos diferentes, sendo possível analisá-los como uma construção cultural. Adicionalmente, todo o homem será portador de especificidades culturais no seu corpo, consubstanciando-se a individualidade de cada um “no e por meio do corpo”, através de um “processo de inCORPOração” (*ibid.*, p. 36, 39). Também DaMatta (1974, cit. por Daolio, 1995, p. 39), anos antes, exaltava esta ideia, declarando que “ (...) tudo indica que existem tantos corpos quanto há sociedades”.

Partindo da ideia de que durante todos os momentos da nossa vida somos aprendizes da natureza humana, uma boa parte dessas mesmas

aprendizagens é dedicada, segundo Brasão (1999), à socialização do corpo. Mais, é precisamente a sua (dupla) natureza, biológica e cultural, que o torna atractivo e encantador do ponto de vista das ciências sociais (*ibid*). A relação que o Homem estabelece com o seu corpo não permanece imutável ao longo do decurso da vida. Por conseguinte, o corpo é susceptível de mudança, não é algo estático; é outrossim, algo à procura e em busca de realização (Bento, 2006b). Deste modo, exacerbamos aqui a importância que assume o referencial mundo, o referencial sociedade e cultura, também em constante reconfiguração, quando a nossa intenção é a compreensão da nossa corporalidade.

Assim sendo, ao acompanhar o ritmo frenético da vida urbana e a mudança característica da pós-modernidade, o corpo mantém-se e perdura como o porto seguro do indivíduo, permanecendo como forma de interacção privilegiada e como potenciador de todas as realizações humanas. Deste modo, uma multiplicidade de experiências são passíveis de se realizar através do corpo, sendo que muitas delas se consubstanciam através da díade corpo-movimento, como é o caso do desporto, essa “linguagem universal” (Marques, 2006, p. 25).

Admitindo o pressuposto que o Homem é um ser em contínua realização, sendo uma das suas condições chegar sempre mais longe, concordamos com Costa (1999) quando simboliza e deixa patente no desporto esta vontade intrínseca do ser humano de ir mais além.

Parafraseando Elias e Dunning (1985), o desporto é, sem espaço para dúvidas, a maior das invenções e criações sociais que o ser humano produziu sem o planear, sendo que, para Araújo (1990), ele é a resposta a uma das principais reivindicações do corpo, que consiste na sua vontade de expansão. Neste sentido, o desporto encontra na corporalidade um dos seus valores essenciais, manifestando a unidade do “ser” e do “ter” (corpo) (Sobral, 1990).

Perante a grande riqueza do desporto, no dizer de Matos (2006) pleno de corpo e de movimento, o Homem está em condições de completar uma parte importante e peculiar da sua existência. Com isto, o desporto assume-se como um dos instrumentos de que o ser humano se serve para inscrever na

sua “natureza de protocorpo biológico e motor, uma condição sócio cultural” (Bento, 2006b, p. 159). Como nos diz Garcia (1999), ainda que seja o corpo biológico o suporte e o alicerce base do desporto, a essência deste último encontrar-se-á algures na cultura.

Estaremos assim em condições de afirmar que o desporto, definido enquanto domínio cultural, foi criado com o intento de “acrescentar próteses ao homem e assim enriquecer de sentido e significado a existência” (Bento, 2005, p. 39).

No entender de Bento (1995, p. 222), o desporto assume-se como um espaço onde “o corpo tem voz e fala”, “onde o corpo é interlocutor permanente”, para além de que no desporto, o movimento e o corpo humanos atingem um estado de realidade e de verdade. Ou seja, o movimento e o corpo não desaparecem no desporto – “desportivizam-se”. Deste ponto de vista, o desporto pode ser definido como “uma forma específica de lidar com a corporalidade, marcada por normas, regras e convenções sócio culturais” (*ibid.*, p. 205), exaltando, de certa forma, a função selectiva do corpo e a sua capacidade de se metamorfosear (Lacerda, 2004a). Também Cunha e Silva (1998a, p. 35) admite que o corpo deve ser entendido cada vez mais como um dos elementos indissociáveis do “par corpo-lugar”, e que a questão desportiva coloca com peculiar subtilidade o problema desta relação.

Merleau-Ponty (1999, p. 149) salienta que o corpo em movimento concede-nos a oportunidade de ver melhor como ele habita o espaço e o tempo, isto porque “o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo”, muito pelo contrário – “ele os assume activamente”. Deste ponto de vista, não devemos afirmar que o “nosso corpo está *no* espaço e *no* tempo”, mas sim que “ele *habita* o espaço e o tempo” (*ibid.*, p. 193). Por outras palavras, a experiência motora oferece-nos uma forma de ter acesso ao mundo, assumindo-se como um caso particular de conhecimento, sendo o corpo um espaço expressivo. Já em repouso, o corpo cinge-se apenas a uma massa sombria e tenebrosa. Com efeito, o corpo é “um ser identificável quando se move em direcção a algo, enquanto se projecta propositadamente para o exterior” (Merleau-Ponty, 1999, p. 431).

Como nos dá a conhecer Cunha e Silva (1999, p. 62), “desporto e motricidade implicam-se numa dependência mútua”. Nesta perspectiva, Marques (2000, p. 10) afirma que “o corpo fez-se comunicação numa linguagem motora, a linguagem mais universal”, constituindo-se o desporto como “a dimensão não-verbal da linguagem corporal”. Por fim, também Garcia (1999) sustenta que as várias formas de envolver o corpo no movimento nos podem conduzir a uma releitura da história do Homem.

Reflectindo sobre a relação que se estabelece entre corpo e desporto, Bento (1995) realça a importância de reflectir sobre o corpo no âmbito do desporto. Para o autor, o desporto, na sua evolução, transporta a história da civilização do corpo, despoletando sobre ele uma grande riqueza de olhares. Se tivermos presente esta ideia, percebemos a “peregrinação histórica” do corpo no desporto que o autor nos transmite, a qual nos parece fundamental reproduzir: Com os Gregos “foi ao estádio, (...) cultivou-se, aprendeu gramática e matemática, (...) namorou a beleza, a estética e a elegância (...). Perdeu nos Romanos o sentido da harmonia dos Gregos, (...) armou-se e exercitou-se como soldado, e voltou costas ao estádio”. Cruzou posteriormente “a Idade Média a pagar penitências, (...) a definhar-se em pestes, a arder em fogueiras. Como nobre foi cavaleiro, (...) andou em montarias e caçadas, foi a torneios oculto sob pesadas armaduras. Como povo também jogou, sempre quase às escondidas, (...) para não esquecer a sua condição de objecto desprezível (...). Reabilitado na Pedagogia antropológica e naturalista de Rousseau, o corpo (...) reassumiu a sua natureza sem complexos, esforçando-se na conquista de aproximação à alma. Mas foi traído, (...) e com os Filantropos (...) foi “instrumento” da alma, foi “servidor” e “transportador” do espírito (...). A revolução industrial e o capitalismo lembraram-lhe que devia ser forte para poder ser útil. Como inglês aprendeu a (...) ser desportista em colégios e clubes, cuidou das boas maneiras (...) e jurou fidelidade ao “fair-play”. Com Coubertin teve saudades ingénuas da Grécia, (...) transpôs fronteiras, tornou-se europeu e americano, (...) desporto moderno e organizado” (*ibid.*, pp. 226-228).

Depois desta viagem, ficamos conhecedores dos diferentes tratamentos que o corpo e o desporto foram tendo ao longo dos tempos, produto das variações de que foram alvo as várias culturas. De qualquer das formas, gostaríamos de deixar aqui patente, ainda que em traços muito gerais, as grandes mudanças que se fizeram sentir em relativamente tão pouco tempo, desde o século XVIII até aos dias de hoje.

Assentando as bases no triplo paradigma do triunfo, do rendimento e da organização, o desporto moderno nasceu com o capitalismo, começando a espelhar as mesmas regras da sociedade em que estava inserido, a qual assumia como princípios a racionalidade de uma revolução industrial. Face às condições criadas, o corpo era visto como um instrumento, utilizado para dar continuidade a um progresso que se desejava ilimitado. Já no desporto, esta ambição ganhou forma através da ideia do *recorde*, racionalizando as práticas e contemplando um tipo de corpo mecânico (Garcia, 1999; Crespo, 2005). O desporto moderno afigurou-se assim como um espaço, ou melhor, como um espelho da vida social, tendo sido denominado por muitos como um verdadeiro microcosmos da sociedade (Mariovet, 2006).

Mais recentemente, já no século XX, novos ideais surgiram e uma nova tríade ganhou expressão, convivendo com a anterior, qual seja a saúde, a beleza e a juventude. Assim, o rendimento (absoluto) começou a dividir o seu espaço com outras dimensões. Embora o trabalho ainda ocupasse a maior parte do tempo da vida dos cidadãos, sendo encarado como um dever social, o desporto e o corpo emergiram inspirados em valores preponderantes e dominantes, como o esforço, o dever e a moral (Garcia, 1999).

A pouco e pouco, o corpo foi-se constituindo alvo de cuidados e desassossegos, iniciando um projecto que Crespo (1990) definiu de libertação. Cada vez menos foi sendo encarado como um dado extrínseco, transformando-se num fenómeno de escolhas e opções (Giddens, 1997).

Nos dias de hoje vivemos um tempo em que o desporto anuncia uma grande pluralidade de sentidos e de cenários, tentando responder igualmente à pluralidade que emerge de corpos individuais. Como anuncia Bento (1995, p. 27) “o desporto (...) promove e disponibiliza formas muito distintas de usar

desportivamente o corpo”, sendo aquele “plural para corresponder à diversidade de corpos individuais” (*ibid.*, p. 226).

Neste sentido, concordamos com Weiss (2006) quando, em conformidade com tantos outros autores, afirma que o desporto é o fruto do seu tempo, tornando-se, provavelmente, na área que melhor ilustra os ideais da sociedade em que está inserido. A par de tudo isto, o desporto passou de influenciado e influenciador, constituindo um factor de transformação da sociedade, manifestando-se nos estilos de vida dos indivíduos (Bento, 2004) – a expansão da consciência e da descoberta do corpo constituiu a pedra de toque para a emergência de um vasto conjunto de tecnologias corporais e de práticas desportivas diferenciadas, enfatizando assim aspectos como a imagem, a figura e a forma (Bento, 2006a).

Por tudo isto, algo semelhante ao que anteriormente foi dito sobre o corpo, diz-se igualmente do desporto. Para muitos, o século XX foi o século do desporto. Houve mesmo quem o elegeisse como “o estranho século do desporto” (Marques, 2000, p. 15).

Concluimos então que numa abordagem do e sobre o desporto, afigura-se indispensável apelar e discorrer sobre o corpo humano. Isto porque é o corpo humano que confere existência a toda e qualquer cultura desportiva, independentemente do tempo e do espaço em que acontece (Vilas Boas, 2006). “Tudo o resto é mutável e cambiável, mas o corpo humano é sempre o protagonista da acção desportiva. Ele é, indispensavelmente, o motor da acção” (*ibid.*, p. 139).

O desporto é, deste modo – exaltando o pensamento de Bento, presente em tantas das suas obras – uma forma de interpretação do mundo através da corporalidade.

3.5 O Desporto, a *performance* e o corpo do (desportista) deficiente

“O desporto (...) não é tanto um acto de expressão do que em nós abunda.

É sobretudo um acto de criação daquilo que em nós falta”

(Bento, 2003, p. 21,

In Actividade física e desporto. Fundamentos e Contextos)

Contemporaneamente vivemos num tempo e num espaço onde o desporto atingiu um estatuto incontestável, onde quase todos encontram uma forma de se realizarem desportivamente, existindo uma pluralidade de modelos desportivos. Por isso mesmo, podemos considerá-lo, partilhando da opinião de (Garcia, 2005), como uma manifestação de transcendência humana, realizável através de várias formas.

Como realçam Garcia & Lemos (2005), o actual desporto consegue projectar-se para todas as idades e para todas as condições humanas, testemunhando deste modo toda a sua importância simbólica e demonstrando que é uma actividade aberta, não orientada única e exclusivamente para indivíduos com determinadas características específicas – independentemente da condição (física, mental ou sensorial) de que somos portadores, é a condição de se ser humano que fundamenta o desporto. O desporto adquire assim uma imensidão de sentidos, podendo constituir-se, nas palavras de Elias e Dunning (1992, p. 299), numa “das principais fontes de identificação, significado e gratificação na vida de muitas pessoas”.

De acordo com Garcia (1993), o desporto foi-se destacando e assumindo, a pouco e pouco, um lugar marcante no nosso quotidiano, ultrapassando mesmo as suas próprias fronteiras. E isso foi visível através do número crescente de concorrentes e de provas, do número de espectadores e de telespectadores de um evento, passando pela quantidade de periódicos dedicados unicamente ao desporto. Neste sentido, os meios de comunicação social contribuíram significativamente para a expansão e divulgação do

desporto, sendo na sociedade actual agentes socializantes com grande influência nos modos de vida.

Uma das práticas e uma das vertentes deste fenómeno que tem sido alvo de um desenvolvimento bastante significativo e expressivo é o desporto para pessoas portadoras de deficiência. De facto, esta prática tem vindo a desenvolver-se quer do ponto de vista quantitativo, quer do ponto de vista qualitativo, indo muito para além da sua função terapêutica e reabilitativa, como é o caso do rendimento – os Jogos Paralímpicos (JP), com os seus 50 anos de história, são disso o exemplo vivo (Pereira A., Silva & Pereira O., 2006). Com efeito, a versão reabilitativa não é a de maior relevância nos dias de hoje, tendo sido, no entanto, a vertente nuclear a partir da qual as restantes formas de desporto se multiplicaram e emanciparam (Marques, 1997).

Assim sendo, estando actualmente o desporto para deficientes em conformidade com o modelo de desporto vigente, novos desafios se elevam e se colocam aos seus praticantes. Enquadrado na lógica da sociedade actual e na lógica do desporto moderno, naturalmente que uma das dimensões mais aclamadas do desporto para deficientes não deixa de se enquadrar nos bons resultados e na mais alta *performance*, na busca dos melhores resultados e na conquista do *recorde* (Moura e Castro & Garcia, 1998). Deste modo, também aqui o ideal de aperfeiçoamento move e molda o desportista, concretizando o desejo de se superar; para além da competição interpessoal, é valorizada a competição consigo próprio, na descoberta do seu potencial e no alcance da vitória sobre si mesmo – “no esforço desportivo, o indivíduo auto constrói-se sem outro fim senão ser “mais” ele próprio” (Lipovetsky, 1994, p. 130). Igualmente aqui, no universo do desporto para deficientes, o corpo assume-se como o *corpo desportivo* de Bento (1995) e Cunha e Silva (1998b) – ele ganha voz, ou melhor, ele é a própria voz e, metamorfoseando-se, torna-se o intérprete e o narrador da sua própria história. Uma vez mais, o corpo como que desponta, simultaneamente mudo e eloquente, acompanhado por uma quase obrigação (disfarçada) de se falar sobre ele.

Viajando desde a civilização Grega até à nossa sociedade, denominada correcta ou incorrectamente de pós-moderna – definida essencialmente como

uma fase de transição (DaCosta, 1994) –, facilmente nos apercebemos que “o desporto sempre foi um local de excelência para a tematização do corpo”, e que este sempre exerceu um enorme fascínio sobre os Homens (Garcia, 1993, p. 12).

Recentemente, os desportistas têm vindo a ser considerados, por muitos, como verdadeiros heróis, levando à idealização de um processo de identificação com os mesmos. Como afirmam Moura e Castro & Garcia (1998, p. 207), numa sociedade caracterizada por mutações axiológicas constantes “o corpo assume-se cada vez mais como um instrumento de sedução”. Então, na esteira dos mesmos autores, aliada à *performance* emerge a dimensão corporal e a sua conjugação com a beleza, sendo esta imprescindível para o processo de identificação de tipo heróico (que muitas vezes não é mais do que uma forma de purificar as nossas próprias insuficiências). Anos antes, já Costa (1990) partilhava da mesma ideia, realçando que este processo, que denomina de heroicização, é levado a cabo, principalmente, pelos meios de comunicação social, através dos quais as vedetas do desporto são convertidas e transformadas em super-homens, ou mesmo, em semi-deuses – desvalorizados que estão os heróis guerreiros, os heróis modernos são os campeões desportivos (Santos, 1990).

Contudo, “a imagem corporal da pessoa com deficiência torna difícil a sua transformação em herói desportivo, naquele herói que procuramos imitar no modo de vestir, de agir, de falar ou, mais profundamente, de ser” (Garcia & Lemos, 2005, p. 40).

Reflectindo sobre o que atrás foi dito, ei-nos perante a necessidade de indagar como será o herói do desporto para deficientes, e de que forma este paradigma de identificação se materializa. Será que aqui a *performance* é elevada ao mais alto lugar do pódio, ou será que também a beleza do seu corpo condiciona toda e qualquer identificação com o atleta?

Não obstante a presença de muitas outras características que fielmente podem retratar o mundo actual, Pereira (2002) é da opinião de que estamos a viver uma “era da visibilidade” – “é como se da aparência dependesse a nossa situação no mundo social” (Garcia, 1993, p. 18). De entre os vários sentidos, a

visão surge como o mais importante, assumindo-se a imagem corporal como a condição humana mais valorizada, sendo esta dimensão rapidamente “confiscada” e ajuizada pelos outros (Garcia & Queirós, 1999). A imagem do corpo acaba assim por reflectir aquilo que somos, “havendo uma total interpenetração da categoria do ter com a do ser” (Garcia, 1997, p. 64). Deste modo, as características físicas contribuem para um sentimento de atracção ou de repulsão (Maisonneuve & Bruchon-Schweitzer, 1981).

Como salienta Vilas Boas (2006, p. 8), no desporto, “é a face mais visível que capta a nossa atenção enquanto espectadores”. Nesta perspectiva, o corpo (visível) do desportista deficiente, através da comunicação que transmite, aproximará ou, pelo contrário, afastará as pessoas de determinadas realidades sociais. Para Daolio (1995), os corpos expressam-se, unicamente, de forma diferente. Mas não existem corpos melhores ou piores.

Um dos argumentos de Durkheim (1968, cit. por Brasão, 1999), no que respeita à concepção do corpo, evoca a forma física como um incontestável factor de individualização. Embora para o autor o corpo não seja o único elemento de identificação social, é imperativo realçar a importância das suas formas e a influência que exerce, principalmente, nas posições afectivas, sendo a aparência um elemento deveras valorizado na história das relações humanas.

Na opinião de Moura e Castro & Garcia (1998), identificar-se com um atleta amputado, com um atleta que utiliza a cadeira de rodas como meio de locomoção, não é atractivo, mesmo que seja um grande campeão. O indivíduo amputado poderá desencadear, de acordo com Maisonneuve & Bruchon-Schweitzer (1981), reacções emocionais desagradáveis, isto porque possui uma aparência corporal que diverge das normas esteticamente vigentes – já que a nossa sociedade proclama por um corpo “bem feito”, belo, elegante e magro, de perfil desportivo (Alves, 1999; Queirós, 2002). Como diz Constantino (1993, p. 134), um corpo social que ocupa não só na cultura, mas também na moda e na publicidade, um lugar determinante, “onde o mito da forma, da elegância e do belo se casa com o arquétipo do homem e da mulher desportistas”, onde a diferença é quase encarada como deficiência (Cunha e

Silva, 1997a). Para Garcia (1998), este fenómeno, onde impera o desejo e o culto das boas formas, é designado por “coisificação” do corpo.

É um facto que à luz da publicidade o corpo do deficiente não é conotado como belo. Deste modo, na divulgação do desporto espectáculo, o atleta com deficiência estará sempre em total desvantagem. “Quer queiramos quer não, a visibilidade de uma medalha olímpica é bem diferente daquela proporcionada por uma medalha paralímpica” (Garcia & Lemos, 2005, p. 40).

Como nos diz Rodrigues (2005a, p. 43), “as marcas da deficiência encontram-se presentes no corpo. É o corpo que através da sua imobilidade, tipo de mobilidade, assimetria, rigidez, tremor, descontrolo, integridade, amputação, forma, expressão não verbal, etc., anuncia o que podemos designar como uma deficiência. (...) O corpo é assim o lugar primordial da deficiência”. Da mesma ideia partilham Dias (1996) e Brasão (1999), já que para ambas o corpo é encarado e constitui-se como o sustentáculo para a visibilidade e instauração da diferença.

3.6 A Estética do Desporto e o referencial Corpo

“Quando falamos de sensações estéticas falamos sempre de algo dificilmente explicável”.

(In Vilas Boas, *A cultura visual desportiva*, 2006, p. 160)

Partindo do pressuposto de que o desporto se assume como um fenómeno deveras complexo, o seu estudo reclama a presença de abordagens também elas complexas e globais. Deste modo, e porque acreditamos que a vivência estética é uma experiência que se dá no corpo – sendo impossível se o corpo não estiver presente –, é nossa intenção desenvolver neste ponto uma abordagem que terá a Estética do Desporto e o corpo como temas centrais.

O século XX e os seus cem anos caracterizaram-se pela redescoberta e pela reemergência de uma enormidade diversificada de saberes e áreas de conhecimento. Uma delas foi a Estética. De acordo com Perniola (1997), jamais como no século XX se verificou uma abundância de textos e escritos tão rica e de tão grande relevo sobre esta disciplina filosófica.

Ao longo da história da Humanidade, a História da Estética fez transparecer uma forte relação e associação dos seus valores aos valores morais – mesmo sem a existência de uma certeza fundamentada, assumia-se a identificação do ético e do estético, do bom e do belo (Marques e Botelho Gomes, 1990). No século V a. C. o bom e o belo traduziam o ideal de perfeição física e moral, “assumindo a grandeza humana um suporte físico pleno de harmonia estética”, como nos demonstra a estatuária grega, inspirada pelos corpos dos atletas da época (Garcia & Lemos, 2005, p. 26).

No entanto, seguindo esta linha de pensamento e contemplando perspectivas mais actuais, é importante ressaltar que a Estética contemporânea já não se encontra aprisionada no conceito de “beleza”, ela já não tem como fulcro legitimador o “belo” aclamado por Platão (427-348 a. C.). Tem sim, no seu lugar, a noção mais abrangente de “qualidade estética” ou “valor estético” (Lacerda, 1997, p. 19). Ou seja, não obstante a beleza estar no

cerne da discussão sobre a Estética, o seu conceito clássico (absoluto e atemporal) não abarca todas as possibilidades do estético, podendo ser apenas um conceito entre tantos outros (Porpino, 2003). De facto, a concepção clássica do belo, modelada na proporcionalidade, na medida, na simetria e na harmonia das formas, está relacionada com um modelo de beleza preconcebido – Apolo, por exemplo, é o símbolo do ideal de beleza grego, o Deus da medida, da ordem, da proporção e do equilíbrio, representante de uma beleza fundada na aparência (*id.*). Nesta perspectiva, concordamos com Porpino quando afirma que o ideal clássico de beleza não é exclusivo nem suficiente para envolver o universo estético nos dias de hoje: no mundo da arte “podemos perceber que inúmeras obras (...) contemporâneas negam o conceito clássico de beleza ao expressarem aspectos trágicos, aterrorizantes, retorcidos e pouco harmoniosos da realidade, sem no entanto serem descartados como objectos de grande valor artístico e estético” (*id.*, p. 152).

Atendendo à origem etimológica do termo estética, somos encaminhados para a palavra grega *aisthesis*, que significa “sensação” e “sentimento”, estando deste modo associado aos sentidos, à sensorialidade (em sentido objectivo), e, também, à sensibilidade (em sentido subjectivo) (Ferreira, Ximenez & Gottschalk, 1994, cit. por Lacerda, 1997).

Também Patrício (1993), reconhecendo que o belo se manifesta na experiência sensível, diferencia-a em dois níveis: o primeiro, a sensorialidade, a qual nos permite aceder apenas e só à sensação, e o segundo, a sensibilidade, que nos permite aceder à beleza. Deste modo, a beleza é mais rica que a pura sensação, já que é ela que nos proporciona a presença do valor estético. O autor confere assim à experiência estética uma tónica sentimental.

Porpino (2003) apoia-se em Dufrenne (1998) para realçar que é precisamente nesta relação, entre o sensível e o sentido, que o belo se manifesta, ou seja, tudo desponta não a partir do objecto (percebido) nem do sujeito (que percebe), mas sim da relação entre ambos. É a partir daqui que percebemos que a beleza não existe *a priori*. Ela existe sim como resultado da reciprocidade entre sujeito e objecto, como resultado de algo que não está fora do corpo, mas que é o próprio corpo, na tentativa de interpretar o mundo – e

aqui se instala o seu carácter subjectivo, na medida em que um objecto ou uma situação pode ser considerada bela apenas por alguns (Beardsley & Hospers, 1997; Porpino, 2003).

Tal como nos diz a perspectiva kantiana, o juízo estético não pode ser mais do que subjectivo, sendo o gosto um campo de opção pessoal, e a Estética uma “satisfação desinteressada e livre”, que dimana das imagens e do universo simbólico (Adorno, 1970, p. 21; Dufrenne, 1988, p. 17; Fernandes, 1999, p. 282).

Para Bayer (1997, p. 201), Kant (1724-1804) foi certamente o primeiro a declarar que o domínio estético não é conhecimento, mas é sentir, sendo que o que caracteriza a visão estética é o facto de ser única, exclusiva e imediata. Ao analisar o belo e o sublime, Kant enquadra-os para lá das concepções intelectuais e do entendimento, pelo facto de neles estar presente o elemento afectivo e uma satisfação qualitativa, produzindo um prazer partilhado, puramente subjectivo.

Nesta perspectiva, “a forma estética de contemplar o mundo é, geralmente, contrária à atitude prática, que apenas se interessa pela utilidade do objecto em questão”, ou seja, na observação estética, observamos algo pelo prazer que nos transmite (Beardsley & Hospers, 1997, p. 99). De acordo com os autores, aqui se consolida uma teoria subjectivista, a partir do momento que se considera que o que faz algo esteticamente valioso não são as suas propriedades, mas sim a relação que se estabelece entre o objecto e os “consumidores” estéticos.

No entender de Adorno (1970), intimamente ligada à autonomia estética está a ideia de liberdade. Da mesma ideia partilhava Hegel (1770-1831, cit. por Bayer, 1997, p. 305), para quem “o belo exige a liberdade, qualidade essencial ao espírito”. Assim, no seu entender, “no processo estético, o sensível é espiritualizado e o espiritual aparece como sensibilizado” (*ibid.*, p. 309).

Foi no século XVIII, com o alemão Baumgarten (1714-1762), que pela primeira vez, esforços foram feitos no sentido da concretização de uma separação entre a ciência do bom e do belo (Bayer, 1997) e que a Estética entrou no vocabulário do mundo moderno, querendo significar a ciência das

sensações (Hegel, ed. 1993). Quase duzentos anos depois, é no século XX que a Estética se vai autonomizando da “reflexão filosófica, da crítica literária e da história da arte” (Bayer, 1997, p. 13), vivendo um contínuo processo de enriquecimento e construção, comprometendo-se com a emergência de novos valores e categorias.

Para Cunha e Silva (1995), recorrendo à perspectiva e à mais-valia estética, estamos em condições de redimensionar e engrandecer o objecto. Deste modo, e remetendo para o nosso campo de estudo, podemos afirmar que a Estética do Desporto busca atribuir novos significados, busca a construção de novas análises para este fenómeno mediático que é o desporto, valorizando tanto o sujeito como o objecto da actividade (Lacerda, 2000). Da mesma opinião partilha Porpino (2003, p. 145), para quem a experiência estética se estabelece numa “relação de imanência entre sujeito e objecto”. Ainda de acordo com a Lacerda (2004a, p. 245), a Estética do desporto visa elevar-se a “lugar de passagem”, assegurando o acesso a “novas dimensões da criatividade e imaginação humanas”. Constatamos assim que apesar de a Arte se consubstanciar como uma das mais imperiosas possibilidades de vivência estética, esta não se cinge apenas e só ao campo artístico (Porpino, 2003). Pretendemos deste modo alargar as possibilidades da Estética e perceber que o tipo de experiência que ela nos concede se dá em múltiplos espaços, como por exemplo, no desporto, partilhando assim da opinião de Lovisolo (1997), para quem o desporto evoca a presença de elementos estéticos. Para o autor, a cultura actual caracteriza-se como “a cultura do espectáculo”, e estando o desporto integrado nesta lógica, ele transmite grandiosidade e emocionalidade, situando-se dentro do campo da observação e da interpretação estéticas; ele transporta uma “natureza quente”, capaz de fazer crescer os nossos sentimentos e sensibilidade, capaz de fazer aumentar a nossa carga emotiva (*ibid.*). Concordamos assim com Lovisolo, para quem “o desporto passou a ser predominantemente pensado na linguagem do gosto, do belo e do sublime, da sensibilidade, dos sentimentos e das emoções (*ibid.* p. 97).

Vilas Boas (2006) entende que o desporto não se representa somente no treino, na tática, no regulamento. No desporto, independentemente da modalidade, estão patentes “a alegria do movimento, o prazer de possuir um corpo saudável e bonito, (...) a partilha de emoções, que não são só desportivas, mas que podem, inclusivamente, ser estéticas. A partir de tudo isto, abrem-se novos mundos e uma nova visão do desporto, mais abrangente, mais receptiva, mais global e inclusiva” (*ibid.*, p. 150).

Na visão de Elias e Dunning (1985), o desporto autoriza, de uma forma muito particular, os sentimentos a fluírem livre e espontaneamente, destinando-se, de igual modo, a mobilizar e a estimular emoções. Dufrenne (1988) e Genette (1997, cit. por Lacerda, 2002) realçam que os objectos que não são considerados obras de arte podem, de igual modo, originar um julgamento e uma reacção de valor estético, quiçá ainda mais intensa. Percorrendo os mesmos trilhos de pensamento, Vilas Boas (2006, p. 75) enfatiza que no desporto, as sensações como que emergem de múltiplos níveis, “partilhando um forte cariz estético”.

Tendo como ponto de partida o trabalho realizado por Lacerda (2002a), intitulado “Elementos para a construção de uma Estética do Desporto”, e o estudo empírico nele desenvolvido, estamos em condições de afirmar que a “plástica do corpo humano nos diferentes movimentos inerentes às várias actividades desportivas” (*ibid.*, p. 225, 290) é um dos factores considerados como influenciadores da apreciação estética do desporto. Por meio da acção desportiva, o corpo configura-se, ele é representação, é expressão, não só para quem observa, mas também para quem realiza (Lacerda, 2004a) – tal como exalta Vilas Boas (2006), na actividade desportiva, o corpo é essencial como agente e elemento expressivo, ou, como profere Garcia (1999), o corpo evoca e reúne em si mesmo uma pluralidade de sentidos, os quais não se limitam somente a uma significação, nem tão pouco a algumas.

Concebendo o espectáculo desportivo como local de encontro entre o espectador e o actor (atleta), aquele transforma-se em local de criação (do resultado, de novas expressões e poderes sobre o corpo) e de produção cultural, tanto para o espectador como para o praticante (Constantino, 1990).

Lacerda (2002a, p. 23) argumenta que ao estabelecer-se uma relação entre desporto e estética, “essa relação vale por si, pelo que é capaz de proporcionar ao desportista, e também, (...) pelo que é susceptível de oferecer ao observador”. De modo semelhante, Witt (1989) sustenta que para muitos atletas e espectadores, a experiência estética é entendida como um dos aspectos mais cativantes do desporto, senão mesmo o mais fascinante.

Para Fisher (1972, cit. por Osterhoudt, 1991, pp. 145-146), o desporto constitui uma fonte muito rica de experiência estética. Assim, de acordo com o autor, podemos considerar o desporto como uma situação estética que integra e totaliza três aspectos principais: o atleta, ou artista, o espectador e o desporto, sendo este entendido como o produto estético. Deste modo, o atleta é considerado o criador e o espectador o observador do desporto, sendo este caracterizado como o objecto de criação.

Neste contexto, Cunha e Silva (1999) exalta como belo é o corpo do atleta em acção na prática desportiva, sendo que grande parte do protagonismo cultural do corpo desportivo é resultado do carácter estético que transporta. Ainda para o mesmo autor, este corpo desportivo é um corpo de versatilidades, de “variabilidades”, um “corpo-significado” (*ibid.*, p. 61, 62).

Para Nóbrega (2003, p. 141) o corpo é visto como uma comunicação gestual, sendo que a experiência estética amplia essa mesma comunicação, “afinando os sentidos e aguçando a sensibilidade”.

Lipovetsky (1992) testemunha a capacidade que o desporto tem de nos extasiar, quando ilustra as imagens daquilo que excede e supera as nossas capacidades (comuns): “a sua força reside no fascínio da *excepcionalidade* corporal tornada possível por via da competição”. O que está “no centro do poder do acontecimento desportivo é a sedução da *performance* atlética e a estética do desafio corporal” (*ibid.*, p. 134). Para Teixeira (1998) chega mesmo a causar admiração a forma como se enaltece e valoriza o belo e o poder manifestado pelo corpo de um atleta em pleno momento competitivo.

Nesta perspectiva, Constantino (1990) concebe uma análise interessante sobre o movimento do corpo humano nas competições, enaltecendo que a eficácia dos gestos é acompanhada, não raras vezes, pela

facilidade, pela beleza e pela economia dos movimentos. Deixa assim patente a possibilidade do corpo se expressar ao mais alto nível, celebrando simultaneamente “uma espécie de vantagem, de total comando sobre a acção muscular. Uma espécie de Carlos Paredes que interpretando uma obra difícil dá a todos quantos o ouvem e vêem, a impressão de extrema facilidade e total controlo dos movimentos das mãos e dos dedos ao tocar as cordas da sua guitarra” (*id.*, p. 84). Esta analogia, que se pode aplicar tanto aos desportos individuais como aos colectivos, reforça, segundo o autor, uma das suas componentes fundamentais – o seu valor estético.

Bento é outro dos autores que através das suas obras trata o tema do corpo e nos arrebatava para a necessidade de reflectir sobre ele. Por conseguinte, o autor situa o corpo no cerne da Estética do Desporto, afirmando convictamente que “uma das novas vias para a encenação do Eu passa pela revalorização estética, sendo o corpo elevado a fornecedor de sentidos” (*ibid.*, 1995, p. 204). Ainda de acordo com Bento (1997), a qualidade e a estética das formas, a par de tantas outras dimensões, faz parte integral da ideia do desporto. O desporto pode assim ser entendido como um modo de expressão, participando na aventura da descoberta dos segredos do corpo, tendo como preocupações fazê-lo, criá-lo, adaptá-lo e transformá-lo (Bento, 2006b).

De modo algo semelhante, Lipovetsky (1994, p. 136) entende que o desporto de alta competição “tende a assemelhar-se a uma *arte total*, um espectáculo onde os limites são ultrapassados na perfeição estética dos comportamentos”.

Merleau-Ponty (1999), na sua forma peculiar de expressão, estabelece uma analogia entre o nosso corpo e a obra de arte, considerando-o “um nó de significações vivas”. Seguindo esta linha de pensamento, o autor enfatiza que “um romance, um poema, um quadro, uma peça musical são indivíduos, seres em que não se pode distinguir a expressão do expresso” (*ibid.*, p. 210).

“Há, assim, a arte e os artistas da escrita, do som, das cores e da forma. Entretanto, há também o artista da bola no pé, do lançamento, do serviço, do salto (...) e do corpo na barra (...). Se a linguagem da Estética foi construída tomando como matéria-prima de reflexão os produtos dos artistas da cultura

erudita, nada impede que essa linguagem se desloque para os artistas do desporto” (Lovisolo, 1997, p. 98).

No desporto caminhamos assim, de acordo com Bento (2006b), para arte e para a criação, para a estética e para a harmonia, esgotando-se o campo do possível.

3.7 O corpo do desportista deficiente e a Estética: uma relação a desvendar

“O desporto carece de perguntas que não fiquem pela epiderme, mas que sejam movidas pelo desejo de sondar o mistério que nele habita, para que nele cresça e permaneça”.

(In Bento, *O outro lado do Desporto*, 1995, p. 270)

Optamos por iniciar esta abordagem com palavras de Rodrigues (2005, p. 7): “Quantos corpos temos? Um, é óbvio... Mas visto sob quantas perspectivas? Bom, isso é quase infundável...”. Simplesmente porque despertou em nós o desejo de também perspectivar o corpo sob um dos seus múltiplos pontos de vista – o ponto de vista estético. Tomaremos assim a liberdade de afirmar que as múltiplas representações possíveis do (e sobre o) corpo, assegurar-lhe-ão um protagonismo deveras complexo, muito para além do óbvio. O corpo é assim o nosso tema central, e é ele que nos vai permitir criar, ou recriar, um novo corpo de estudo. É como o Homem de Sérgio (1994, p. 83), “como um cristal em movimento. Mede-se, acima de tudo, pelo número de faces iluminadas”.

No entanto, teremos em atenção as palavras de Gil (1997), ao relembrares que qualquer discurso sobre o corpo enfrenta sempre uma resistência, que advém da própria linguagem, já que cada definição estará sempre determinada por um domínio cultural específico. Deste modo, tudo o que poderemos fazer não serão mais que “esclarecimentos parcelares sobre o corpo” (*ibid.*, p. 13).

Decorrido tanto tempo, desde de que o Homem é Homem, a necessidade de conhecer o corpo persiste. E um facto é que continua, em grande parte, a ser uma entidade desconhecida. Nas expressões de Rodrigues (2005, p. 8), “o corpo revela-se como um filão inesgotável e sofisticado de equilíbrios e funcionamentos que a pouco e pouco vamos conhecendo”, assumindo-se a corporalidade como a “vivência da subjectividade” (Sobral, 1990, p. 139). A perplexidade mantém-se e o fascínio urge (ainda) perante a

questão: “de que falamos quando falamos de corpo?” (Almeida, 1996, p. 2). Não obstante esta interrogação, Sérgio (1994) adverte que ela não nos deve inquietar, dado que o mistério da própria essência do Homem é para si mesmo a primeira das questões.

No plano de análise de Brasão (1999, p. 14), perseguindo o pensamento de David Le Breton, “o corpo encontra-se no domínio do *“insaisissable”*, do inapreensível, do difícil de alcançar ou aprender”.

O corpo, nos seus movimentos, nos seus silêncios e expressões, é a primeira forma de comunicação com o envolvimento. Muito antes da criança falar, já o seu corpo “fala”. Não obstante a permanente utilização da comunicação verbal, esta apoia-se, impreterivelmente, na comunicação corporal – “a linguagem verbal pode ser intermitente mas o corpo está sempre a emitir sinais que comunicam o seu interesse, desinteresse, cansaço, atenção, empatia, etc.” (Rodrigues, 2005a p. 37).

De acordo com Porto (1995), o relacionamento que simultaneamente estabelecemos com os outros e com a vida dá-se, essencialmente, pela comunicação e pela linguagem que o corpo é e possui. Atendendo ao facto de nos nossos dias várias formas de relação estarem rendidas a condições de não-presença, o acto de comunicação não deixa de ser um acto irredutivelmente físico (Brasão, 1999).

Considerado por Ferreira (2003, p. 266) como “um universo de aparências, movimentos e sensações, o corpo contemporâneo é um corpo comunicante”, multifacetado de sentidos, onde a sua epiderme alcança uma expressividade e um simbolismo únicos.

Dois dos aspectos peculiares da comunicação corporal são a *visibilidade* e a *expressividade* (Rodrigues, 2005a). Todos concordamos que a comunicação corporal tem um carácter de imediatismo – o corpo está sempre a comunicar, e a sua comunicação chega de imediato ao interlocutor. Intimamente ligada à *visibilidade*, está a imagem que o corpo transporta e que se unifica nele mesmo, sendo aquela, incontestavelmente, um dos vectores dominantes da comunicação contemporânea (Vilas Boas, 2006). Continua o

autor dizendo que “as imagens são uma linguagem indiscutivelmente forte”, e que o seu impacto toca “mais fundo no interior do ser humano” (*ibid.*, p. 15).

O visual constitui assim, na opinião de Ferreira (2003), uma segunda natureza do corpo, uma espécie de prótese ou prolongamento.

Para realçar a *expressividade* da comunicação corporal, evocamos aqui uma conhecida frase da bailarina Isadora Duncan: “Se pudesse dizer o que sinto não precisava de dançar”. O que aqui se anuncia é que determinados gestos podem ser, definitivamente, inexplicáveis por meio da palavra (Rodrigues, 2005, p. 38). No que à dança diz respeito, ela é, na opinião de Tércio (2005, p. 51), “em si mesma, corpo”, sendo condição *sine qua non* “que o lugar do corpo seja um lugar dinâmico”. Assim sendo, “a dança é movimento porque é corpo. E mesmo que este corpo não seja um ser em deslocação por diferentes lugares, ele está inevitavelmente em movimento, pois o movimento é condição da sua existência” (*ibid.*).

Após esta reflexão, e as outras anteriormente pronunciadas, onde navegamos pelos meandros do corpo e pelo recente caminho da Estética do Desporto, estamos em condições de nos transportarmos para outra dimensão, e (tentar) construir uma relação entre o corpo do desportista deficiente e a Estética. Tal como afirma Bento (2006b, p. 180) “há corpos na pluralidade e na diversidade do corpo desportivo que suscitam reflexão e inquietação”.

Na obra intitulada “*Fenomenologia da Percepção*”, de Merleau-Ponty (1999, p. 209), o autor apodera-se da nossa atenção com a afirmação “eu sou o meu corpo”. Quando cada um lê e diz para si mesmo “eu sou o meu corpo”, certamente que, e de forma quase imediata, se sente invadido por uma sensação de acção. É que de facto o *eu*, sendo o *eu o meu corpo*, alcança verdadeiramente a plenitude do seu significado e função quando está em acção, em movimento – no desporto estou em condições de cumprir o meu corpo, no desporto, o corpo “é o organizador do espaço, é um libertador de mensagens aprisionadas através da semântica do gesto” (Cunha e Silva, 1997b, p. 112).

Dito isto, concordamos com Marques (1993, p. 31) quando afirma que “goste-se ou não do desporto não se lhe pode ficar indiferente. Há nele sempre

algo que nos fascina – o esforço dos atletas, a ideia de superação, a beleza dos corpos, a plástica do movimento, as emoções...”. O corpo é assim, por meio da acção desportiva, um corpo representação e expressão.

Manifestando a pretensão de Lacerda (1997, p. 18), de “partir de uma outra perspectiva que permita redescobrir outros rostos do desporto ou, melhor, outros traços do mesmo rosto”, entramos num território designado Estética do Desporto. Neste, em detrimento do resultado final, é enfatizado o processo, a imprevisibilidade e a incerteza do seu desenvolvimento, a experiência de criação, que se consubstancia numa experiência qualitativa (Lacerda, 2002b).

Na experiência estética, originada pelo corpo em movimento, a superficialidade e a ligeireza da visão comum é deixada ficar para trás, dando lugar à profundidade do olhar estético que penetra as formas, as linhas, os volumes do corpo desportivo (Lacerda, 2004b). É o corpo, com mais ou menos “graus de liberdade”, a fonte do processo.

E o corpo do desportista deficiente? Que valores estéticos emergem desse corpo? Serão o processo e a experiência de criação desenvolvidos por esse corpo, igualmente detentores e transmissores de valores estéticos? Embora sejam escassos os estudos que abordam esta relação, é sobre ela que queremos reflectir.

A partir do momento que nos propomos realizar um trabalho desta natureza, impõe-se questionar o porquê. Grande parte da sua justificação advém do facto de o Homem, hoje, se perfilhar como um ser predominantemente visual (Moreira, 1995). Da mesma ideia partilha Pereira (2000), para quem a imagem corporal se constitui como um dos parâmetros mais relevantes do corpo. Os contornos colocados em evidência pela imagem tornaram-se, sem dúvida, dominantes na actual sociedade, principalmente nos meios urbanos ocidentais, instaurando-se a cultura em torno deste valor proeminente (Garcia & Lemos, 2005). Entendemos assim que a imagem corporal surge como um valor de grande importância na contemporaneidade, onde é reclamado incessantemente um ideal de juventude, relativizado ao que é visível e projectado para o exterior, “onde o *ser* é nitidamente subjugado ao *parecer*” (*ibid.*, p. 27).

Partindo destas premissas, certamente que todos, quase sem exceção, perceberão o impacto visual (aparentemente negativo) que o corpo do (desportista) deficiente poderá ter. Mas o que nos move, para além da aparência, é também a essência. A nossa atenção não recai somente na ideia física e existencial de corpo, mas também, e principalmente, no seu discurso, no diálogo da própria expressão corporal. De acordo com as ideias de Leibniz (1646-1716), “toda a estética dá à forma um lugar importante, sendo na sua diferença que reside a verdadeira originalidade”; “a forma brota, assim, necessariamente, do fundo do objecto, da sua essência” (Bayer, 1997, p. 175).

Tal como afirma Guedes (1995, p. 39), “ (...) a complexidade corporal reúne uma estrutura repleta de significados e significantes que permeiam toda uma existência”. Em consonância, o corpo surge no corpo anunciando a sua capacidade de revelação e de descoberta (Bento, 1998). Nele descobrimos e desvendamos “os outros e as diferenças que (...) formam a individualidade de cada um de nós. E nisso somos todos iguais” (*id.*, p. 129). O mesmo é dizer que todos têm lugar no desporto.

Perante este entendimento, a experiência estética pode ser pensada como uma possibilidade de transcender o conhecimento, já que ela nos proporciona e nos concede um lugar para viver a complexidade e a plasticidade do corpo, para interpretar um conjunto de informações (não criadas) já existentes no objecto (Porpino, 2003).

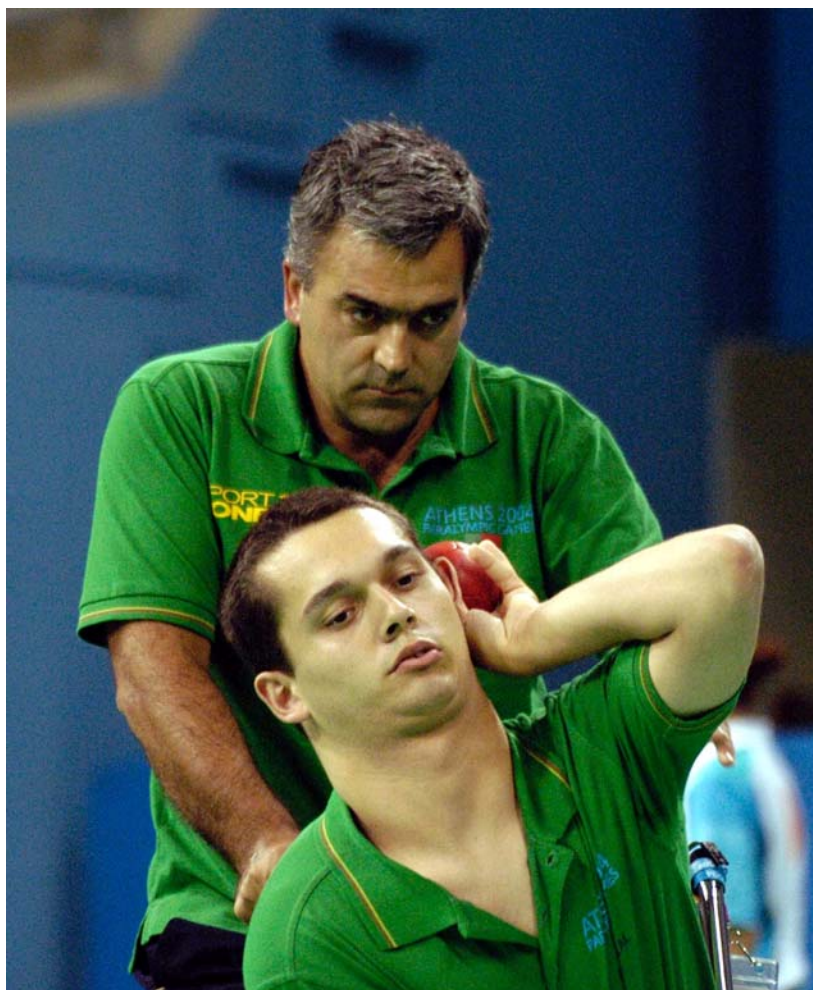
Na interpretação de Lacerda (2002a, p. 22), “a perspectiva estética cria uma forma de relacionamento com o real que não cabe no posicionamento habitual do nosso quotidiano”. Assim, este ponto de vista “tem sobretudo a ver com uma maneira de estar no mundo” (*ibid.*).

Na opinião de Gaya (2006), são imensos os discursos que se elaboram e que ganham forma sobre os corpos que se exercitam, chamando a nossa atenção para a imensidão de manifestações que ele próprio é capaz de produzir: “enganam-se aqueles que só vêem nos corpos desportivos manifestações da força, da velocidade, da flexibilidade, da resistência, da agilidade, do equilíbrio” (*id.*, p. 102). Para o autor, o corpo desportivo pode ser entendido do ponto de vista funcional ou relacional – o primeiro como

substância e o segundo como predicado. Na primeira abordagem, são realçadas as dimensões e as formas corporais – o corpo das proporcionalidades; na segunda, são elevados os desejos, as alegrias e as emoções – o corpo expressivo, que manifesta sentidos e traduz sentimentos (*id.*).

Por tudo isto, não devemos esquecer que ambos os olhares são importantes e de imprescindível presença quando o nosso objectivo é fazer sobressair expressões do corpo. Como afirma Gaya (2006, p. 108) “do ponto de vista da objectividade nosso corpo é imperfeito, do ponto de vista da subjectividade ele é incompleto”.

Como recordam Garcia & Queirós (1999, p. 25) “o desporto ao abrir-se a todos, abriu-se igualmente a outros corpos”, abrindo-se à individualidade estética dominante em cada um. Convictos de que as várias manifestações do desporto oferecem um universo mais amplo para discursar sobre a Estética, é nosso objectivo estudar concepções de beleza mais abrangentes, permitindo deste modo alcançar outras interpretações do belo, nomeadamente as que podem ser reconhecidas no corpo do desportista deficiente.



Fotografia cedida pela FPDD.

Fotógrafo José Júlio Alves. Jogos Paralímpicos 2004, em Atenas, na Grécia.

4. Procedimentos Metodológicos

“Seria negativo, se impedidos de tentar as virtudes do confronto, ficássemos limitados a um discurso monológico, ao reino fechado da monografia, e não nos atrevêssemos pelo terreno, instável mas fascinante, da intergrafia”.

(In Cunha e Silva, *O lugar do corpo*, 1999, p. 19)

4.1 Considerações sobre o estudo de caso

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a maioria dos investigadores das Ciências Sociais escolhe, para o seu primeiro projecto, um estudo de caso. Este consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico (Merriam, 1988, cit. por Bogdan e Biklen, 1994).

Tendo ainda em consideração a abordagem de Bogdan e Biklen (1994, p. 89), “o plano geral do estudo de caso pode ser representado como um funil”. Deste modo, o início do estudo é representado pela sua extremidade mais larga, onde os investigadores procuram locais ou pessoas que possam ser objecto do estudo ou fontes de dados. Ao encontrarem aquilo que pensam interessar-lhes, organizam então uma “malha larga” (*id.*, p. 89), tentando avaliar o interesse e a utilidade das fontes de dados para os seus objectivos. Posteriormente, procuram indicativos de como deverão proceder e qual a possibilidade de o estudo se realizar. Distribuindo e organizando o seu tempo, estão em condições de começar a recolha de dados, desenvolvendo outras ideias, para além das concebidas inicialmente. À medida que vão conhecendo e aprofundando melhor o tema em estudo, os planos a desenvolver e as estratégias a colocar em prática vão sendo alterados e seleccionados. Com o passar do tempo, tomam decisões no que diz respeito aos aspectos específicos do contexto que irão estudar – as actividades de pesquisa e a recolha de dados são assim orientadas para sujeitos, assuntos e/ou temas, passando de uma fase de exploração alargada, para uma área mais restrita de análise dos dados.

Concluimos então, que um estudo de caso consiste numa análise de descrição detalhada, que tem como finalidade compreender de forma rigorosa uma realidade particular. Tal como afirma André (1995, cit. por Manso, 2004, p. 49), “o estudo de caso enfatiza o conhecimento do particular”, ou seja, o pesquisador selecciona uma unidade, e direcciona o seu interesse na

compreensão e no entendimento dessa mesma unidade, salvaguardando o contexto e a complexidade que lhe são adstritas.

4.2 Grupo de estudo

4.2.1 Caracterização dos casos em estudo

Uma das primeiras operações a realizar para alcançar os objectivos propostos foi seleccionar os casos em estudo. Por conseguinte, a nossa opção recaiu sobre dois atletas paralímpicos: Leila Marques, praticante de Natação, e João Paulo Fernandes, praticante de Boccia, representantes do mais alto nível do desporto de rendimento para indivíduos portadores de deficiência em Portugal.

O atleta João Paulo Fernandes tem 22 anos de idade e faz-se representar pela Área Recreativa de Desporto Adaptado da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral do Núcleo Regional do Norte (ARDA-APPC NR Norte). Está classificado desportivamente pela CP-ISRA como pertencente à classe 1. Iniciou a prática da modalidade aos 14 anos e, aos 16, os bons resultados começaram a surgir, principalmente na competição por equipas. Devido ao sucesso alcançado no ano de 2003 – tanto a nível individual como por equipas, foi um ano recheado de vitórias –, foi convocado para a Selecção Nacional, com apenas 18 anos. Logo na sua estreia em competições internacionais, que se consumou na Taça do Mundo na Nova Zelândia (2003), fez o pleno, trazendo consigo a medalha de ouro em jogos individuais e por equipas. Os bons resultados não ficaram por aqui e, em 2004, nos Jogos Paralímpicos de Atenas, sagrou-se campeão paralímpico, uma vez mais, a nível individual e por equipas. Ao longo dos anos da sua carreira desportiva participou em vários Campeonatos Nacionais e, nas épocas de 2005 e 2006, marcou presença em vários Campeonatos Internacionais, como sejam o da Europa, em Portugal, e o do Mundo, no Brasil.

A atleta Leila Marques tem 25 anos e faz-se representar pelo clube GESLOURES. Apresenta uma malformação congénita no antebraço direito e, de acordo com a classificação médico-desportiva específica da modalidade, está apta a competir nas provas para classes S9, SM9 e SB8. Começou a praticar a modalidade aos 3 anos por indicação médica. Após a adaptação ao meio aquático, aprendeu rapidamente as quatro técnicas e, aos 12 anos, integrou a equipa de competição de Natação Adaptada, competindo pela primeira vez a nível internacional com 14, sendo que a sua principal prova são os 100m Bruços. Para além da sua participação em Meetings Internacionais e Campeonatos Nacionais nos quais, desde 1994, sai vitoriosa com o título nacional na classe S9 em várias provas, já competiu nos Jogos Paralímpicos de Atlanta (1996), Sydney (2000) e Atenas (2004), nos Campeonatos do Mundo da Nova Zelândia (1998) e Argentina (2002), nos Campeonatos da Europa em França (1995), Espanha (1997), Alemanha (1999), Suécia (2001), República Checa (2003 e 2005), entre outros, sendo detentora do recorde do mundo de pista curta na prova de 100m Bruços (1:34.27), alcançado em Lisboa a 5 de Dezembro de 1999. De ambos recebemos o consentimento para que pudéssemos proceder à sua identificação no nosso trabalho.

4.3 A Investigação Qualitativa

Dado o carácter qualitativo do nosso trabalho, achamos por bem, mesmo antes de nos referirmos às características do método por nós utilizado, mencionar algumas das particularidades da investigação qualitativa.

Após a realização de uma pesquisa, tendo como propósito aprofundar este subtema, chegamos à conclusão de que as afirmações proferidas por Bogdan e Biklen (1994) seriam as mais adequadas para fundamentarmos as nossas ideias.

A expressão *investigação qualitativa* é comumente utilizada como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação, com

características muito próprias. Neste contexto, os dados recolhidos são denominados *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais ou conversas. Quanto às questões a investigar, estas são desenvolvidas com o objectivo de desvendar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural (Bogdan e Biklen, 1994).

Embora os indivíduos que fazem investigação qualitativa possam vir a seleccionar questões específicas à medida que recolhem os dados, a abordagem não é feita com o objectivo de responder a questões prévias ou testar hipóteses – privilegiam particularmente a compreensão dos comportamentos, a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação, analisando os dados de forma indutiva. Para além disto, é usual que a pessoa do próprio investigador seja o único instrumento, tentando levar os sujeitos a expressar livremente as suas opiniões sobre determinados assuntos (*id.*, 1994). O significado é, assim, de importância vital na abordagem qualitativa.

De acordo com os autores, a investigação qualitativa possui um conjunto de características muito específicas, que consideramos importante mencionar. Assim, neste tipo de pesquisa, o investigador assume-se como o principal instrumento, sendo o ambiente natural a fonte directa de dados. Acrescentam também que a investigação qualitativa é descritiva, na medida em que os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Na procura de conhecimento, os investigadores enfrentam e abordam o mundo de forma meticulosa, recolhendo e analisando os dados em toda a sua riqueza. “A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 49).

4.4 A Entrevista

Falar de “inquérito” não é, de um modo geral, tarefa fácil, isto porque a sua prática impõe o recurso a diversas técnicas, como por exemplo: entrevistas livres, escalas de atitude, análise de conteúdo, entre outras, sendo que todas, sem excepção, colocam problemas específicos.

De acordo com Ghiglione e Matalon (1997, p. 2) realizar um inquérito é “*interrogar* um determinado número de indivíduos, tendo em vista uma *generalização*”. Neste sentido, o indivíduo transforma-se na unidade de observação, e o seu discurso constitui a “matéria-prima” do inquérito. Dito de outro modo, torna-se fundamental o recurso ao inquérito quando o nosso objectivo se centra na obtenção de informação sobre uma grande variedade de comportamentos de um determinado indivíduo – para apreender um vasto conjunto de factos e fenómenos, como por exemplo atitudes e opiniões, que só são acessíveis através da linguagem.

Para a concretização e efectivação do nosso estudo, utilizamos este método sob a forma de um dos seus instrumentos característicos: a entrevista. Ao contrário do inquérito por questionário, os métodos de entrevista caracterizam-se por um contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores e por uma fraca directividade por parte daquele (Quivy e Campenhoudt, 2003). Para Bogdan e Biklen (1994), a entrevista é precisamente uma das estratégias mais representativas da investigação qualitativa, sendo utilizada para recolher dados descritivos da linguagem dos sujeitos, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como aqueles interpretam aspectos do mundo. Por seu lado, também Lessard-Hérbert et al. (2005) consideram pertinente e necessário o recurso à entrevista, quando o objectivo se identifica com a recolha de dados válidos sobre as crenças, as opiniões e as ideias dos sujeitos observados.

Reflectindo ainda nas palavras de Bogdan e Biklen (1994), que nos elucidam para o facto de que todos nós já fizemos entrevistas, sendo um processo tão familiar “que as fazemos sem pensar” (p. 134), podemos caracterizar as entrevistas como uma conversa com um carácter formal, tendo

como intenção inerente obter informações concretas da pessoa com quem conversamos. Por conseguinte, acrescentamos ainda que poderão ser definidas, segundo Burgess (2001, p. 112) como “conversas com um objectivo”, geralmente entre duas pessoas, podendo, no entanto, envolver um maior número de intervenientes (Bogdan e Biklen, 1994).

A utilização da entrevista pressupõe, neste caso, que o investigador não dispõe de dados já existentes, sendo que aquilo que é dito fornece informações, em primeiro lugar, sobre o pensamento da pessoa que fala e, secundariamente, sobre a realidade que é objecto de discurso (Ruquoy, 1997).

Conforme testemunha Ruquoy (1997, p. 87), as entrevistas podem ser organizadas num *continuum*: “num dos pólos, o entrevistador favorece a expressão mais livre do seu interlocutor, intervindo o menos possível; no outro, é o entrevistador quem estrutura a entrevista a partir de um objecto de estudo estritamente definido”.

Segundo Ghiglione e Matalon (1997), podemos diferenciar três tipos de entrevistas: as entrevistas não directivas (ou livres), as semidirectivas, e as directivas ou estandardizadas. Atendendo aos objectivos por nós estabelecidos e às características do próprio estudo, a entrevista semidirectiva será a que melhor se enquadra no âmbito do nosso trabalho.

Relativamente a esta entrevista, podemos dizer que é “semidirectiva”, no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Faz-se acompanhar por um esquema de entrevista – que pode ser denominado de variadas formas, dependendo da concepção particular de cada autor, por exemplo: perguntas-guia (Quivy e Campenhoudt, 2003), grelha de temas (Ghiglione e Matalon, 1997), guia (Ruquoy, 1997) ou guião (Bogdan e Biklen, 1994) –, podendo os temas ser abordados de forma livre. Porém, se o entrevistado não abordar espontaneamente um dos temas, o entrevistador colocará uma nova questão para que o indivíduo possa produzir um discurso que se reporte ao quadro de referência específico, a propósito do qual é imperativo receber informação. Na opinião de Ruquoy (1997), o guia da entrevista define o tema, ou o conjunto de

temas a abordar, de modo a possibilitar uma intervenção no sentido de levar o entrevistado a aprofundar o seu pensamento, ou, então, a explorar um novo campo de que não fala espontaneamente. Neste sentido, o guia distingue-se deveras do questionário, não somente pela sua forma de utilização, mas também, e principalmente, pelo papel que atribui ao entrevistado – ou seja, servimo-nos do guia, respeitando o mais possível a ordem de exposição de pensamento do entrevistado. Mas mesmo utilizando um guião, as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos, oferecendo ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo (Bogdan e Biklen, 1994).

Dito isto, concluímos que numa perspectiva semidirectiva, o que o entrevistador deve fazer, para além de seguir a linha de pensamento do seu interlocutor é, ao mesmo tempo, zelar pela pertinência das afirmações relativamente aos objectivos e propósitos da pesquisa (Ruquoy, 1977). Instaura-se, assim, de acordo com Quivy e Campenhoudt (2003), uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor expressa as suas percepções, interpretações ou experiências. Por seu lado, o investigador, através das suas perguntas abertas e das suas reacções, vai facilitar essa expressão, evitando que ela se afaste dos objectivos da investigação, permitindo que o interlocutor “aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade” (*id.*, p. 192).

Nas palavras de Ghiglione e Matalon (1997, p. 88), “a entrevista semidirectiva intervém a meio caminho entre um conhecimento completo e anterior da situação por parte do investigador (o que remete para a entrevista directiva), e uma ausência de conhecimento, (remetendo para a entrevista não directiva)”. A grande diferença entre a entrevista livre e a semidirectiva, é que na primeira, o entrevistador não tem qualquer quadro de referência anterior, enquanto que na segunda tem, utilizando-o somente se o entrevistado esquecer uma parte do mesmo. A entrevista semidirectiva é, assim, adequada para aprofundar um determinado domínio, (conferindo-lhe um sentido exploratório), ou verificar a evolução de um domínio já conhecido.

Na mesma linha de pensamento situa-se Ruquoy (1997). O autor assevera que ao focarmos a nossa atenção na entrevista semidirectiva, nos

situamos num “nível intermédio”, respondendo a duas exigências que podem, no entanto, parecer contraditórias: “por um lado, trata-se de permitirmos que o próprio entrevistado estruture o seu pensamento em torno do objecto perspectivado (daí o aspecto parcialmente “não directivo”); por outro lado, porém, a definição do objecto de estudo elimina do campo de interesse diversas considerações para as quais o entrevistado se deixa naturalmente arrastar” (*id.*, p. 87).

Na opinião de Burgess (2001), poucos investigadores seguiram no terreno a abordagem estruturada, preferindo usar um estilo de entrevista não estruturada ou semiestruturada, o qual utiliza uma série de temas e tópicos em torno dos quais se constituem as questões no decurso da conversa – Quivy e Campenhpuudt (2003) chegam mesmo a afirmar que a entrevista semidirectiva, (ou semidirigida), é, certamente, a mais utilizada em investigação social.

Para Bogdan e Biklen (1994), as boas entrevistas produzem uma grande riqueza de dados, repletos de palavras que dão a conhecer as perspectivas dos respondentes. Os autores aconselham mesmo a “encarar cada palavra como se ela fosse potencialmente desvendar o mistério que é o modo de cada sujeito olhar para o mundo” (*id.*, p. 137). Por isso, uma estratégia-chave para o entrevistador neste campo de trabalho, consiste em evitar, tanto quanto possível, perguntas que possam ser respondidas com “sim” ou “não” – os pormenores e os detalhes surgem a partir de perguntas que exigem exploração.

Qualquer que seja a natureza da entrevista, Pais (2004, p. 101) declara que “o “*entre-vistado*” acaba sempre sendo *visto* por *entre* névoas encobridoras do que pretendemos entrever. A função da entrevista é chegar ao desconhecido, ao “*não-visto*” ou, melhor dizendo, somente ao “entrevisto”. O entrevistado é justamente o “visto imperfeitamente”, o “mal visado”, o apenas “previsto” ou “pressentido””.

A recolha de informação é um momento verdadeiramente importante e relevante em qualquer procedimento de investigação. Através de tudo o que aqui foi descrito, compreendemos que a entrevista não se assemelha a uma conversa informal, mas que, pelo contrário, pressupõe uma atitude, uma acção e uma conduta estratégicas. Nas suas diferentes formas, os métodos de entrevista distinguem-se pela aplicação de processos de comunicação e de interacção humana, fundamentais para possibilitar ao investigador retirar das entrevistas informações, dados e elementos de reflexão muito ricos e variados.

4.4.1 Construção e realização das entrevistas

Uma das operações mais importantes do nosso trabalho de investigação consistiu em conceber um instrumento para a recolha de dados. Consequentemente, para que o instrumento produzisse a informação adequada, procuramos formular um conjunto de questões que pudessem dar resposta à temática em estudo. Deste modo, a operação seguinte consistiu em testar o instrumento. Inicialmente foi realizada uma entrevista (piloto) a um atleta portador de deficiência, também praticante de Boccia, que teve como objectivo central não apenas aprimorar o esquema ou guião inicial, mas também apurar técnicas de interpolação e de colocação de novas questões, que em contextos específicos e momentos particulares poderão ser pertinentes. Ou seja, preparou-nos no sentido de dar resposta a este tipo de trabalho de campo, onde a imprevisibilidade se assume como uma das principais características.

Como resultado da aplicação deste “teste”, estávamos assim em condições de fazer os ajustes necessários no primeiro guião, de modo a proceder à elaboração de uma segunda versão concludente (ambas as versões podem ser consultadas no Anexo I e II).

De acordo com Quivy e Campenhoudt (2003), no que diz respeito ao guião de entrevista (sobretudo quando se trata de uma entrevista

semidirectiva), é a forma de conduzir a entrevista que deve ser experimentada, tanto ou mais do que as próprias perguntas contidas no guião. No entanto, os autores realçam o facto de que um guião de entrevista pouco estruturado não significa que o investigador tenha omitido ou negligenciado determinado aspecto durante a fase da sua construção. Significa sim que, “por diversas razões ligadas aos seus objectivos de investigação, não julgou desejável que o tipo da sua entrevista transparecesse através das perguntas” (*id.*, p. 183).

Já Gauthier (1987, cit. por Lessard-Hérbert et al., 2005 p. 68), substituindo a expressão “testar o instrumento” por “validar o instrumento”, assegura que “a preocupação com a validade é, antes de mais, aquela exigência por parte do investigador que procura que os seus dados correspondam estritamente àquilo que pretendem representar, de um modo verdadeiro e autêntico”.

Concluídas estas duas primeiras operações, estávamos finalmente em condições de proceder à recolha dos dados. Esta operação foi concretizada no mês de Janeiro de 2007 e consistiu na execução, na colocação das entrevistas em prática, e foram elas que nos permitiram reunir um conjunto de informações concretas junto dos indivíduos que compõem os casos em estudo. Relativamente à atleta Leila Marques, a entrevista teve lugar no seu próprio local de treino, nas instalações do seu actual clube em Loures. No caso do atleta João Paulo Fernandes, a entrevista operou-se na sua residência.

Dada a afinidade entre todas as operações mencionadas, a escolha dos métodos de recolha dos dados influencia os resultados do trabalho de um modo bastante directo. Ou seja, os métodos de recolha e os métodos de análise dos dados são normalmente complementares e devem, portanto, ser escolhidos em conjunto, em função dos objectivos do trabalho. Para além do mais, as perguntas que fazem parte da entrevista condicionarão não só o tipo de informação obtido, mas também o usufruto que dela poderemos fazer numa futura análise dos dados. Tornou-se assim necessário antecipar, ou, melhor dizendo, prever aquilo a que cada questão nos permitiria aceder: “Será que a

pergunta que coloco vai dar-me a informação e o grau de precisão de que necessito na fase posterior?” (Quivy e Campenhoudt, 2003, p. 185).

Por isso mesmo, é deveras importante que todo e qualquer investigador tenha uma visão global do seu trabalho e a clara noção de que qualquer tomada de decisão, acarretará implicações posteriores no resultado final.

4.4.2 Análise e interpretação das entrevistas

“A análise de conteúdo (...) absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem”.

(In Bardin, Análise de Conteúdo, 1977, p. 7)

Tendo em consideração o método que foi utilizado para concretizar uma das etapas do nosso estudo, estamos em condições de afirmar que todo o material recolhido, futuro objecto de tratamento e análise, foi exclusivamente verbal – situação que, de acordo com Ghiglione e Matalon (1997), nos transporta para o problema do *sentido*. Embora este problema do *sentido* se manifeste sob variadas formas, duas delas estão relacionadas com a formulação das questões e com a análise do conteúdo das respostas. Por tais razões, para Poirier et al. (1999, p. 107), torna-se imprescindível apresentar um instrumento que permita cumprir uma sucessão de operações destinadas à interpretação de um “*corpus* abundante, multiforme e recheado de informações” – o grande desafio consiste, justamente, em dar sentido a um vasto conjunto de factos sem, no entanto, diminuir a riqueza do seu significado.

A análise de conteúdo, deve então ser encarada como uma “técnica de ruptura” com o teor aparente e superficial das respostas, ou do material disponível (Pais, 2004, p. 102), que pode abranger mensagens tão variadas como obras literárias, artigos de jornais, documentos oficiais, programas audiovisuais, declarações políticas, actas de reuniões ou relatórios de entrevistas pouco directivas (Quivy e Campenhoudt, 2003).

Segundo Vala (1986), a análise de conteúdo é considerada uma das técnicas mais correntes na investigação empírica realizada pelas distintas ciências humanas e sociais, tendo a enorme vantagem de permitir trabalhar sobre entrevistas abertas, mensagens dos *mass-media*, etc., fontes de informação preciosa, que de outra forma dificilmente poderiam ser utilizadas útil e consistentemente. O mesmo autor alerta-nos para o facto de a concebermos como uma técnica de tratamento de informação e não como um método, podendo integrar e servir diferentes níveis de investigação empírica.

Já Bardin (1977, p. 7) define análise de conteúdo como um “instrumento polimorfo e polifuncional”, cada vez mais hábil e subtil, em constante aperfeiçoamento, que se aplica a discursos extremamente diversificados. De acordo com a linha de pensamento desta autora, a análise de conteúdo “procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (*id.*, p. 38), sendo um instrumento ajustável a um campo muito vasto de aplicação e imbuído de uma grande diversidade de formas.

O lugar atribuído à análise de conteúdo na investigação social é, para Quivy e Campenhoudt (2003), cada vez maior. Isto porque oferece a possibilidade de trabalhar de forma metódica e organizada informações, declarações e testemunhos que apresentem um certo grau de profundidade e de complexidade. Incidindo sobre um material rico e profundo, “a análise de conteúdo permite satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis” (*id.*, p. 227).

Bogdan e Biklen (1994) reproduzem, de uma forma bastante interessante, a íntima relação que se estabelece entre o investigador (ou analista), e esta técnica de análise: “Tal como um mineiro apanha uma pedra, perscrutando-a na busca do ouro, também o investigador procura identificar a informação importante por entre o material encontrado durante o processo de investigação. Num certo sentido, os acontecimentos vulgares tornam-se dados quando vistos de um ponto de vista particular – o do investigador” (*id.*, p. 149). Para os autores, o termo *dados* diz respeito ao material em bruto que é recolhido, e que adveio do todo que o investigador se encontra a estudar,

atribuindo-lhe um estatuto de “provas” e, simultaneamente, de “pistas” – os dados ligam-nos ao mundo empírico, e quando rigorosamente recolhidos, reúnem um conjunto de elementos indispensáveis para discorrer de forma apropriada e intensa acerca dos aspectos que ambicionamos explorar.

Assim, a análise de dados, segundo Bogdan e Biklen (1994), caracteriza-se por ser um processo de procura, um processo de organização metódico e sistemático de transcrição de entrevistas (de notas de campo, artigos de jornal, etc.), com o intuito de ampliar a compreensão desses mesmos materiais, trabalhando no sentido da descoberta dos aspectos mais importantes.

É certo que para Pais (2004, p. 102), a informação que nos é fornecida através das entrevistas não nos concede a “realidade”, isto é, a realidade dos indivíduos e a forma como a constroem. Um dos objectivos da análise de conteúdo é precisamente o de “*des-cobrir* e *des-ocultar*” essa “realidade”, através de processos de reconstrução, a partir da matéria informativa que as entrevistas constituem.

De acordo com Bardin (1977), as diferentes fases de análise de conteúdo podem ser organizadas, ou agrupadas, em três pólos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e, por último, o tratamento dos resultados e sua interpretação. A primeira fase, a de pré-análise, caracteriza-se por ser uma etapa de organização. Ainda que corresponda a um período de intuições, tem como objectivo central tornar operacionais e sistemáticas as ideias preambulares, tornando-se necessário, por vezes, proceder à elaboração de um *corpus*, sendo este constituído pelos documentos que futuramente serão submetidos aos procedimentos analíticos. Relativamente à fase de exploração do material, esta é normalmente caracterizada por ser longa e “fastidiosa”, baseando-se em operações de codificação ou enumeração. Por fim, a fase de tratamento dos resultados obtidos e a sua interpretação, tem como objectivo tratar os dados de maneira a atribuir-lhes significado.

Para Bogdan e Biklen (1994, p. 205), a tarefa analítica, isto é, a tarefa de interpretar e tornar acessível o material recolhido, “parece monumental quando alguém se envolve num primeiro projecto de investigação – para quem nunca

empreendeu uma tarefa destas, a análise afigura-se monstruosa, sendo o seu primeiro impulso evitá-la”. Contudo, apesar da análise ser complexa, constitui, também para estes autores, um processo que pode ser dividido em várias fases, e se for encarada, não como um imenso esforço de interpretação, mas como uma série de decisões e tarefas, a análise de dados surgirá, certamente, como algo mais agradável.

Quivy e Campenhoudt (2003) expõem na sua obra algumas das vantagens deste método de análise. Após uma leitura atenta das mesmas, e tendo em consideração o âmbito do nosso estudo, enunciamos de seguida as que nos pareceram mais importantes. Para os autores, todos os métodos de análise de conteúdo são adequados ao estudo do não dito, do implícito e do subentendido; uma segunda vantagem é que “obrigam” o investigador a manter uma grande distância em relação a interpretações espontâneas e, em particular, às suas próprias; acrescentam também que, uma vez que têm como objecto uma comunicação reproduzida num suporte material, permitem um controle posterior do trabalho de investigação.

Ainda que na prática, a análise de conteúdo seja considerada um trabalho longo, ingrato e paciente, já que exige um trabalho escrupuloso e pormenorizado de análise, para além de uma passagem delicada à síntese, ela é apenas mais uma etapa que se junta a tantas outras, anteriores e posteriores. Pois como afirmam Poirier et al. (1999, p. 108), “esta análise é uma etapa de uma pesquisa que não se encerra com ela, da mesma forma que a sua realização não põe termo às possibilidades de novas análises”.

Completamos este ponto do nosso trabalho com palavras de Pais (2004, p. 105): “Se é verdade que toda a lógica de discurso, todo o contínuo da fala detém uma espécie de força de segurança que deriva do seu próprio encadeamento discursivo, também é certo que a análise de conteúdo é o estilhaçar dessa unidade encadeada; é um desvelar de sentido mas ao mesmo tempo um despedaçar desse mesmo sentido; é uma sequência de fragmentos cortados, um esquartejamento de uma unidade de sentido que dá lugar, sub-repticiamente, a outros sentidos (interpretativos)”.

Por estas razões, a leitura efectuada pelo analista do conteúdo não é, ou não é somente, uma leitura “à letra”, mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano (Bardin, 1977).

4.5 Desenvolvimento de Categorias de Codificação

Quando a nossa intenção passa pela utilização da análise de conteúdo (de uma entrevista, ou de qualquer outro material), existe um conjunto de operações a ela inerentes que é necessário pôr em prática, tornando-se imperativo codificar o material disponível, produzindo um sistema de categorias.

Na opinião de Vala (1986, p. 110), a categorização “é uma tarefa que realizamos quotidianamente com vista a diminuir a complexidade do meio ambiente, (...) ordená-lo ou atribuir-lhe sentido”. Dito isto, a categorização propõe-se, sobretudo, simplificar, para que se tornem possíveis uma apreensão e explicação mais claras. As categorias são assim “os elementos chave do código do analista” (*ibid.*, p. 110), sendo compostas por um termo-chave que dá significado ao conceito que se quer apreender.

Segundo Bardin (1977), a categorização é quotidiana na nossa vida – desde a escola pré-primária que as crianças aprendem a separar, classificar e ordenar, através de exercícios simples.

De modo a dar seguimento à nossa argumentação e, no sentido de melhor compreendermos em que consiste a tarefa de desenvolvimento de categorias, esboçamos o pensamento de Bogdan e Biklen (1994, p. 221): “Imagine-se num grande ginásio com milhares de brinquedos espalhados pelo chão. Foi incumbido de os arrumar em pilhas de acordo com um esquema que terá de desenvolver. (...) Há várias maneiras de os arrumar em montes. Pode organizá-los por tamanhos, cores, país de origem, data de fabrico, fabricante, material de que são feitos, tipo de brincadeira que sugerem, grupo etário a que

se destinam ou, ainda, pelo facto de representarem seres vivos ou objectos inanimados”.

Este tipo de actividade ilustra, de certa forma, o que o investigador (qualitativo) faz ao desenvolver um sistema de codificação para organizar os seus dados. Porém, a tarefa afigura-se mais difícil, isto porque as situações são mais complexas (não existindo apenas objectos), e os materiais a organizar não são tão facilmente separáveis em unidades como no caso acima descrito.

Como é facilmente perceptível, o desenvolvimento de um sistema de codificação estabelece um conjunto de passos: à medida que vamos “percorrendo” e lendo os dados, certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos vão-se repetindo ou destacando – são precisamente estas palavras, frases, etc., as categorias de codificação. Por outras palavras, fazer esta operação consiste em detectar os núcleos da comunicação, cuja presença ou frequência de aparecimento, poderão significar alguma coisa para o objectivo em questão (Bardin, 1977), constituindo as categorias um meio de classificar os dados descritivos que recolhemos (ou, recordando uma vez mais o exemplo de Bogdan e Biklen (1994), os símbolos segundo os quais organizaríamos os brinquedos).

Para Vala (1986) e Poirier et al. (1999), a construção de um sistema de categorias pode ser feita *a priori* (sendo previsto antecipadamente e servindo de suporte), *a posteriori* (emergindo do próprio material recolhido), ou ainda através da combinação destes dois processos – o analista optará por categorias definidas *a priori*, se a interacção entre o quadro teórico inicial e os problemas reais que se pretende estudar possibilitarem a formulação de um sistema de categorias e, o mais importante é a detecção ou a ausência dessas categorias no *corpus*; porém, o investigador pode socorrer-se de outra estratégia: delimitado o quadro teórico, parte para um trabalho exploratório sobre o *corpus*, que lhe vai permitir construir um plano de categorias. Neste caso, as referências teóricas do investigador orientam a primeira exploração do material, mas este pode, por sua vez, contribuir para a reformulação ou

alargamento das problemáticas a estudar; no pólo oposto aos procedimentos supramencionados, estão os sistemas de categorias totalmente definidos *a posteriori*, sem que qualquer pressuposto teórico oriente a sua composição.

Uma vez construído o sistema de categorias, o investigador deve testar a sua validade interna, ou seja, deve procurar assegurar-se da sua exaustividade e exclusividade, garantindo assim, no primeiro caso, que todas as unidades de registo possam ser colocadas numa das categorias, e, no segundo, que uma mesma unidade de registo pertença apenas a uma categoria.

Um conjunto de categorias, que podem ser definidas como classes que reúnem, sob uma noção geral, elementos do discurso (Poirier et al., 1999), deve exibir como qualidades a exclusão mútua, ou seja, cada elemento não pode existir em mais do que uma divisão, (devendo as categorias ser construídas de forma a que um elemento não possa ter aspectos susceptíveis de ser classificado em duas ou mais categorias); a homogeneidade, já que numa mesma categoria só pode funcionar com um registo e com uma dimensão de análise; a pertinência, na medida em que o sistema de categorias deve reflectir as intenções e as questões do analista; a objectividade e a fidelidade, pois o material ao qual se aplica a mesma grelha categorial, deve ser codificado da mesma maneira; e a produtividade, sendo que um conjunto de categorias só é produtivo, se fornecer resultados férteis (Bardin, 1977).

Embora a escolha das categorias seja um momento delicado, do ponto de vista do trabalho do analista, a tarefa que mais dificuldades operacionais suscita é, sem dúvida, a sua identificação (Vala, 1986).

4.5.1 Justificação do Sistema Categorial

Recordando uma vez mais que aspiramos traçar um novo caminho, procurando evidenciar a importância do corpo desportivo como um referencial de acesso à Estética do Desporto, estabelecemos uma categorização resultante da combinação de dois processos: *a priori* e *a posteriori*. Assim, depois de elaborado e delineado o quadro teórico, que nos serviu de orientação, iniciamos um trabalho exploratório sobre o *corpus* que nos permitiu construir um sistema categorial e ampliar as problemáticas a estudar. Deste modo, foram a revisão da literatura efectuada e o conjunto de novas dimensões e de novas epidermes emergentes dos discursos dos atletas paralímpicos em estudo, que nos permitiram alcançar e perceber um conjunto de categorias esclarecedoras da Estética do corpo do desportista deficiente.

É então no quadro seguinte que expomos o sistema de categorias resultante da análise de conteúdo efectuada, o qual pretendemos estabelecer como possível e esclarecedor desta temática.

Quadro 2. Sistema de categorias resultante da análise de conteúdo.

Categorias comuns aos dois atletas	Corpo-forma, Corpo-superação, Corpo-liberdade, Corpo-eficiência, Corpo-harmonia
Categoria enunciada pela ALM	Corpo-atracção
Categoria enunciada pelo AJPF	Corpo-perfeição, Corpo-poder

ALM – Atleta Leila Marques.

AJPF – Atleta João Paulo Fernandes.

Fazendo a leitura do quadro 2, verificamos que se encontra dividido em duas partes, uma em que se evidencia um conjunto de categorias que podemos considerar comuns aos dois atletas, e outra em que damos a conhecer as categorias que são exclusivas de cada um. Embora as categorias comuns entre os atletas tenham a mesma denominação, é importante referir

que tal não implica que o seu sentido é rigorosamente o mesmo. Considerando que os casos em estudo são dois atletas de géneros diferentes, com condições físicas dissemelhantes e experiências de vida muito particulares, verificamos que as categorias surgem com justificações diversas (justificações essas que serão devidamente esclarecidas numa fase posterior, no ponto 5 do nosso estudo). Deste modo, o mesmo substantivo transporta valores e significados por vezes distintos, funcionando como “porta de entrada” para a grande imensidão de interpretações que contém no seu interior.

A tarefa que agora nos propomos cumprir, destina-se então, à justificação do nosso sistema categorial.

✚ **Categoria Corpo-forma**

Sempre se tem um corpo. Porém, a questão é saber quem (Garcia, 1999). Dentro desta lógica, entendendo que o Homem é o seu corpo, o mesmo autor questiona: “será um amputado menos homem que um não amputado?” (*id.*, p. 127) – embora nesta formulação nos pareça que é dado maior relevo ao Homem enquanto ser eminentemente físico, redutível a um ser eminentemente biológico, entendemos que não é essa a intenção do autor, já que no corpo se reúnem todas as dimensões, mesmo aquelas transcendentais, invisíveis ao olhar.

Transportando esta inquietação para o nosso estudo, perguntamos nós: será o corpo do desportista deficiente esteticamente menos corpo, por na maioria da vezes transportar a diferença nas suas formas?

Recordemos com Leibniz (1646-1716) que embora a Estética reserve para a forma um lugar de destaque, é na sua diferença que habita a verdadeira originalidade. Para Moura e Castro & Garcia (1998) perceber a Estética do desporto pelo lado do belo, quando nos reportamos à sua prática por indivíduos portadores de deficiência, poderá exaltar em nós uma quase rejeição. Contudo, tal como faz Hegel (1993), alcançamos a Estética pela transcendência da forma e pela revelação do Ser, ou, tal como afirma Lacerda (2004a), na

experiência estética, damos lugar à profundidade do olhar estético que penetra as formas, as linhas, os volumes do corpo desportivo. Ao fazê-lo, “o desporto de atletas deficientes poderá ser um espectáculo esteticamente tão conseguido como qualquer outro” (Moura e Castro & Garcia, 1998, p. 209).

Não duvidamos que o corpo surge no desporto anunciando a sua capacidade de revelação e descoberta. Incorporados neste fenómeno descobrimos e desvendamos “os outros e as diferenças que (...) formam a individualidade de cada um de nós”. (Bento, 1998, p. 129).

Na opinião de Garcia (1999), nenhuma outra cultura como a da sociedade Grega Clássica conseguiu, de forma tão bela, exprimir a totalidade humana através das formas corporais. Foi a época em que ganhou fundamento um ideal de beleza preconcebido, essencialmente alicerçado na aparência, sendo Apolo, o Deus da medida e da simetria, o seu símbolo legitimador (Porpino, 2003). Sobre o corpo no desporto debruçaram-se uma imensidão de campos artísticos. Em todos eles, o corpo (em movimento), que sempre condicionou a nossa vida de relação, assumiu o papel principal, tornando evidente o fascínio que sempre exerceu sobre nós.

Todavia, sendo o desporto plural, para dar resposta a uma pluralidade de corpos, ou melhor, dado que cada corpo procura o seu desporto para poder dar resposta às suas necessidades e alargar as suas possibilidades e horizontes, existem certamente, corpos dissemelhantes dos modelos de beleza preconizados (Alves, 1996). Mesmo sabendo que cada modalidade desportiva modela e configura um determinado arquétipo de corpo, tematizando-o à sua maneira (Bento, 2006b), ou que “cada modalidade desportiva tem a sua gramática e a sua sintaxe” (Cunha e Silva, 1999, p. 61), ou ainda que “cada desporto escreve no corpo os diferentes imperativos da sua especificidade” (Alves, 1996, p. 91), outras formas existem que perduram, muito para além daquelas que resultam de adaptações fisiológicas.

São precisamente essas formas que aqui exaltamos, diferentemente desenhadas na sua origem, mas iguais a todas as outras na celebração do corpo, já que “no desporto vemos não a existência de uma só estética, mas de múltiplas estéticas, que variam consoante as suas formas de expressão

corporal: o esforço dos atletas, a beleza corporal, os gestos suaves e violentos, a leveza e o peso excessivo, a emoção, a vitória e a derrota” (Alves, 1996, p. 107) – em cada uma delas emerge uma versão de corpo (Bento, 2006b).

Para Cunha e Silva (2003, p. 108) “entre o mesmo e o diferente há muito mais semelhanças que diferenças, simplesmente identificamo-los pela diferença e não pela semelhança”, sendo o corpo, segundo Guattari (1992, cit. por Cunha e Silva, 1999, p. 25) o lugar onde se consuma a “quebra da simetria”.

Por não pensarmos que a simetria é sinónimo de perfeição e condição *sine qua non* para a consumação da beleza, partilhamos da ideia de que “a beleza das pessoas depende dos olhos que a contemplam” (Costa, 1997, p. 201) e que “o Homem pode ser limitado no plano físico, mas é ilimitado nos planos espiritual, ético e estético” (Bento, 2005a, p. 53).

↪ **Categoria Corpo-superação**

Percebendo o corpo como um meio privilegiado para enfrentar o desafio da superação e da excelência (Bento, 2006b), torna-se pertinente questionar: o que é que o Homem procura na relação duradoura que estabelece com o desporto? “O que leva um indivíduo a sujeitar-se às regras do jogo e a aceitá-las? Por que é que um indivíduo se submete a esforços físicos e mentais tão prolongados e que exigem tanta preparação? Em síntese, por que é que, apesar de a vitória ser de tão poucos, milhões de pessoas lutam por ela, na prática diária de centenas de desportos?” (Gaya et al., 1998, p. 110).

De acordo com Bento (2006a), o desporto proporciona o encontro com a nossa própria Humanidade, permitindo o convívio com os sonhos e os ideais da nossa condição, constituindo-se numa das “principais fontes de identificação, significado e gratificação na vida de muitas pessoas” (Elias e Dunning, 1992, p. 299).

Assim, mais importante que vencer, é lutar para vencer, para que cada um seja desafiado a ultrapassar os próprios limites (Bento, 2006a) – “a

essência do desporto pronuncia-se no confronto com desafios” (como sejam vencer a si próprio e os adversários), “no desejo de superação e na busca ininterrupta da excelência, características inseparáveis dos corpos desportivos” (Gaya, 2006, p. 103).

O desporto de alto nível é virtuoso pela capacidade que possui em atingir o inatingível, vivendo sempre na expectativa que o corpo seja capaz de mais e melhor (Alves, 1996). Deste modo, os espaços onde o corpo desportivo se movimenta são sempre espaços onde o corpo tem de se ultrapassar (*ibid.*), sendo este desporto, onde se evidencia por demais a competição, uma via infinita de reprodução de vivências estéticas (Kupfer, 1995).

Neste cenário, “palco multicolor da corporalidade”, o ser humano procura saber aquilo de que é capaz – “um espaço do corpo plural: desajeitado, pesado e lerdo, grotesco e bestial, dramático e trágico, transcendente e heróico, ágil, belo e estético, harmonioso e sublime” (Bento, 2006a, p. 19). Embora também possa estar povoado de fracassos, o desporto é o lugar onde, não raras vezes, muitos Homens se transcendem, superando o próprio género humano, alcançando o que à primeira vista parecia impossível (Vilas Boas, 2006).

Por tudo isto, em praticamente todo o mundo, um número inimaginável de espectadores se entrega ao deleite das competições desportivas (Lima, 1974; Esteves, 1999). É que este fenómeno nunca é igual a um outro, é sempre indiferenciado, sendo impossível prever o seu desenlace, permanecendo em nós o prazer da dúvida quanto ao seu desfecho (Vilas Boas, 2006) – aqui se explica, segundo Constantino (1990), a indiscutível atractividade do desporto.

Para Noronha Feio (1990), no desporto não cabe demonstrar o que está revelado. Nesta perspectiva, entendendo o desporto como um campo de reafirmação do corpo, pensamos que a sua expressão e valor estético atingem um valor supremo nesta vertigem revelada pela superação e que as *performances* alcançadas por corpos portadores de deficiência revelam, de igual modo, um caminho aparentemente possível para desvendar o valor estético deste corpo.

✎ Categoria Corpo-liberdade

O modo de ver o desporto ou qualquer outro fenómeno, depende do modo como vemos o mundo e nos vemos a nós próprios na relação com ele. Na opinião de Best (1995) existe um interesse cada vez maior em contemplar diferentes actividades desportivas do ponto de vista estético, sendo que para Kupfer (1995), tal exige uma atitude que nos distancie da realidade banal que todos os dias nos ocupa o espírito, e que projectemos o olhar para além da superficialidade e da ligeireza que não raras vezes absorve os nossos julgamentos e apreciações. Assim sendo, pensamos que o desporto é uma actividade na qual também é possível experienciar um prazer intrínseco, para além de um prazer instrumental (Todd, 1979, cit. por Osterhoudt, 1991, p. 129).

Vamos então aceitar este desafio, distanciando-nos por momentos, na tentativa de compreender este corpo-liberdade, não esquecendo que “a aparência, em Estética, significa dar existência visível àquilo que é invisível para a visão comum” (Lacerda, 2002a, p. 20) e que o olhar estético é “um olhar que transgride, que extravasa, que recusa uma visão de superfície, para exercer sobre a realidade uma visão profunda” (Machado, 2000, p. 52).

Takács (1989) é da opinião que se torna urgente reflectir sobre a Estética do Desporto, sendo necessária a criação de novas categorias, que se enquadrem satisfatoriamente nas qualidades do corpo e do movimento humano. Dito isto, realçamos a ideia do autor perante o conceito de beleza, já que este emerge, na maioria das vezes, associado a valores extrínsecos, não sendo por isso legítimo enquadrá-lo na justificação da Estética do Desporto. Da mesma ideia partilha Lacerda (2000), já que o que importa aqui realçar não é, de modo algum, um conceito de Estética em que o objectivo se centre em dotar o Homem de maior beleza. Para Takács (1989), a beleza do desporto e o seu valor estético, surgem, em primeiro lugar, da expressão da liberdade do Homem, (liberdade enquanto satisfação de uma necessidade), qualidade que sendo comum a todos os desportos, implica que todos possuam valor estético.

Vagueando pelas obras de Bento, percebemos que “no cerne do desporto está a ideia de Homem livre que se ultrapassa a si mesmo num

esforço supremo, (...), numa harmonia interna absoluta, elevando-se às esferas do bem, do belo, do perfeito e do ideal” (Bento, 1995, p. 195). Para o autor, o corpo do desporto é equiparado ao Homem de Freud, cuja liberdade é feita de corporalidade (2006a), sendo a corporalidade o fundamento do acontecimento estético (Bento, 1995). De modo semelhante, Weiss (1969, cit. por Osterhoudt, 1991, p. 127), realça que uma das características do atleta é mesmo o seu espantoso sentido de liberdade.

As definições de liberdade são variadas e todas insuficientes (Garcia, 2000). É um facto que a dificuldade e a complexidade se avolumam quando ousamos ou tentamos definir este conceito. Talvez não exista “o” conceito e “a” definição universal de liberdade. Talvez o seu significado habite a essência de cada um de nós, e é em nós apenas que ela adquire um sentido e um significado específicos.

Esta questão transportará uma ainda maior inquietude quando aplicada à pessoa portadora de deficiência. Que sentido de liberdade subsiste num corpo com deficiência, circunscrito que está, incondicionalmente, à sua condição corpórea? Que sentido de liberdade é vivido por um corpo com deficiência, se o próprio corpo é o obstáculo a vencer? Estas serão provavelmente algumas das questões que poderão abalar o pensamento de alguém que se debata sobre este assunto. Entendemos, no entanto, que “o corpo pode estar preso ou limitado de alguma forma, mas que o pensamento pode muito bem vogar nas asas da liberdade” (Garcia & Lemos, 2005, p. 44).

Transferindo tudo o que foi dito para o nosso estudo, o desporto pode ser entendido como “uma fabricação de próteses para uma infinidade de insuficiências e deficiências que nos limitam (Bento, 2006b, p. 167). Através da actividade desportiva, o Homem está em condições de ultrapassar os limites impostos exteriormente e de encontrar outros horizontes que preencham a sua essência (Lobo, 1999).

✎ Categoria Corpo-eficiência

Todo e qualquer desporto de competição, independentemente de quem o realiza, transporta um ideal de *performance* absoluta. Aqui, a dimensão desporto-competição marca a diferença, já que ela oferece um espectáculo fora do comum. “O que faz mover multidões não é o desporto enquanto tal, é o desporto de alto nível (...) onde a prestação e a dramatização atingem o ponto culminante” (Lipovetsky, 1994, p. 134).

Na opinião do autor, o público vibra por estar a assistir ao espectáculo da virtuosidade e da proeza extrema, onde se patenteiam “a *performance* atlética e a estética do desafio corporal” (*ibid.*). Deste modo, mais do que o resultado, é a transcendência por meio do movimento, é o acto do atleta se ultrapassar a si próprio, que suscitam a emoção do público.

Na grande maioria das vezes que nos pronunciamos sobre Estética do Desporto, somos levados a pensar na beleza dos movimentos e das várias modalidades desportivas. Dentro destas, um pequeno grupo emerge, constantemente classificado como esteticamente atractivo, comportando modalidades como a ginástica rítmica e artística, a natação sincronizada e a patinagem artística (Lacerda, 1998). No entanto, é possível reconhecer valor estético em desportos como o futebol, o ténis e a natação, querendo significar uma compreensão de Estética mais referenciada a categorias como a estratégia e a eficiência (*id.*). Assim, daqui concluímos que a Estética do Desporto não se identifica apenas e só com os designados *desportos estéticos* ou *artísticos* (Lacerda, 2002b), sendo necessário começar a considerar a dimensão qualitativa de cada modalidade e o que de significativo e expressivo emana das particularidades do objecto (Lacerda, 2004a).

De acordo com Bento (2006b, p. 156), o que constitui a razão de ser do desporto é o aprimoramento corporal e gestual do Homem, ou seja, a técnica, que o autor define como aquele “projecto inacabado, que move e que há-de continuar a mover a civilização”.

Deste modo, a técnica, difícil de alcançar, e que transporta para a eficiência, para a leveza, para a elegância e para a simplicidade, é quem

possibilita a criatividade e a inovação, fazendo transparecer a ideia de facilidade, sim, porque “difícil é a técnica; com ela o resto é fácil” (Bento, 2006b, p. 157).

Para Boxill (1988), ninguém poderá negar que existe uma forte relação entre a eficiência das habilidades técnicas e a beleza, ou melhor, que um elevado nível técnico se torna essencial para o atleta alcançar a beleza, sendo condição necessária para a criação de valor estético. Inserido na lógica do rendimento, o atleta, na opinião de Cunha e Silva (1999), persegue o gesto belo, já que se institui que o gesto belo é eficaz. Assim, o treino é um processo no qual se evita o gesto inábil e inoperante, onde se procura atingir o gesto tecnicamente correcto, portador de significado.

A Estética do Desporto, aceite enquanto expressão de um sentimento sempre novo (dado que é irrepetível, ou seja, é sempre diferente do anterior e do que se segue), enquanto manifestação e representação de olhares inovadores, estimula e impulsiona os sentidos para a técnica dos corpos em acção. É essa mesma técnica que nos transmitirá o ritmo, a leveza, a qualidade, a amplitude, a harmonia. Numa expressão: “sem técnica não há estética de coisa alguma” (Bento, 2006b, p. 157), ficando seguros de que somente um corpo metodicamente bem treinado é capaz de nos propiciar uma experiência estética indescritível.

Feito para se movimentar, “a especificidade do corpo revela-se no estilo do movimento adoptado” (Dantas, 2001, p. 180). Assim, a essência do gesto inaugura um sentido humano, significando muito para lá da sua existência (*ibid.*).

Como escreveu um dia Espinoza (s.d., cit. por Lipovetsky, 1994, p. 135): “ninguém conseguiu determinar, até hoje, aquilo de que o corpo é capaz!”. Para Lipovetsky (1994), o espectador desportivo é aquele que espera, incansável, por uma resposta a esta questão ontológica não formulada.

Tendo em conta o que nos diz Porpino (2003, p. 148), no desporto, “os ideais de beleza confundem-se entre os gestos e os corpos que os realizam” – somos confrontados com a beleza do gesto realizado pelo corpo, ou com a beleza do corpo, como produto do gesto realizado. Porém, somos da opinião

que não é possível separar a obra do seu autor, que não é possível ficarmos extasiados por um gesto, sem primeiro contemplar um corpo, o corpo que o originou. É o corpo que executa o gesto, tornando-o belo.

Por tudo o que foi dito, estamos em condições de entender e enaltecer o significado da presença desta categoria quando nos reportamos para o desporto para pessoas portadoras de deficiência e para a dimensão estética deste corpo. Como dizem Moura e Castro & Garcia (1998, p. 209) “sem dúvida que saltar apenas com uma perna é manifestamente mais difícil que com duas”. Assim sendo, no desporto, a forma não impede a intensificação “de novos códigos, de novos simbolismos, de novas estéticas, de novas *performances* e conhecimentos” (Constantino, 1990, p. 86).

Consideramos assim a eficiência do gesto um dos pilares possíveis para justificar o valor estético do corpo do desportista deficiente, já que a sua presença e expressão desencadeará uma resposta emocional e elevar-nos-á ou transportará, certamente, para a vivência de experiências de prazer.

Categoria Corpo-harmonia

Entendendo o fenómeno desportivo como um modo de expressão que tem como finalidade intrínseca alargar o campo da sensibilidade e arrancar do nosso íntimo sentimentos e desejos, que se materializam em actos simbólicos (como os gestos), podemos afirmar, de acordo com Bento (2006a), que uma das suas vias de acesso constrói-se caminhando para a estética e para a harmonia.

Dito isto, e partindo do pensamento de Moura e Castro & Garcia (1998, pp. 208-209), surge quase inevitavelmente a questão: “como é que uma actividade efectuada por pessoas visualmente longe dos habituais padrões de beleza, pode resultar em harmonia? Será possível a harmonização do imediato, isto é, do movimento efectuada por corpos diferentes? Qual o poder atractivo dessa beleza? Para quem o executa esse poder é elevado, mas sê-lo-á para quem vê?”

Segundo Marques (1993), qualquer modalidade desportiva é detentora de qualidades estéticas. E a própria expressão formal das acções desportivas não se constitui de todo um obstáculo. De igual modo, não se deverá constituir um impeditivo o corpo, que é o fulcro e o fundamento da experiência estética.

De acordo com Lacerda (2002b), a harmonia é uma importante categoria a ter em conta quando o nosso objectivo se centra no reconhecimento de valor estético no desporto. Nesta perspectiva, quando nos reportamos para o desporto praticado por corpos com deficiência, as suas palavras ganham ainda mais força, já que “a Estética como categoria filosófica há muito que deu o salto para além da norma, do padrão, do cânone. O olhar estético procura insistentemente desvendar novas formas nas formas estereotipadas, jogar com a luz, com as sombras, (...), com o belo, com o feio” (Lacerda, 1999, s.p.).

Assim, é a partir da adopção de uma atitude subjectiva e de um modo singular de perceber as várias modalidades desportivas (Lacerda, 2004a), que pensamos ser possível o reconhecimento de corpos e de movimentos harmoniosos no desporto para deficientes. Quanto mais não seja, ao percebermos a excelência corporal, muitas vezes inimaginável, emergindo de um corpo deficiente altamente treinado. Desta conjugação, encarada como impossível à primeira vista, poderá despontar uma harmoniosa melodia, ao percebermos que de um corpo desajeitado na forma e por vezes repetitivo e monótono no gesto, poderá nascer a perfeição e a superioridade desportiva.

Neste sentido, no desporto queremos celebrar a aparição do corpo, não de um corpo mas de todos os corpos, principalmente daqueles que se mostram capazes de vencer e conquistar a sua (aparente) “ruína” corporal.

Como afirma Bento (1990, p. 35) “um sentido do desporto em si mesmo não existe”, estando dependente das valorações que ligam as pessoas ao desporto. Por isso, quanto mais pessoas valorizarem o desporto, para lá da sua dimensão resultado, e voltarem a sua atenção para aspectos que vão muito para além da sua camada epidérmica, mais aquele se diferenciara, sendo possível a emergência de novos diálogos, não só entre atleta e espectador, mas também entre o espectador consigo próprio, com o seu íntimo. O público desempenha, de facto, um papel indispensável e insubstituível quando nos

referimos à valorização do espectáculo desportivo, já que é através dele e com ele que se estabelece uma permanente comunicação, que transpõe toda e qualquer barreira cultural e interpessoal (Lacerda, 2004a) – “qualquer que seja a intensidade e a direcção em que se oriente a (sua) resposta emocional, o importante é registar a sua presença e o seu contributo na experiência estética produzida pelo desporto (*id.*, p. 305). Tal como afirma Kupfer (1995), é o *continuum* entre a resposta física (do atleta) e perceptiva (do espectador), que confere ao desporto uma dimensão estética.

↪ **Categoria Corpo-atracção**

Como vimos anteriormente, o corpo assume-se, incondicionalmente, como o nosso “cartão de visita” (Lacerda & Queirós, 2005, p. 61), numa sociedade em que tudo se torna alvo de mudança, e em que novos valores despontam de forma incessante, como resultado desta característica “sempre em movimento”.

Atendendo a este facto, o corpo que se projecta para o exterior, a imagem que é reflectida para o quotidiano, estabelece com o mundo um grande conjunto de interacções, em todos os domínios sociais. O desporto não é excepção. Por isso, fazemos nossas as palavras de Bento (2004), ao deixar patente que o desporto, ao permitir que nos aproximemos de nós mesmos e dos outros, nos impede de fugir da nossa imagem, especialmente se ela é fonte de perturbação. O corpo humano é assim, simultaneamente, modelo de comparação e de diferenciação (Alves, 1996).

No desporto, tudo se concentra no corpo, toda a acção desenvolvida nasce, cresce e falece num corpo. Assim sendo, todas as atenções confluem para o corpo em movimento, exercendo sobre nós, na maioria das vezes, uma grande atracção, que resulta, em grande parte, da própria excelência corporal. Este “corpo-atracção” transporta, como não poderia deixar de ser, uma forte componente social – os imperiosos ditames sociais, desde as origens da Humanidade, de uma maneira mais ou menos influente, jamais se deram por

vencidos. De acordo com Santos (1990), o desporto faz realmente parte de uma certa forma de uso social do corpo.

Todo e qualquer ser humano de uma forma geral, e todo e qualquer atleta de um modo particular, sente esta necessidade de atrair para junto de si, para junto das suas prestações, o público, o espectador, com o qual estabelece uma relação de comunicação permanente. Partilhamos então da opinião de que o atleta se distingue pelas acções corporais. Sendo assim, ao fazê-lo, o atleta respeita “o ideal de se salientar e cria uma provocação, uma referência normativa, destinada à influência social. Ou seja, os “desempenhos desportivos nunca são “puramente” pessoais, porque não se podem abstrair da constelação sociocultural em que são alcançados, avaliados e comparados” (Bento, 1997, p. 45). Para o autor, no desporto de alto rendimento convergem o pessoal – que realiza, e o social – que o aceita (*ibid.*). Nesta perspectiva, Elias e Dunning (1985) afirmam que o desporto jamais serviu apenas e só o participante, pelo contrário. O desporto sempre incluiu uma forte dimensão e intimidade com espectadores.

Aliás, o desporto de alto nível demonstra com grande clarividência a importância que hoje assume a componente social para a sua consumação, dado que nas últimas décadas se tem vindo a constituir, essencialmente, como desporto-espectáculo (Gonçalves, 2006).

A estas afirmações poderá ser dado outro sentido e significado quando o corpo que ambiciona comunicar diverge, de alguma maneira, dos ideais de beleza vigentes e aceites pela sociedade. Por outras palavras, utilizando a interpelação de Moura e Castro & Garcia (1998, p. 203): “Que sentido de beleza poderá ter um desporto praticado por um corpo diferente do modelo divulgado pelo próprio desporto?”

Somos da opinião que o fulcro da questão é que o ponto de partida para uma possível resposta, encontra-se, precisamente, no corpo – não será tanto o desporto ou uma determinada modalidade a legitimar esta temática, mas sim o corpo que a origina e lhe dá vida.

Deste modo, ao aprofundarmos a problemática de um corpo-atracção no desporto para indivíduos portadores de deficiência, não poderíamos deixar de

integrar o público/espectador sem falarmos em emoção, pois mais do que uma emoção individual, no desporto partilham-se emoções (Monteiro, 2004). Aqui a natureza da emoção é fruto do momento e, mais do que de uma interpretação, de uma identificação (Moura e Castro & Garcia, 1998). Para além da celebração das expressões épica e dramática, o desporto contempla, de igual modo, a emoção participativa do público (DaCosta, 2005).

Para vários autores, como Costa (1990), Santos (1990), Moura e Castro & Garcia (1998) e Garcia & Lemos (2006), os atletas têm vindo a ser identificados como verdadeiros heróis, como verdadeiros modelos repletos de virtudes. E embora a *performance* seja importante, não é tudo, tornando-se importante a conjugação com a beleza. Segundo alguns estudos realizados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a beleza é indiscutivelmente encarada como uma característica fundamental para que se estabeleçam relações positivas com os outros (Gervilla, 1993).

Assim, uma das possíveis causas e justificações para a falta de atracção e adesão por parte do público depende, essencialmente de uma dupla perspectiva, que damos a conhecer com palavras de Moura e Castro & Garcia (1998, p. 211): “sem emoção ou sem um completo processo de identificação é difícil haver público”.

Não podemos negar que a *performance* (corporal) e o ideal de superação dos próprios limites vincam a sua presença no desporto para indivíduos portadores de deficiência, sendo apenas exteriorizadas por corpos diferentes, por corpos que têm “algo a mais” ou “algo a menos”. Contudo, parece ser precisamente este corpo-(pouco)-atractivo e suas diferenças que aparentemente minimizam o seu valor estético, mais do que as proezas que são capazes de realizar.

No entanto, convictos de que podem existir diferentes sentidos de ver o desporto, e entendendo os horizontes da Estética do desporto emancipadores e libertadores por si próprios, acreditamos que a dimensão humana e a revelação da transcendência elevar-se-ão, não sendo essencial uma adequação entre “o corpo-ideal e o corpo-real” (Moura e Castro & Garcia, 1998, p. 208). Como realçam Beardsley & Hospers (1997, p. 99), o que faz algo

esteticamente valioso não são as suas propriedades, mas sim a relação que se estabelece entre o objecto e os “consumidores” estéticos.

✚ **Categoria Corpo-perfeição**

Na perspectiva de Witt (1989) o fascínio pelo desporto não resulta apenas das necessidades e interesses sociais e individuais que lhe são inerentes e que emergem exclusivamente da sua faceta prática. O mundo do desporto é também um mundo de valores estéticos, sendo que todas as actividades desportivas podem transportar uma imensa escala de sentimentos e impressões, que permitem uma profunda experiência estética (*id.*).

De acordo com Kupfer (1995), a perfeição é uma das categorias mais importantes no reconhecimento de valor estético, sendo possível estabelecer uma forte ligação entre excelência e perfeição, já que aquela é conseguida quando o corpo humano desportivo se movimenta da forma mais perfeita. O ponto central de referência de todas as considerações relativas às qualidades estéticas é assim o corpo humano e os seus movimentos sob a influência do desporto (Witt, 1989).

Segundo Mora (1991, p. 308), verificamos que algo é perfeito quando está “acabado”, de tal modo que não lhe falta nada e não lhe sobra nada para ser o que é, incluindo este estado de perfeição a ideia de “limitação”. Na tradição filosófica pensa-se que o “mau” é algo defeituoso e portanto não pode ser perfeito.

Dito isto, talvez o corpo do desportista deficiente possa ser considerado imperfeito, na medida em que pode ser visto como inacabado. Porém, contrariamente a esta ideia, entendemos que esta “incompletude” do corpo desportivo se transfigura pelo desporto, num apelo incessante à transcendência e à superação. O corpo “inacabado” do deficiente é, no desporto, um corpo em emancipação, um corpo em libertação e “aberto” ao movimento, movimento esse que, pensamos, lhe permitirá ascender à perfeição.

Na medida em que o corpo perfeito é, sobretudo, aquele que aspira à perfeição, o atleta, ao pensar que atingiu este estado (aparentemente) último, percebe que alcançou apenas uma das suas formas, apenas mais uma etapa do seu longo percurso em direcção à transcendência. E assim continua a percorrer o seu caminho sem fim, rumo a mais um estado de perfeição, que nunca será o último.

✚ Categoria Corpo-poder

Como já foi referenciado anteriormente, é no desporto denominado de competição que o corpo se mostra no apogeu da sua forma física, onde se atinge a perfectibilidade (ainda que transitória) do gesto, onde se estabelecem relações de confronto e onde está presente o gosto pelo esforço e pelo sacrifício. É também este corpo competitivo que nos encanta ao revelar todo o seu poder e supremacia física. Fazemos assim nossas as palavras de Santayana (1896, cit. por Perniola, 1997, p. 21): “o mais importante não é o quanto uma obra de arte agrada, mas quanto agrada aquele que mais a aprecia!”.

Vários autores como Kaelin (1968), Keenan (1973), Kupfer (1975), Roberts (1975), White (1975) e Boxill (1984) (cit. por Osterhoudt, 1991, p. 133) admitem que a competição desportiva aumenta, mais do que diminui, as qualidades estéticas do desporto. Lowe (1977, cit. por Osterhoudt, 1991, p. 131), ao reflectir sobre a presença do valor estético no desporto, estabelece um conjunto de categorias centradas no corpo e na sua expressão (entre as quais encontramos também o poder): controlo, esforço, graciosidade, harmonia, poder, precisão, proporção, ritmo, risco, velocidade, estratégia, força, simetria e unidade.

Nesta perspectiva enquadram-se outros autores como Wulk (1977, cit. por Osterhoudt, 1991, p. 145) para quem o poder e a virtuosidade das *performances* são características fundamentais para a definição da Estética do Desporto, ou como Kuntz (1974, cit. por Osterhoudt, 1991, p. 128) o qual

compreende o desporto como um universo deveras poderoso e intenso, na medida em que possui um grande significado simbólico e estabelece uma grande intimidade com o público.

Sendo que o corpo, para Crespo (1990, p. 575), “é o lugar do que se esconde ao olhar e o espaço do que se não diz ou vê de imediato”, pensamos ser possível contemplar, no corpo do desportista deficiente, um corpo-poder, já que é no atleta de eleição, mais do que em qualquer outro, que se admira a magnificência corporal.

Entendemos que para além do desporto, em muitos outros domínios da vida social podemos encontrar um corpo-poder, um corpo com um forte potencial de atracção, que se exhibe na sua estrutura somática. Exemplo disso mesmo é o corpo imperioso da moda, do cinema ou da publicidade. Em todos estes sectores, procura-se um corpo que deposite em si mesmo um conjunto de características que lhe confirmem um poder, poder esse capaz de nos captar a atenção.

O Homem, de acordo com Bento (1995), é um ser que estabelece com o seu corpo uma dupla relação – Ser e Ter corpo – sendo que a ela são colocadas exigências sociais, podendo o corpo ser construído objectivamente. No desporto, mais do que em qualquer outro sector, o ser humano emprega estas duas dimensões que, aparentemente distintas, são indubitavelmente inseparáveis. É nesta actividade corporal e na sua grandeza competitiva que o corpo se manifesta como uno e indivisível e, ao mesmo tempo, como plural, abraçando todas as possibilidades. Para além desta relação que o atleta estabelece com o seu corpo, ou melhor, que o atleta estabelece com ele mesmo, com a sua existência, outras relações se criam projectadas para o exterior, para os outros corpos e para tudo o que o rodeia. Assim se constitui uma infinidade de interacções, sendo o atleta o criador e, simultaneamente, o objecto de criação. Tudo se funda nele mesmo. E é nesta perspectiva que ele irradia poder e concretiza o seu domínio.

Entendemos por isso que o corpo no desporto tem um potencial infinito, sendo também possível a emanção de sensações e emoções sobre um

corpo-poder, quiçá ainda mais intensas, quando nos centramos no corpo do desportista deficiente.

Considerando a poderosa estrutura de valores que impera no desporto actual, a sensibilidade, a emoção e o *sentir* poderão ocupar “um lugar secundário e acessório, senão mesmo parasitário” ao tentarmos estabelecer uma disposição hierárquica (Lacerda, 2000a, p. 21). Para além do mais, o facto do sentir, e do emocionar não poderem ser objecto de demonstração científica, dificultará certamente a sua exaltação e discussão (*id.*).

Perniola (1993, cit. por Vilas Boas, 2006, p. 158) descreve a nossa sociedade contemporânea como a do sentir: “Parece que é justamente no plano do sentir que a nossa época exerceu o seu poder. Talvez por isso ela possa ser definida como uma época estética: não por ter uma relação privilegiada e directa com as artes, mas mais essencialmente porque o seu campo estratégico não é o cognitivo, nem o prático, mas o do sentir”. A dimensão estética, ligada ao sentir, é um meio contemporâneo de poder: “Que a dimensão estética, habitualmente afastada da realidade, se tenha tornado a mais efectual, é algo que surpreende quem está habituado a pensar que saber é poder, que agir é poder: no entanto, hoje, mais do que nunca, sentir é poder” (*ibid.*, p. 158).

Para além do aqui foi escrito, é importante realçar que, tal como nos diz Lacerda (2004a, p. 306), “os sentimentos originados pela observação de desporto não se esgotam na paixão ou até mesmo na sedução, no fascínio que uma jogada, um desempenho, produzem no espectador. Eles podem variar consideravelmente, da valência mais positiva (alegria, deleite, satisfação, serenidade) à mais negativa (desapontamento, frustração, desprezo, desânimo)”.

A mesma ideia é reforçada por Martins (1996, p. 31): “o espectáculo desportivo, ao proporcionar vivências estéticas, desperta o imaginário humano, permitindo o afloramento de emoções que podem reflectir a indiferença, o simples agrado, o prazer verdadeiro e o êxtase”.

Independentemente da direcção que poderão levar estes sentimentos, o importante é manifestá-los, saber que eles existem, no sentido de evoluirmos para uma Estética do corpo do desportista deficiente.



Fotografia cedida pela FPDD.

Fotógrafo Paulo Gonçalves. Taça da Europa, em Brno, na República Checa.

5. Tarefas Descritiva e Interpretativa

“Um trabalho destes deverá ser sempre o trabalho de quem o produz e, por isso, será necessariamente um trabalho subjectivo”.

(In Cunha e Silva, O lugar do corpo, 1999, p. 19)

Neste ponto do nosso trabalho pretendemos realizar um conjunto de tarefas que têm por finalidade dar resposta aos objectivos inicialmente formulados.

Deste modo, começamos por dar a conhecer no quadro 3, a frequência das unidades de registo evidenciadas pelo *corpus* de estudo relativas a cada uma das categorias. Uma análise pormenorizada das mesmas é a tarefa que desenvolvemos de seguida, realçando, em primeiro lugar, as categorias que são comuns aos dois atletas e, posteriormente, aquelas que são exclusivas de cada um, como é o caso das categorias corpo-atracção, corpo-perfeição e corpo-poder. Fazemos notar que a apresentação e a discussão dos principais resultados será efectuada separadamente para cada atleta, sendo depois estabelecida uma análise comparativa entre ambos.

Quadro 3. Frequência das unidades de registo das categorias.

Categorias comuns aos dois atletas	Nº de unidades de registo		Total
	ALM	AJPF	
Corpo-forma	12	9	21
Corpo-superação	2	9	11
Corpo-liberdade	6	4	10
Corpo-eficiência	2	3	5
Corpo-harmonia	2	2	4
Total	24	27	<u>51</u>
Corpo-atracção	9	---	
Corpo-perfeição	---	3	
Corpo-poder	---	3	
Total	33	33	<u>66</u>

ALM – Atleta Leila Marques.

AJPF – Atleta João Paulo Fernandes.

Fazendo uma breve análise do quadro 3, verificamos que a categoria Corpo-forma é, de todo o conjunto, a que compreende um maior número de unidades de registo ($n = 21$), apresentando ambos os atletas frequências semelhantes (ALM: $n = 12$; AJPF: $n = 9$). No diz respeito à categoria Corpo-superação, apuramos uma diferença significativa entre as unidades de registo, sendo estas em maior número para o AJPF ($n = 9$), quando comparadas com as da ALM ($n = 2$). Para as restantes categorias, a frequência de unidades de registo é bastante semelhante, destacando-se no entanto, com maior ênfase, a categoria Corpo-liberdade para a ALM ($n = 6$).

Fazendo referência às categorias que são exclusivas de cada atleta, observamos que a ALM realçou com bastante frequência a categoria Corpo-atracção ($n = 7$). O AJPF, com seis unidades de registo, evoca o que entendemos ser a categoria Corpo-perfeição ($n = 3$) e Corpo-poder ($n = 3$).

5.1 Categoria Corpo-forma

5.1.1 Categoria Corpo-forma para a ALM

Como temos vindo a evidenciar ao longo do nosso estudo, partilhamos da opinião que a vivência estética é uma experiência sensível que se dá no corpo. Por isso mesmo, partilhamos do pensamento de Berge (1976, p. 11), na medida em que “nada se encontra separado de nada, e o que não fores capaz de compreender no teu corpo, não o compreenderás em mais parte alguma”. Mesmo reconhecendo a possível dualidade do ser humano, edificado enquanto ser eminentemente físico e espiritual, não estamos em condições de negar que o corpo está aí, para que todos o vejam, para que todos o julguem – já que existir é ter corpo e a existência é o próprio corpo (Dantas, 2001).

Como diz a ALM: *“Eu tenho uma relação muito boa no que diz respeito ao meu corpo. Não tenho qualquer complexo (...) por não ter parte do membro superior direito. (...) Isso vem também do facto de desde muito pequenita andar na Natação,*

andar constantemente de fato de banho em frente a muitas pessoas. (...) Desde cedo estar exposta sem nenhum preconceito, sem me esconder. (...) Desde os 14 anos que vou a competições que têm muita gente na bancada e, realmente, não pode haver complexos no que diz respeito ao corpo quando se anda de fato de banho em frente a tantas pessoas. Verificamos que o desporto emerge do discurso como um universo de aceitação do corpo, como meio de exaltação e valorização do corpo, tanto para quem realiza como para quem observa, independentemente da forma que este possa assumir, havendo lugar para todas as formas de corpo. De acordo com Russ (2000, p. 129), a forma é “o conjunto dos contornos de um objecto”. O que aqui se destaca são precisamente estes contornos (por vezes disformes), sendo que para a ALM o desporto parece ser o lugar de excelência para a manifestação de todas as formas.

Para além do mais, o fenómeno desportivo parece despontar do seu discurso como um espaço em que à individualidade de cada um se reconhece um lugar de destaque. Embora todos os corpos assumam um padrão de igualdade no desporto, já que a todos é acessível a sua prática, ao mesmo tempo, cada um parece ocupar o trono da supremacia e da superioridade, já que o desporto permite que todos exaltem a sua expressão corporal e todos se sintam bem com ela.

Na opinião da ALM, a apreciação estética que faz do seu corpo não parece ser condicionada pelo tipo de deficiência que possui: *“Já estou tão habituada à minha imagem corporal, à imagem que é reflectida no espelho, sinto-me tão à vontade com ela. É certamente um exagero e irónico, mas para mim o normal é não ter braço, e quem tem os dois é que é, entre aspas, o deficiente.”*

A mesma ideia parece emergir quando se refere à sua morfologia corporal: *“Em relação ao meu coto, eu acho que até nisso tive sorte, porque por ser congénito tenho um coto que é bonito, que as pessoas tendem a dizer que é fofinho, que é engraçado. Enquanto que o coto de uma amputação é certamente mais feio, cheio de cicatrizes, e ser menos atractivo por isso.”* Aqui a ALM parece exaltar um bem-estar total com o seu corpo, transmitindo a ideia que também os outros o valorizam, independentemente de ter uma deficiência. Acrescentamos ainda que, na sua opinião, o tipo de deficiência parece ser mais prejudicial para a apreciação de valor estético do corpo do que a morfologia ou a forma do corpo:

“os contornos, claro que influenciam, mas o tipo de deficiência, acho que pode realmente influenciar na forma como se encara o corpo, como mais ou menos estético.”

Nos mais variados sectores da sociedade actual e no conjunto dos seus valores mais proeminentes, o corpo evidencia-se na sua aparência. Essa aparência corporal, que engloba todas as características da superfície do corpo é, na opinião de Giddens (1997, p. 201), um verdadeiro “local de interacção, apropriação e reapropriação”. Entendido pela tradição clássica como ligado à ideia de “um aspecto enganador das coisas”, o conceito de aparência foi reabilitado pelo pensamento contemporâneo por autores como Nietzsche e Sartre. Para este último, “a aparência não esconde a essência, revela-a: ela é a essência” (Russ, 2000, p. 26). Deste modo, a silhueta corporal tornou-se “um poderoso passaporte de circulação social”, não deixando ninguém indiferente (Lovisol, 1997, p. 14).

Atendendo a este facto, a ALM é da opinião que a sociedade e os ideais de beleza nela instituídos (concebidos como isso mesmo, como modelos e protótipos passageiros de corpo), exercem uma forte influência sobre a forma como lidamos com o nosso corpo: *“Acho que pela sociedade em que vivemos hoje, teria mais complexos em relação a ter mais peso do que seria suposto, a ter um corpo mais flácido do que os padrões que estão estabelecidos em termos de beleza.”*

Neste ponto de vista, parece sobressair a ideia que o tipo de corpo que está (tradicionalmente) relacionado com o desporto, “bem feito”, magro e elegante (Alves, 1999; Queirós, 2002), continua a interferir activamente nas concepções de um corpo belo, exaltando um ideal de corpo estético ligado ao conceito clássico de beleza. Não obstante a ALM se sentir bem com o seu corpo-forma, demonstrando uma total aceitação do mesmo, uma das possíveis explicações para a procura destes “ideais” poderá estar relacionada com a sua condição de deficiência associada ao ser mulher. Se a perda da beleza das formas parece ser mais significativa nas mulheres do que nos homens (Lovisol, 1997), o seu desaparecimento poderá assumir uma (ainda) maior importância na mulher portadora de deficiência. Nesta perspectiva, o facto de se possuir um corpo modelado de acordo com os padrões de beleza instituídos

pela sociedade, poderá ajudar a que mesmo tendo uma deficiência, a sua aceitação por parte dos outros seja melhor.

O desporto parece surgir assim como um meio de atingir esta forma de corpo: *“Há realmente o culto do corpo na Natação. Quanto a mim não há desporto nenhum com uns corpos tão bonitos como na Natação. Eu vejo os atletas (...) com 13, 14 anos e já têm corpos fenomenais (...) desde muito cedo ficam com os músculos todos definidos, com umas costas em “V” lindíssimas. E as raparigas também acabam por ficar. Há sempre aquele estigma das meninas terem os ombros mais largos por causa da mariposa, mas quanto a mim, acho que ficam realmente engraçadas, e até facilita nalguma que tenha a anca um bocadinho mais larga.”*

Aqui apuramos, uma vez mais, que na opinião da ALM, o corpo construído e moldado pelo desporto e a forma que nele se vai esculpindo, parece ser um elemento fundamental para a sua própria aprovação. Talvez esta forma seja fundamental para que a experiência estética aconteça e seja desencadeada por quem a contempla, como se exercesse uma função compensatória, disfarçando ou ocultando a deficiência, minimizando a sua grandeza, por mais pequena que seja a sua evidência.

Para finalizar, sublinhamos o que nos parece ser uma contradição no discurso da ALM: embora aceite e goste do seu corpo, da sua forma de corpo, parece-nos estar “aprisionada” a alguns padrões de beleza instituídos pela sociedade, e que encontram no corpo desportivo um modelo para a sua manifestação.

5.1.2 Categoria Corpo-forma para o AJPF

Ao longo do tempo sempre se reflectiu sobre a relação que se estabelece entre um conteúdo estético e a sua expressão, sendo que, durante um longo período, esta se identificou pela forma (Mora, 1991). Porém, afirmou-se posteriormente que “a expressão é sempre de índole subjectiva, estando dependente da experiência estética e das suas inúmeras variações” (*ibid.*, p. 149).

Não esquecendo a sua condição corpórea, evidenciada numa forma diferente de corpo, que diverge das formas habituais (trata-se de um corpo que, por exemplo, não acede autonomamente à posição vertical), mas ao mesmo tempo encarando-a como fazendo parte da “normalidade”, o AJPF afirma: *“Nunca rejeitei o meu corpo (...) eu gosto, cuido-me, dou importância ao meu corpo. (...) Eu sou como sou e gosto. Valorizo-me mais da cinta para cima, que é onde eu consigo fazer mais alguma coisa. (...) O corpo da cinta para cima está mais desenvolvido, é mais útil.”*

Julgamos estar aqui presente a ideia de movimento e a importância que este assume na concretização da vida e da experiência humana. Ou melhor, aqui o movimento parece despontar como a própria vida, como o elemento fundamental que permite que tudo aconteça e que o corpo se realize. Este corpo da *cinta para cima*, entendido como a forma “livre” do seu corpo, aparentemente separado do corpo da *cinta para baixo*, percebido como a sua forma “fixa”, é um corpo “comunicante”, é um corpo que se projecta para a interacção e para a concretização. Considerando as palavras do AJPF, este corpo parece ser o (seu) corpo do desporto, o corpo ideal, que simplesmente funciona.

Para Matos (2006) o desporto é principalmente corpo e movimento, sendo que para Cunha e Silva (1999, p. 62) “desporto e motricidade implicam-se numa dependência mútua”. Sem motricidade, de facto, não há desporto (Sérgio, 2003).

Deste modo, o corpo aparentemente fragmentado do AJPF, e que se converte em corpo unitário pela comunicação estabelecida entre as suas “duas partes”, cria uma das maneiras possíveis de ter acesso ao mundo do desporto, indo ao encontro do pensamento de Nóbrega (2003), para quem o corpo é entendido como uma comunicação gestual, sendo a experiência estética uma forma de ampliar essa mesma comunicação.

De acordo com a opinião de AJPF pensamos ser possível no desporto a existência de múltiplas experiências estéticas, que variam consoante as suas formas de expressão. Por isso, a instalação da diferença exteriorizada pelos corpos em movimento, mais do que atenuar, engrandece e amplifica as possibilidades estéticas do fenómeno desportivo. Como se o desporto se

assumisse como o campo da diversidade, alojando no seu interior a pluralidade da diferença.

Neste contexto, mais do que em qualquer outro, entendemos que o corpo é o fim em si mesmo, corpo que parece cumprir a existência na sua plenitude, encontrando no desporto a forma de revelar a sua multifuncionalidade.

Ampliando os seus graus de liberdade está o que entendemos ser a outra parte do seu corpo: *“O meu corpo também é a cadeira de rodas, sem a cadeira não há corpo. A cadeira é o meu corpo, é um objecto, mas é um corpo. Trocar de cadeira é a sensação de deixar um corpo velho e vir um corpo novo.”*

Partindo destas afirmações, o AJPF parece incorporar a cadeira de rodas na forma do seu corpo. Ao seu corpo ele associa outro, ele avoluma-se, chegando ao ponto de serem apenas um só. Assim, este corpo, que de longe a longe se renova, que melhora a sua forma na medida em que melhor a adequa à função, vai ter sempre novas possibilidades, vai ter sempre novas capacidades que lhe permitirão atingir o que à partida parecia inatingível. Mesmo as experiências que teve anteriormente serão sempre redescobertas e vividas de outra forma: *“A cadeira que provavelmente virá já tem outras funções: já tem o encosto com o formato do meu corpo. De modo que a cadeira tem que estar adaptada ao meu corpo. Não sou eu que tenho que estar adaptado à cadeira.”*

Do mesmo modo que Merleau-Ponty (1999, p. 211) se refere à bengala, “como um apêndice e um acréscimo do corpo”, a cadeira de rodas surge como uma prótese e como uma extensão da síntese corporal. Com esta ampliação, o corpo, independentemente da sua condição primeira, anuncia a sua autonomia, com uma expressividade e um simbolismo únicos. O AJPF está assim em condições de cumprir o seu corpo, já que “no desporto o corpo é um libertador de mensagens aprisionadas através da semântica do gesto” (Cunha e Silva, 1997b, p. 112).

Para o AJPF todos os corpos têm valor estético. Por isso, a forma do seu corpo (biológico) não parece influenciar a apreciação estética que os outros poderão fazer: *“O meu corpo é normal, tem braços, tem pernas graças a Deus, tem orelhas, tem nariz, tem boca, tem olhos e tudo funciona. O factor da diferença de valor estético é que tu andas e eu não. Podes correr e eu não. Quem*

nasce assim não nota muito, porquê? Porque eu não sei o que é ser dito “normal”. Agora de certeza absoluta que se for uma pessoa que caminhou, correu, saltou, e que depois fica como eu, o valor estético que dará ao seu corpo será completamente diferente. Eu sou assim e dou valor àquilo que sou. (...) Mas o meu corpo é normal, o meu corpo é de uma pessoa normal.” Aqui o AJPF assume uma vez mais a normalidade do seu corpo, realçando o valor estético do movimento, parecendo este ser imprescindível para a existência daquele. Para além disso, realça a diferença de entendimento sobre esta temática, que poderá estar associada à pessoa que nasce portadora de uma deficiência, já que esta não terá a oportunidade de viver um *outro corpo* e com *outro corpo*. Assim na sua perspectiva: “ (...) a morfologia corporal não condiciona a apreciação estética. Penso que isto funciona da mesma maneira se tivéssemos uma pessoa magra e outra gorda. Eu, por exemplo, dou o mesmo valor estético a uma pessoa mais forte ou mais magra. Eu olho mais para dentro da pessoa, não olho muito para fora. Olho mais para dentro. (...) Mas uma cadeira de rodas se calhar influencia.”

O AJPF reforça uma vez mais a ideia de que todas as formas de corpo são passíveis de serem contempladas do ponto de vista estético, dando o exemplo de duas pessoas com dois corpos distintos, um magro e um gordo. Daqui podemos inferir um modo de pensar que remete para a Ética e para os valores morais. Na perspectiva de Bento (1990), a maneira como as pessoas lidam consigo e com o seu corpo tem algo a ver com a moral. Para o autor, o termo “Ética” é difícil de apreender, porém, todos parecem ter alguma sensibilidade para o seu conteúdo – “um ponto de referência para definir aquilo que é bom ou mau, correcto ou falso, positivo ou negativo” – contribuindo para que a vida humana resulte no plano individual e social (*id.*, p. 37).

Mesmo considerando a cadeira de rodas uma parte integrante do seu corpo, o AJPF é da opinião que ela poderá, para um observador, condicionar a apreciação de valor estético do seu corpo, talvez por ser um objecto externo e um acrescento visível ao corpo humano, já que o visual funciona como uma segunda natureza do corpo (Ferreira, 2003).

Outra das ideias que na nossa opinião parecem emergir do discurso do AJPF diz respeito à separação das noções do “ser” e do “ter” corpo: “*Eu acho que a Leila Marques não é deficiente, o corpo é que é. (...) O objecto, estou a referir-*

me ao corpo objecto. Apenas lhe falta uma parte. (...) Não é deficiente. É uma pessoa com um corpo deficiente.” De acordo com Sobral (1990), a corporalidade manifesta a unidade do “ser” e do “ter” corpo. No entanto, recordamos que para alguns autores, como Gabriel Marcel (s.d., cit. por Gervilla, 2000), mais do que termos corpo, somos corpo, e a melhor forma de o conhecer, é vivê-lo e experimentá-lo.

5.1.3 Categoria Corpo-forma: análise comparativa

Depois de reflectirmos sobre a presença desta categoria no discurso de ambos os atletas, podemos estabelecer uma análise comparativa no sentido de evidenciarmos semelhanças e diferenças entre eles, e também com o objectivo de consolidarmos as ideias principais.

Para a ALM a forma que o corpo exhibe parece assumir uma grande importância na apreciação do valor estético. Deste modo, emerge da sua linguagem uma ideia de corpo tradicionalmente associada ao ideal de corpo desportivo – belo, magro e elegante, sendo este, portanto, detentor de qualidades estéticas.

Pensamos que o facto de ter iniciado a prática da Natação aos três anos de idade, e de ter entrado num ritmo competitivo muito forte a partir dos catorze, possibilitou-lhe a vivência de um grande conjunto de experiências respeitantes ao conhecimento do seu corpo: *“Desde cedo me apercebi que com o facto de praticar desporto me sentia sempre mais ágil, com mais vontade, com mais bem-estar físico. Trouxe também alterações em termos de adaptação ao meu corpo, porque realmente o desporto faz diferença nessa área, numa altura particularmente difícil que é a infância (...) onde qualquer diferença entre uns e outros   elevada ao máximo.”* Daqui poderemos inferir que o modelo de corpo desportivo desde muito cedo começou a exercer a sua influência na vida da ALM, sendo que a sua identificação com este tipo e com esta forma de corpo poderá estar relacionada com este facto.

Para o AJPF todas as formas de corpo possuem valor estético, estando assim presente, no nosso entender, a ideia de uma transcendência da forma. Ou seja, ao valorizar todas as formas de corpo do ponto de vista estético, todas elas se transcendem, permitindo ver muito para além daquilo que aparentemente são. Deixam assim transparecer, à primeira vista, a ideia de uma banalidade instalada no corpo (dado que todos são iguais do ponto de vista estético) e, simultaneamente, a ideia de regeneração e de expressões sempre renovadas, já que cada corpo é singular e incomparável na enunciação do seu valor estético.

Outro dos aspectos a considerar está relacionado com a cadeira de rodas, que sendo um corpo, o AJPF acrescenta ao seu corpo biológico. Nesta perspectiva, um corpo que podia parecer diminuído devido à sua deficiência, que poderia parecer “menos” corpo, desponta como um corpo que abarca todas as possibilidades de mobilidade e movimento.

Em conclusão, é possível identificar convergência de opiniões entre os dois atletas no que refere ao facto de ambos aceitarem que um corpo com formas diferentes possui valor estético. Contudo, a ALM evidencia um entendimento mais condicionado pelos imperativos sociais no que respeita ao estereótipo corporal (belo, magro, elegante), realçando a importância da aparência no mundo social. Em contrapartida, o AJPF parece mais desvinculado, mais liberto destes imperativos, tendo uma visão de corpo em que o ser não é subjugado pelo parecer. Concluimos assim que daqui parecem emergir duas formas de corpo, igualmente detentores de valor estético: um corpo socializante, principalmente voltado para o exterior, exibindo a sua aparência atlética e de tipo desportivo, e um corpo que inicialmente voltado para o interior, se projecta também para o exterior, demonstrando a sua ânsia e necessidade de movimento.

5.2 Categoria Corpo-superação

5.2.1 Categoria Corpo-superação para a ALM

Sendo o corpo do desporto de competição um corpo “*performativo*”, ele distingue-se dos outros corpos pela procura e pela quebra incessante dos seus próprios limites. Pensamos mesmo que até se poderá diferenciar do seu (pré) corpo, na medida em que ao atingir um novo estado de excelência, deixa para trás o anterior, como se prescindisse de um exemplar de corpo. O corpo no desporto é assim susceptível de mudança, sempre em busca de realização (Bento, 2006b), estando presente a vontade intrínseca do ser humano ir mais além (Costa, 1999).

Recordando com Kupfer (1995) que a competição se constitui como uma via imensa de manifestação de vivências estéticas, entendemos que as *performances* alcançadas pelo corpo do desportista deficiente revelam um valor estético acrescido. Mencionando a grandeza do desporto, a ALM exprime que: “Qualquer atleta que participa nos Jogos Paralímpicos, nessa altura vai querer estar no seu pico de forma. (...) Quando ao fim de algum tempo se consegue realmente representar uma nação, sentimos aquela recompensa de todo o esforço desempenhado ao longo de um ano de trabalho ou mais.” Verificamos aqui a presença evidente da competitividade, que na nossa opinião surge a partir do momento que nos referimos a um corpo *performance*. É este corpo-superação, é este “excesso” de corpo proclamado por um corpo com deficiência que todos os dias investe num projecto que tem como objectivo superiorizar-se a si próprio. Para além destas ideias, surge também a da recompensa, a qual associada à vitória desponta como uma possível resposta às inquietações de Gaya *et al.* (1998, p. 110): “Por que é que, apesar da vitória ser de tão poucos, milhões de pessoas lutam por ela, na prática diária de centenas de desportos?”.

No nosso entender, esta recompensa é dupla, abarcando dois sentidos que transportam significados especiais mas com interpretações distintas: um

interior, mais pessoal, e um exterior, direccionado para o domínio social, perspectivado numa melhor aceitação e gratificação. O primeiro entendemos ser um fenómeno quase natural, que está presente em todos os atletas que se dedicam diariamente à prática de uma modalidade desportiva, no desafio e no confronto consigo próprios e com os adversários, naquela luta incessante para vencer que Bento (2006a) julga ser a essência do desporto. Relativamente ao segundo, somos da opinião que se enquadra numa dimensão em que fala mais alto um processo de identificação, de reconhecimento e de concretização de um ideal de condição humana, associada ao desenvolvimento do desporto espectáculo que tem como elemento fundamental o público. Uma vez mais a componente social parece despontar do discurso da ALM, deixando transparecer a importância que a mesma assume na sua vida. No entanto, não deixa de ser, pensamos nós, um processo comum, na medida em que a vida em sociedade coloca-nos perante situações em que é fundamental sentirmo-nos bem com o nosso corpo e sermos reconhecidos pelo nosso trabalho e empenho.

Ainda de certa forma relacionada com a ideia da recompensa, voltada para a perspectiva social, surge o sacrifício: *“Ter sido escolhida para estar presente nos Jogos dá-me uma sensação, um sentimento de que realmente somos bons em alguma coisa e que vale a pena o sacrifício.”*

Destas palavras sobressai a pluralidade e a abrangência, já que a ALM acaba por fazer referência a todos os indivíduos portadores de deficiência, evidenciando a sua capacidade de superação no desporto, onde o sacrifício e o sofrimento parecem surgir como “um preço a pagar e a vitória como uma recompensa” (Cunha e Silva, 1999, p. 169). Este é assim o cenário através do qual a ALM e os restantes atletas com alguma deficiência se podem igualar a todos os corpos, afastando a ideia de um corpo povoado de fracassos e insucessos.

5.2.2 Categoria Corpo-superação para o AJPF

Na sociedade contemporânea o fenómeno desportivo diversificou-se, demonstrando que é uma actividade aberta, e ao emancipar-se em múltiplas vertentes, comprometeu-se também com todos os corpos (Garcia & Queirós, 1999). Não existindo, na opinião de Daolio (1995), corpos melhores ou piores, estes expressam-se no desporto unicamente de forma diferente, testemunhando o seu esplendor, na maioria das vezes, através da superioridade corporal.

Entendemos que este deslumbramento, comprovado pelos corpos que se superam, se torna evidente no discurso do AJPF: *“Acho que os Jogos Olímpicos e os Jogos Paralímpicos estão associados à vitória, (...) sem dúvida que os Jogos Paralímpicos é o topo dos topos. Aqui tudo fica concluído.”*

Deste modo, se o desporto para deficientes nas suas origens estava vinculado, essencialmente, à sua vertente reabilitativa, a pouco e pouco novos horizontes e desafios se foram colocando aos seus atletas, emergindo outras formas de desporto (Marques, 1997). Um exemplo disso mesmo é o desporto-resultado, o desporto do treino-limite (Cunha e Silva, 1999, p. 169) e o seu expoente máximo, os Jogos Paralímpicos, que para o AJPF se assemelham à última paragem de uma viagem pelo mundo da descoberta do seu potencial. Embora este possa ser o último patamar a atingir, ele pode ser alcançado várias vezes, vezes sem conta, realçando um corpo sempre renovado no esforço desportivo, que alcança a vitória sobre si mesmo: *“Facilidades não há, (...) mas eu consigo sempre alcançar os meus objectivos. (...) O meu objectivo é tentar melhorar cada vez mais.”*

Nesta procura de se auto superar, o AJPF parece travar uma luta, mais do que com o adversário, consigo próprio, competindo com o principal objectivo de ser “mais” ele próprio (Lipovetsky, 1994). O seu corpo é, como em qualquer outro atleta, o primeiro obstáculo a transpor. Como afirma Cunha e Silva (1999, p. 165), “ao tentar superar-se continuamente, com o objectivo de se fazer, mais eficazmente, à acção, o corpo confronta-se com o facto de ser o seu próprio

obstáculo. No limite, para melhorar o corpo, para melhorar as suas *performances*, seria necessário eliminar o corpo, ou pelo menos aquele corpo”.

Dentro desta lógica, no universo do desporto para deficientes, o corpo poderá ser encarado como um duplo obstáculo, acrescentando à perspectiva anterior a própria condição da deficiência. No entanto, “se o corpo desportivo é um corpo formatado pelo treino (...), não é menos verdade que aquilo que o anima, o esforço de superação, só se consoma se associado a um espírito de transgressão, de transcendência” (Cunha e Silva, 1999, p. 168).

Assim, perante um corpo que procura ser “desobediente” com ele mesmo, o desporto surge como o meio para atingir esse intento: *“Quando comecei a praticar desporto comecei a sentir-me muito melhor, comecei a sentir que conseguia fazer mais do que aquilo que conseguia até então. Tenho mais capacidade do que tinha. Desde que comecei também a fazer piscina melhorei muito. Já consigo passar para a cadeira de rodas sozinho, consigo levantar-me por alguns segundos, mas obviamente que não me aguento de pé para, por exemplo, puxar a roupa para cima. (...) Eu não consigo caminhar, mas se me colocarem um rolo à volta, eu consigo andar pela piscina só com um pé apoiado e aos saltinhos vou caminhando. Dentro da piscina cada passo é uma vitória. Uma pessoa pode não ter muitas, mas senti-las com muito valor, porque para mim têm muito valor. Estou convicto que cada vez consigo mais.”*

Entendemos por isso que este corpo se constitui um terreno admirável para analisarmos a supremacia e o valor estético do corpo desportivo “objectivados” na categoria superação.

5.2.3 Categoria Corpo-superação: análise comparativa

Representantes do desporto paralímpico, a ALM e o AJPF não podiam senão revelar um corpo-superação. É este corpo desportivo que na sua caminhada atinge o que parecia inatingível, exercendo um grande fascínio sobre os Homens (Garcia, 1993).

No discurso da ALM pensamos existir uma relação entre a excelência corporal e o processo de identificação de tipo heróico, já que quando representamos uma nação “*não é só a família que está ali para nos apoiar, mas ao fim ao cabo é já um país inteiro que aguarda algo bom de nós, e também gostamos realmente de fazer com que todos fiquem orgulhosos de Portugal.*” Projecta-se uma vez mais a presença do público, do espectador que admira o espectáculo desportivo, aguardando pelo esplendor corporal manifestado no bom resultado. Embora de acordo com Garcia & Lemos (2005) a imagem da pessoa portadora de deficiência torne difícil a sua identificação e transformação em herói desportivo, entendemos que do ponto de vista da ALM esse processo é possível. Percebendo este processo como um meio de sublimação das nossas insuficiências (Moura e Castro & Garcia, 1998), julgamos que dificilmente encontraremos noutro contexto uma forma de valorização tão intensa da superação corporal como no desporto para deficientes.

Na linguagem do AJPF parece-nos estar presente a ideia que o corpo desportivo é, em primeiro lugar, um corpo-superação. Na nossa opinião é com um corpo “inacabado”, com um corpo ainda por fazer, que o atleta investe na procura de alcançar um estado superior. E é neste percurso que o corpo se revela igual e diferente a todos os corpos-superação. Desta investida brota aquilo que entendemos ser o principal motivo que o move para a prática desportiva – ir para além do seu corpo, mas com o seu corpo.

Concluimos assim que o que poderá estar “no centro do acontecimento desportivo é a sedução da *performance* atlética”, evidenciada pela ALM, “e a estética do desafio corporal”, patente nas palavras do AJPF (Lipovetsky, 1992, p. 134).

5.3 Categoria Corpo-liberdade

5.3.1 Categoria Corpo-liberdade para a ALM

Liberdade é uma palavra com múltiplos sentidos. Para Sartre “a liberdade não é mais do que a existência da nossa vontade ou das nossas paixões”. De acordo com Kant, liberdade é sinónimo de autonomia. Para Hume “por liberdade não podemos entender senão um poder de agir ou de não agir, segundo as determinações da vontade; quer dizer que podemos ficar em repouso, se optarmos por isso; se escolhermos andar, também o poderemos” (Russ, 2000, p. 179).

Por muito que queiramos discorrer sobre este conceito, encaminharemos o seu significado, certamente, para a redutibilidade, já que não estamos em condições de abarcar toda a sua diversidade. Mas se tal acontece no plano geral, podemos tentar discorrer sobre o seu significado num plano específico, quando a liberdade parece ser, entendemos nós, uma particularidade do corpo desportivo.

Vimos previamente, na perspectiva de alguns autores, que uma das principais características do atleta é o seu espantoso sentido de liberdade. Deste modo, embora a pessoa portadora de deficiência, mais do que qualquer outra, pareça estar “prisioneira” do seu corpo, pensamos que, como refere Bento (2006a), é no corpo desportivo que encontrará a liberdade feita corporalidade. É exactamente esta ideia que a ALM transmite: *“Quando comecei a praticar Natação apercebi-me que era capaz de fazer o mesmo que os outros, e como conseguia deslocar-me à mesma velocidade que os outros, logo aí senti que realmente tinha uma importância grande na minha vida a Natação.”*

O desporto surge no discurso da ALM como um meio para atingir não uma igualdade, mas sim uma superioridade, revelada na capacidade de se deslocar à mesma velocidade que os outros, com um corpo que é “menos corpo” que os outros corpos. Assim, no seu desporto, o corpo da ALM ganha outras possibilidades, sendo a origem e o fim de um processo de

transformação que lhe permite ascender a um estado único de liberdade, que se expressa na facilidade.

A par da liberdade, parece-nos que a vivência da experiência desportiva lhe permitiu aceder à autonomia: *“Participar em competições desde muito nova foi uma boa forma de eu ganhar autonomia, e ajudou-me imenso ao longo deste tempo ter tido essa experiência cedo.”* Esta autonomia é, num certo sentido, independência e emancipação, é liberdade, que ao emanar do corpo desportivo, “abriu” o corpo a outros corpos, por exemplo, ao seu corpo profissional: *“Eu confesso que não tenho grandes dificuldades por ter uma amputação. Tenho sempre ao longo da vida desenvolvido algumas técnicas, agora também mais na minha área profissional, a Medicina. Às vezes posso levar um bocadinho mais do que os outros a fazer determinada tarefa, mas no final, realmente, acabo por conseguir fazer. O facto é que não nos facilitam mais a vida por não termos este pedaço de corpo ou por fazermos as coisas mais lentas. Acho que nos exigem o mesmo no que diz respeito a trabalho e que em termos de competência somos tão capazes quanto os outros.”* O seu corpo-liberdade (do desporto) parece ser o ponto de partida para a dilatação da sua vida a outros corpos e a outros sectores sociais. Deste modo, entendemos que as experiências, as vivências, os sucessos e os ganhos que temos no desporto não ficam vinculados apenas a ele mesmo, repercutindo-se para outras dimensões da vida.

Por tudo isto, a liberdade do corpo marcado pela deficiência é por demais evidente. E é no desporto que este corpo encontra um lugar para viver toda a sua complexidade e plasticidade.

5.3.2 Categoria Corpo-liberdade para o AJPF

De acordo com Mora (1991, p. 238), alguns autores afirmaram que a liberdade consiste fundamentalmente em seguir “a própria natureza”, enquanto esta se encontra em relação estreita com a realidade.

Estando patente no corpo a nossa natureza, as nossas propriedades e a nossa essência (por vezes oculta), ele não pode senão conviver com ele

mesmo, em consonância com a realidade. Melhor dizendo, o corpo é a própria realidade, já que é o elemento corpóreo que nos permite existir, para mim mesmo e para os outros.

Nesta perspectiva, entendemos que o desporto é o lugar privilegiado onde o corpo se inscreve de forma profunda, e que a sua especificidade é revelar o Homem a si mesmo (Vargas, 1995). É nesta revelação que o corpo exprime os seus sentimentos e se movimenta livremente, comunicando aquilo que não sabemos dizer, cumprindo um pouco a nossa necessidade de autenticidade (Berge, 1976).

Deste modo, independentemente do corpo que se exercita, ele vai ser sempre um corpo-liberdade, um corpo actuante, transgressor e transformador de si próprio e dos lugares (desportivos) que utiliza para se cumprir, tal como se evidencia no discurso do AJPF: *“Com o Boccia e com a Natação comecei a melhorar, comecei a notar que o meu corpo dá para fazer mais coisas, é preciso é procurar formas de o estimular da forma que ele é.”*

O desporto participa assim na aventura da descoberta dos segredos do corpo, tendo como preocupações fazê-lo, criá-lo, transformá-lo (Bento, 2006b). Participa na sua construção, sendo, na nossa opinião, o meio por excelência para conferir ao corpo novos poderes.

Na presença evidente do corpo-liberdade no corpo do AJPF, somos impulsionados por uma força maior a dar relevo “à outra parte do seu corpo”, porque é sobretudo com esta “adição” de corpo que o atleta revela o seu espantoso sentido de liberdade: *“O meu corpo também é a cadeira de rodas. Não sei se me compreendes. O meu corpo também é a cadeira de rodas, sem a cadeira não há corpo... ou melhor, há corpo, mas repara, eu meto-me na cama e se quiser sair não consigo. (...) Se me sentares num sofá o que é que eu faço? Nada. (...) Mas eu tenho a minha cadeirinha em boa forma, eu sentado nela sinto-me em liberdade. (...) Nesta cadeira eu consigo ir à casa da minha avó, das minhas tias, está tudo controlado. Sem cadeira, se eu sair, sei que não posso sair do carro. Com a cadeira sei que posso.”*

A cadeira de rodas é, afinal, o corpo (objecto) que lhe permite ser corpo (humano). Com esta simbiose, o AJPF sente-se o motor e o protagonista da acção desportiva (Vilas Boas, 2006). A incorporação da cadeira de rodas é tal

ao ponto de se tornar angustiante uma provável perda: *“A cadeira do desporto actualmente tem vindo a ceder. Já tem oito anos, mas eu, neste momento, só me imagino naquela cadeira. Aquela cadeira é muito importante porque já está adaptada. Aquela pega onde eu coloco a mão é um exemplo.”*

Ao fazer referência à “cadeira do desporto”, o AJPF parece evocar aquilo que entendemos serem dois sentidos de liberdade: a sua provável privação, mas ao mesmo tempo a sua regeneração, através de uma nova cadeira do desporto e através de outras cadeiras que utiliza noutros momentos. A importância desta prótese e desta dilatação do seu corpo torna-se ainda mais evidente quando ela se superioriza ao seu corpo biológico: *“Se não tivesse este braço e esta perna, se fosse só tronco e este lado do corpo mais funcional, acho que não notava assim grande diferença. Não sei se estás a perceber. Estou a referir-me à utilidade: este braço foge-me, se não o tivesse não fugia. Mas cada vez consigo fazer com que o braço e a perna me dêem frutos, mas não para caminhar, porque eu sei que não vou caminhar.”*

Neste sentido, parte do corpo do AJPF, a parte que “não tem utilidade”, que o torna inoperante, nega-lhe o prazer da funcionalidade. Pelo contrário, o seu lado do corpo mais funcional proporciona-lhe a realização prática da vantagem e da proficiência.

Convocando inevitavelmente a subjectividade, o desporto é manifestamente a exaltação de corporalidades individuais. É no interior destas corporalidades que pensamos existir o sentido da liberdade, tornando-se o desporto valioso, também, pela infinidade de possibilidades que proporciona.

5.3.3 Categoria Corpo-liberdade: análise comparativa

Na perspectiva de Kant a liberdade não é uma questão física – ela é só e unicamente uma questão moral. Isto porque, segundo o autor, a liberdade aparece como um começo, e na Natureza não há estes começos, já que tudo nela é, por assim dizer “continuação”. Neste sentido, o Homem é livre porque não é plenamente uma realidade natural (Mora, 1991, p. 239).

Através do discurso de ambos os atletas, pensamos ser possível uma liberdade física. No entanto, esta liberdade corpórea não se limita apenas e só à materialidade, possibilitando experienciar, antes de mais, um valor e um prazer intrínsecos e uma harmonia interna absoluta. Pensamos ser nestes corpos que a liberdade surge, de facto, como um acto transcendente, como a transcendência da forma.

Porém, é possível verificar algumas diferenças nos discursos dos atletas relativamente a esta categoria. Para a ALM o seu corpo-liberdade, sendo por demais evidente no corpo desportivo, projecta-se para outros corpos, por exemplo, para o seu corpo profissional, funcionando como um meio que lhe permite atingir outras metas. Já para o AJPF, o seu corpo-liberdade parece estar associado, fundamentalmente, ao seu corpo desportivo, deixando transparecer a ideia que é no desporto que se sente realmente livre, que é no desporto que o seu corpo-com-deficiência não se sente aprisionado. Contrariamente, noutros momentos da sua vida, naqueles em que não se exalta o corpo desportivo, o AJPF parece evidenciar uma evasão, uma fuga do seu corpo: *“Todos os anos há uma festa na aldeia. A minha estratégia é convidar uma pessoa que não seja daqui, para que eu vá também. Se eu for sozinho não consigo lá estar. Se for sozinho, alguns, sem intenção, irão dizer “coitadinho, numa cadeira de rodas!”. Se estiver acompanhado, nem reparo que estão a falar. Outro exemplo é o café. Eu não vou ao café, é um dos locais em que não me sinto bem.”*

Deste modo, é o corpo-liberdade da ALM que a partir do desporto se expande noutras direcções, transmitindo sensações de leveza, de autonomia, de facilidade e de superioridade, e é o corpo-liberdade do AJPF, que no desporto nos conduz para a acção, para a criação, e para a transformação.

5.4 Categoria Corpo-eficiência

5.4.1 Categoria Corpo-eficiência para a ALM

Para alguns autores como Lipovetsky (1994), o grande fascínio pelo desporto advém da sua vertente competitiva, ao revelar um espectáculo que se destaca pela raridade das prestações humanas. É principalmente no desporto de rendimento que o atleta se abre a todos os olhares e encena a sua dramatização. Ele conta assim uma história, a do criador e da criação, unificada num só corpo e em cada gesto observado.

A prática desportiva transfere-nos para um mundo povoado de arte e de técnicas, onde cada corpo tem as suas. Embora cada modalidade se identifique com um padrão de movimentos muito próprios, eles surgem em cada corpo povoados de particularidades – se na universalidade todos se assemelham, na especificidade todos se diferenciam. Deste modo, ao mesmo tempo que o desporto configura o corpo, o corpo transfigura o desporto.

Para a ALM o desporto para pessoas portadoras de deficiência estabeleceu um percurso de edificação, divulgando valores que pouco a pouco se foram diferenciando: *“No início estava simplesmente relacionado com o facto de mostrar que a pessoa com deficiência era capaz de ser eficiente, de ser eficiente tal e qual como os ditos “normais”. Tinha como base um convívio social, sendo uma forma de motivar aqueles que se isolavam em casa a conviverem, a fazerem a sua integração na sociedade. A partir de alguns anos para cá, o desporto paralímpico envolve muitos outros conceitos, nomeadamente prémios monetários, reconhecimento público, envolve patrocínios. (...) De forma que também já conta o empenho e a eficiência motora e por isso também começa a surgir cada vez mais o doping no desporto paralímpico.”*

Não sendo nossa intenção fazer aqui uma resenha histórica dos ideais que se sobrelevaram no desporto para deficientes, não podemos negar que eles têm vindo a sofrer alterações. E se anteriormente o ser eficiente estava relacionado, essencialmente, com o ser activo e produtivo na sociedade, hoje o ser eficiente volta-se para o desempenho desportivo do indivíduo, em direcção

ao resultado. Assim sendo, este corpo-eficiência inicia a sua caminhada rumo àquilo que é o desporto de competição, surgindo a necessidade da qualidade do gesto e do movimento.

Ao integrar a equipa de Natação Adaptada, a ALM percebeu que tinha que se dedicar quase exclusivamente à modalidade, apercebendo-se deste modo da predominância da sua componente técnica: *“Desde cedo me apercebi que o facto de praticar o meu desporto me fazia sentir sempre mais ágil, com mais força de vontade. (...) E desde então não parei mais”*.

Estamos assim perante um corpo desportivo que, capaz de se auto superar, transmite e atinge uma desenvoltura sempre em ascensão e aperfeiçoamento, evidenciando o seu valor estético, comprovando que um corpo com d-eficiência ou aparente insu-eficiência pode ser um corpo eficiente.

5.4.2 Categoria Corpo-eficiência para o AJPF

O desporto é um espaço de criação de existências, onde podemos encontrar e cultivar os valores da corporalidade, do rendimento, do esforço, do empenhamento, da persistência, da dificuldade e da realização. É um espaço de configuração, de estética e de comunicação (Bento, 1990). Nesta perspectiva, ele existe para todos, configurando-se de acordo com os múltiplos sentidos que ligam as pessoas ao desporto (*id.*). O desporto assume-se assim como uma das formas do Homem se comprometer com a sua corporalidade, sendo no desporto de competição que o corpo se propõe à expansão, abraçando diariamente novos horizontes.

O discurso do AJPF parece realçar isso mesmo: *“Naquela altura, antes de ser convocado para a Selecção, as minhas performances não estavam nada más, estavam boas. Eu sabia que estava muito forte, eu tinha ganho os campeonatos todos. De modo que quase de certeza que era eu o convocado. Todos os factores estavam a meu favor.”*

Evidenciamos aqui a exaltação da excepcionalidade corporal que se superioriza a todas as outras, resultante de um trabalho que conferiu ao corpo

a capacidade de se auto modelar. É assim o corpo desportivo trabalhado ao mais alto nível, chegando ao ponto de interiorizar de tal maneira a sua viagem ascensional, que não se apercebe da sua própria condição: *“Quando fui convocado, no início de 2003, fiquei contente. Passado algum tempo estive a reflectir sobre isso e notei que eu dei o meu máximo, aliás, em 2003, estava no meu máximo, de tal forma que eu não tive consciência que poderia ser seleccionado. Até ao último momento, até à palavra do seleccionador, eu não queria acreditar que ia ser convocado.”*

Mais importante que o produto, o AJPF realça aqui todo o processo que o conduziu ao cumprimento do seu principal objectivo. Não desvalorizando o fim alcançado, é de facto durante o percurso que o corpo desportivo revela a suas qualidades e a sua real eficiência. Como diz Lipovetsky (1994, p. 128), “para além dos resultados mais visíveis do desporto, ele ensina também (...) a suplantação de si próprio”.

5.4.3 Categoria Corpo-eficiência: análise comparativa

De acordo com Fernandes (1997) a deficiência não se manifesta na pessoa humana mas sim em determinada condição. Se formal e institucionalmente o desporto de rendimento para pessoas portadoras de deficiência se encontra separado do desporto para pessoas ditas “normais”, ele é uma das condições em que provavelmente a diferença está presente. De modo semelhante, Kant considera que a noção de diferença é algo que se aplica aos fenómenos e não às coisas em si (Mora, 1991).

Independentemente das diferenças, partilhamos da ideia de Cunha e Silva (2003, p. 108) quando diz que “entre o mesmo e o diferente há muito mais semelhanças que diferenças”. Para além do mais, entendemos que uma das maiores riquezas do desporto é, precisamente, a capacidade de envolver todos quantos nele se querem inscrever.

Como nos diz Epicteto, embora não dependa de nós o corpo, já que ele não é uma obra exactamente nossa, dependem de nós as nossas próprias

obras. E estas “são naturalmente livres, sem impedimento, sem obstáculo” (Russ, 2000, p. 178). Assim sendo, todo o corpo desportivo é livre de optar pelas obras que nele quer inscrever. Na nossa opinião, uma dessas obras, dignas do corpo no desporto, é a eficiência corporal que se alcança na prática diária de uma modalidade.

Para os atletas em estudo, o corpo-eficiência é um corpo que incorpora e que simultaneamente exterioriza a qualidade do gesto, evidenciada simultaneamente na sua economia e no seu uso excessivo, e que apenas é conseguida por um corpo altamente treinado. Quer este corpo se enfatize pelo processo, quer se destaque pelo produto, será sempre, pensamos nós, resultado do valor e da virtude de um mesmo sentimento, mas sempre renovado. Comparando os discursos de ambos os atletas, verificamos que para a ALM o corpo-eficiência começou a assumir uma preponderância cada vez maior no desporto para deficientes, sendo imprescindível para a sua ascensão a corpo-desportivo. Relativamente ao AJPF, o corpo-eficiência é o corpo do desporto de competição, é o corpo que o próprio desporto vai construindo, como se iniciássemos uma longa caminhada – o caminho somos nós que o traçamos e só avançamos quando o nosso corpo nos permite; à medida que o vamos percorrendo, o que fica para trás é importante, pois é o alicerce para o que vamos alcançar de seguida; mas não são autorizados recuos, isso implicaria ter que começar um novo caminho, agora mais difícil.

5.5 Categoria Corpo-harmonia

5.5.1 Categoria Corpo-harmonia para a ALM

Quando falamos em harmonia ou quando o conceito nos surge, em qualquer contexto, a primeira ideia que se apodera de nós é sinónimo de conformidade, de regularidade, de ordem entre os elementos, de disposição bem ordenada entre as partes de um todo. Tomando estes termos como ponto

de partida, seria certamente difícil enquadrá-los com um corpo portador de deficiência, já que este, na grande maioria das vezes, apresenta uma “desordem” corporal visível, exposta nas suas partes constituintes. Sendo a harmonia uma importante categoria a considerar quando temos como objectivo identificar o valor estético do desporto (Lacerda, 2002a), aparentemente torna-se uma tarefa quase impossível demonstrar a sua presença no corpo do desportista deficiente. Porém, pensamos que tal evidência se torna possível se tivermos em consideração que o olhar estético tem como principal objectivo “desvendar novas formas nas formas estereotipadas” (Lacerda, 1999, s.p.). Se nos distanciarmos das “normas” corporais e lançarmos um olhar atento sobre o corpo do desportista deficiente em acção, pensamos ser provável e intensa a harmonização do momento, ao verificarmos que um corpo “desarmonia” é capaz de conjugar o gesto desportivo (eficaz e eficiente) com a perfeição.

Para a ALM este corpo-harmonia, representado no desporto, estabelece uma forte relação de harmonia com o seu Corpo, entendido numa perspectiva de totalidade: *“O facto de praticar desporto trouxe alterações também em termos de adaptação ao meu corpo.”* Parece-nos estarmos perante aquilo que entendemos ser uma das principais funções do desporto, que se consubstancia até no seu valor educativo, ou seja, na capacidade que as suas vivências têm de nos proporcionar experiências ricas no que diz respeito ao reconhecimento do nosso valor, proporcionando um bem-estar que se reflecte numa boa relação com o nosso corpo. Desta “harmonização” a ALM parece tirar benefícios também para a sua vida do quotidiano, de modo algo semelhante ao que foi possível constatar na categoria corpo-liberdade: *“O facto de praticar desporto também ajuda que estando em forma, não tenho que me preocupar com essa parte, e logo tudo é mais harmonioso.”* Verificamos assim uma “dupla” harmonia, funcionando sob duas perspectivas, na medida em que para além de uma harmonia física, a ALM parece evidenciar uma harmonia “interior”.

Com isto podemos concluir que a pessoa portadora de deficiência para além de encontrar no seu corpo desportivo um corpo-harmonia, este pode projectar-se para um equilíbrio total, prolongando-se para outros momentos da vida social.

5.5.2 Categoria Corpo-harmonia para o AJPF

Ao realçarmos a presença de um corpo-harmonia no corpo do AJPF, verificamos no seu discurso o que entendemos ser um (aparente) paradoxo: *“Eu agora estou solto, mas se sair de casa eu tenho os meus auxílios, coloco a mão aqui, presa no elástico, e mesmo que o braço fuja não é mais do que isto [realiza um movimento de reduzida amplitude]. Portanto, uso estratégias para defender o meu corpo.”* Associando os termos harmonia e estratégia, percebemos a presença de uma harmonia sim, mas que se pode interpretar como “forçada”, delineada, que tem que ser planeada para ser conseguida (o que certamente não será muito difícil de idealizar num corpo com deficiência). Para além disso, o AJPF transmite a ideia de possuir dois corpos num só, simultaneamente em fusão e em separação e afastamento – um que responde ao seu comando e outro que não consegue controlar. Verificamos também que em algumas situações, o seu corpo não lhe permite *“andar solto”*, como se de um “animal selvagem” se tratasse e que de forma desenfreada se desprende, não tendo meios para o fazer regressar. No entanto, é neste e com este “corpo bravo” que se expressa a harmonia. Desta conjugação ou conciliação de corpos emerge uma forma de cadência, de ritmo, de regularidade que é conseguida pelo seu corpo desportivo. O seu corpo, ao assemelhar-se a uma “máquina” por vezes desorientada, consegue encontrar no desporto uma forma de estabelecer a proporção entre as partes, ou até mesmo de superiorizar o seu corpo controlado, imperando sobre o desfalecimento de um corpo descontrolado. Os corpos que por vezes se manifestam no desporto, uns que se pretendem calmos e seguros de si, outros que se pretendem no culminar da excitação, parecem estar congregados num só corpo, no corpo do AJPF. O desporto é assim, para este corpo, um meio de o submeter ao controlo da mente e de uma normalidade instalada.

Tendo consciência de um corpo-harmonia momentâneo, o AJPF afirma: *“Nos Jogos de Atenas 2004 [na cerimónia de abertura] (...) posso dizer que ia sempre no meio, nunca gostei de me chegar à frente nem chegar para trás. Vou no meio, não sei se também é devido à minha deficiência. Daqui a bocado posso ter um “tic” e ficar todo torto!”*. Com as suas palavras entendemos que o AJPF, com a posição que

ocupa, pretende estabelecer uma harmonia “geral”, com os outros que o acompanham e com o que o rodeia. Não como forma de esconder a sua deficiência, mas como meio de estabelecer um equilíbrio corporal, com os outros corpos. No caso específico aqui mencionado, provavelmente a grande maioria das pessoas que o acompanhavam eram também portadoras de deficiência. Tendo isto em atenção, o AJPF parece ter como objectivo harmonizar todos os corpos, para que no seu movimento pareçam um só, e assim “embelezá-los”.

Em conclusão, é possível verificar que este corpo desportivo, transportando uma aparente desarmonia, encontra no desporto uma forma ímpar de instalar a harmonia, mesmo transportando o que parece ser um corpo divisível, um corpo múltiplo, composto por duas partes fechadas, mas que se abrem neste fenómeno.

5.5.3 Categoria Corpo-harmonia: análise comparativa

Depois de interpretarmos a presença desta categoria no discurso de ambos os atletas, parece-nos ser possível comprovar algumas ideias convergentes e também ideias diferenciadas.

Como vimos anteriormente, a ALM realça aquilo que nos parece ser um corpo-harmonia uma vez mais voltado para o corpo social. Assim sendo, a prática desportiva possibilitou-lhe, ou pelo menos foi uma das formas que lhe permitiu ter uma melhor relação com o seu corpo. Daqui se retira a ideia de uma harmonia também interior, já que foi possível estabelecer um equilíbrio entre o que na sua opinião é um corpo aceitável e os padrões que estão estabelecidos na sociedade relativamente ao que é considerado um corpo belo (do ponto de vista da aparência).

Na perspectiva do AJPJ, podemos afirmar a presença de uma ideia semelhante, embora não tão vinculada aos estereótipos que vigoram na sociedade. Embora o atleta sinta necessidade de estabelecer uma harmonia

“colectiva” quando está na companhia de outras pessoas, a sua deficiência não parece ser a principal razão para aquilo que poderemos chamar “pequeno refúgio”. No sentido de “*proteger*” o seu corpo, o AJPF parece também querer “*proteger*” aqueles que o acompanham, tornando a movimentação dos corpos mais harmoniosa, como se todos os corpos fossem apenas um só. Para além disso, seguindo esta mesma ideia de “protecção”, o AJPF manifesta o que na nossa opinião resulta na intenção de exercer um domínio sobre o seu corpo, sendo este domínio uma forma de harmonizar as suas duas partes, uma parte esquerda que controla sobre a sua vontade, e uma parte direita que por vezes se torna desobediente e desafiadora. O desporto é assim, uma vez mais, uma forma que lhe admite ter poderes sobre o seu corpo.

5.6 Categoria Corpo-atracção

5.6.1 Categoria Corpo-atracção para a ALM

Ao longo do nosso trabalho temos vindo a realçar, entre outros aspectos, a importância que o corpo assume na sociedade contemporânea, funcionando como meio de interacção privilegiado (Garcia, 1999; Lacerda & Queirós, 2006). Estando integrado numa realidade social concreta, o desporto reúne e evidencia no seu universo grande parte dos valores e dos princípios que se verificam na sociedade (Costa, 1997). Um exemplo disso mesmo é corpo que tantas vezes é publicitado na sociedade como ideal, e que espelha características do corpo desportivo. Daqui podemos concluir que o desporto tem assim uma forte influência na vida quotidiana. Neste contexto, o corpo desportivo, especialmente aquele que é treinado para obter elevados rendimentos, transporta um grande conjunto de particularidades que o tornam atractivo aos olhos dos outros, diferenciando-se dos outros corpos principalmente pela sua excepionalidade. Acrescentando a tudo isto, realçamos a dimensão espectacular do desporto de competição, que deve

grande parte do seu sucesso, precisamente, à excelência corporal que é passível de ser observada.

Tendo em consideração estes aspectos, e lendo atentamente o discurso da ALM, verificamos a presença do corpo-atracção no seu corpo desportivo: *“Existem vários motivos que nos levam a praticar desporto: o bem-estar psíquico, o bem-estar físico, a saúde (...). Mas também o que é certo é que para além disso tudo, há sempre aquela vontade de ter um corpo socialmente aceitável. E às tantas trabalhamos para este bem que falei há pouco, mas também, por um lado, para termos um corpo que seja atractivo aos olhos dos outros, para que gostem de nós. A gente sabe e diz que não, mas às tantas realmente isso acontece. A pessoa tem que estar bem para ser aceite pelos outros, é mesmo assim.”* Tal como tem vindo a tornar-se habitual nas palavras da ALM, a dimensão social é uma vez mais pronunciada para realçar a sua necessidade de ser aceite pelos outros, aceitação essa que parece ser condicionada pela força de atracção exercida pelos corpos. Sendo assim, o desporto, para além de proporcionar um bem-estar geral, é um meio que pode facilitar a aprovação do corpo com deficiência.

Realça-se assim que na opinião da ALM o corpo do deficiente pode tornar-se atractivo, e uma das vias para atingir esse objectivo passa pela configuração de um corpo desportivo: *“Eu acho que o corpo do deficiente tem valor estético. Mas por vezes choca. Há quem não esteja preparado para olhar para um corpo com alguma coisa fora daquilo que é habitual e choca, as pessoas tendem a virar o olhar. Às vezes olham por curiosidade, mas não associam realmente à beleza ou por ser atractivo. Por outro lado, há realmente aqueles que cultivam esse conceito, e um exemplo disso é o calendário que a Selecção Brasileira fez com alguns atletas que foram aos Jogos, fotografados nus, com os corpos prateados. Aquilo ficou assim uma coisa fantástica. Realmente aquilo é atractivo e a Estética passa também muito por aí. Outro exemplo é a ideia fantástica desenvolvida pela Federação, ao associar as figuras míticas à imagem dos atletas paralímpicos. As fotografias ficaram lindíssimas!”*. Verificamos aqui a transformação que é possível operar no corpo para que ele se torne mais rico do ponto de vista estético. Essa transformação não passa somente pela forma como o corpo pode ser exposto e “decorado” ou “adornado”, mas principalmente pelas formas que o desporto inscreveu no corpo, ou melhor, pela expressividade que o desporto conseguiu revelar através de uma forma diferente de corpo.

Por tudo isto, a ALM evidencia também, de uma forma muito clara, algumas particularidades que podem contribuir grandemente para o valor estético do desporto paralímpico: *“Nos Jogos Paralímpicos tudo é planeado ao máximo do pormenor. É tudo feito para que a primeira impressão seja logo fantástica, quer para atletas, treinadores, quer para o público. O primeiro impacto acaba sempre por ser positivo. Na abertura tudo há-de ser preparado de modo a impressionar aqueles que contactam com os Jogos Paralímpicos. Para além disso, qualquer atleta que participa nuns Jogos há-de querer ser socialmente atractivo, vai querer, como toda a gente, que facilmente gostem dele (...) de maneira que também vai querer andar a desfilas com o equipamento da Selecção e que tudo assente na perfeição.”* Um dos aspectos a considerar é a importância que a ALM confere ao público, demonstrando que o espectáculo desportivo também é feito para ele e com ele. Deste modo, tudo parece ser idealizado com o objectivo de impressionar, de tocar a sensibilidade de todos quantos estão envolvidos no desporto. Para além desta ideia, associado ao corpo-atracção surge a perfeição. O atleta tem assim a capacidade de, em conjugação com o seu poder atractivo, poder transmitir momentos e sensações de beleza e harmonia.

Concluimos assim ser possível a presença de um corpo-atracção no corpo do desportista deficiente, enaltecendo deste modo o seu valor estético, tendo o desporto como principal mediador.

5.7 Categoria Corpo-perfeição

5.7.1 Categoria Corpo-perfeição para o AJPF

A ideia de perfeição está tradicionalmente relacionada com a ideia de fim, de aquisição de uma condição que não se pode ultrapassar, pois se ela é perfeita, nada mais há para além dela. Ou seja, a ideia de perfeição deixa transparecer uma ideia de acabamento, de finitude, de finalização, e de demarcação.

No entanto, se seguirmos este entendimento, como poderemos considerar a perfeição uma das principais evidências do desporto de competição? Em que medida é que um corpo desportivo alcança a perfeição? Se à definição de perfeição está vinculada a ideia de consumação, de fim, de limite, como inclui-la no universo do desporto se este é constantemente renovado, se ao seu último estágio alcançado de *performance* corporal se acrescenta sempre um outro, se não for pelo mesmo corpo, por outro corpo?

Se assim fosse, entendemos que o desporto já tinha encontrado o seu fim, por não ser “estimulante” a sua prática pela infinidade de corpos desportivos que diariamente lhe dão “Corpo”. De igual modo, deixava de existir o grande fascínio e a componente “provocatória” que este fenómeno, principalmente na sua vertente competitiva, exerce sobre nós – os corpos abdicariam da sua prática, na medida em que todos lutariam pelo mesmo propósito, que se faria representar pelo mesmo gesto, dado a conhecer pelo mesmo resultado. Igualmente o público, a partir do momento que não se sentisse extasiado pela inovação, deixaria de existir, negando a vivência do espectáculo desportivo.

Na exaltação do seu corpo-perfeição, o AJPF estabelece uma comparação entre níveis de competição, anunciando a sua qualidade como um dos factores que capta a presença do público: *“No Campeonato da Europa, comparado com os Jogos Paralímpicos, as bancadas estavam vazias. Os Jogos Paralímpicos já têm mais alguém [público]. É que o nível de competição apresenta melhores qualidades, principalmente a nível de jogo. Estão lá os melhores.”* A qualidade do evento, nomeadamente dos Jogos Paralímpicos, aparece no discurso do AJPF evidenciando um estado de perfeição que apenas é conseguido pelos corpos que se inscrevem na sua realização, já que a qualidade congrega, por assim dizer, um conjunto de particularidades que apenas são exclusivas de cada um, de cada corpo; caso contrário, todos os corpos seriam “corpos-perfeição”, e os níveis de competição já não necessitariam de diferenciação. Assim, parece ser evidente uma simbiose de criação entre corpo (desportivo) e desporto, já que são os corpos (“cada vez mais perfeitos”) que permitem o aperfeiçoamento do desporto, ao mesmo

tempo que é o desporto que proporciona uma concretização (“cada vez mais perfeita”) de corpo.

Ainda relacionada com a ideia da qualidade do desporto, está, na nossa opinião, a presença do público. A sua (maior) comparência parece ser determinada pelo nível de perfeição que pode ser alcançada pelos corpos desportivos: *“Quanto maior for a dimensão, melhor é a qualidade. Melhor é a qualidade porque? Porque ali é tipo um filtro, ali só passam os melhores. E obviamente que se os jogos são disputados com os melhores, as pessoas vão ver, e sabem que vão encontrar jogos mais competitivos, vão encontrar “n” coisas que são importantes.”* O que o AJPF parece transmitir é que quando estamos perante um fenómeno que se caracteriza pela excelência corporal, somos como que impulsionados a observá-la, já que ela revela aquilo que a nós se superioriza. É precisamente esta relação estreita entre a realização do gesto e a forma mais perfeita de o executar que em nós suscita admiração. E embora por breves momentos nos inquiete o vislumbrar de tal proeza, (o “como”), não nos parece ser uma preocupação compreender a sua origem e finalidade (o “quando” e o “porque”). Esta pode ser assim uma via para a contemplação do valor estético do corpo desportivo, já que ela surge de um prazer desinteressado (Adorno, 1970; Dufrenne, 1988; Fernandes, 1999).

Em associação àquilo que dissemos até agora, a ideia de “*filtro*”, revelada na linguagem do AJPF, remete-nos, uma vez mais, para um corpo-perfeição, explicando de forma simbólica um processo de selecção, que permite aos atletas estarem presentes nas competições de maior visibilidade. Esse filtro é, de longe a longe, alvo de um processo de renovação, adaptando-se a novos corpos-perfeição e a novos patamares do mesmo corpo-perfeição.

Assim, se numa perspectiva biológica e funcional o corpo do AJPF pode ser considerado incompleto e imperfeito, no desporto o seu corpo revela-se perfeição (embora que breve e transitoriamente). Deste modo, contrariamente à ideia que poderia surgir de um corpo “cumprido”, “concluído” no desporto, entendemos que o corpo desportivo do AJPF é, precisamente, um corpo “perfeitamente inacabado”: os seus produtos poderão ser considerados momentaneamente perfeitos, apenas na medida em que se superiorizaram aos anteriores; todavia, a qualquer momento se tornam “imperfeitos”, quando o

corpo desportivo atingir o patamar seguinte de perfeição. Segundo Aristóteles, “as coisas que atingiram o seu fim também se dizem perfeitas”, (...) porque ter atingido o seu fim é ser perfeito” (Russ, 2000, p. 231). Consideramos que o acto em si, o acto ascensional de atingir um fim (e não o fim) pode ser considerado perfeito, mas o resultado que advém desse acto, esse fim que no corpo-perfeição do AJPF não parece ter fim, pensamos ser eternamente imperfeito, na medida em que parece haver sempre algo mais a acrescentar: *“Quando vem uma cadeira nova, tenho que pensar já de modo a ser mais ou menos idêntica a esta, ou ser ainda melhor. É muito importante.”* Realçando uma vez mais o seu corpo, ou uma parte do seu corpo, o AJPF reforça aquilo que nos parece ser a possibilidade que este corpo lhe dá de manter ou atingir novos patamares de um corpo-perfeição. É manifestamente um corpo-perfeição que na sua eterna procura perpetuará a sua incompletude.

5.8 Categoria Corpo-poder

5.8.1 Categoria Corpo-poder para o AJPF

Por tudo o que temos vindo a verificar, estamos em condições de afirmar que o corpo do (e no) desporto é um corpo “plural”, já que a sua presença irradia uma imensidão de sensações, como se um só corpo se expandisse e se desdobrasse em múltiplas formas e em múltiplos corpos, tantos quantos os olhares que sobre ele se deleitam – nenhum corpo do desporto, como aquele que se dá a conhecer pela sumptuosidade e opulência corporais, é capaz de tão grande virtuosismo. Tal como afirma Teixeira (1998), chega mesmo a causar admiração a forma como se enaltece e valoriza o poder manifestado pelo corpo de um atleta em pleno momento competitivo. Transpondo estas ideias para o corpo do desportista deficiente, podemos afirmar que também ele se manifesta, essencialmente, pela linguagem corporal.

De acordo com Lacerda (2004a), o espectro de sensações resultantes da observação do desporto pode ser diverso, já que o nosso íntimo pode ser invadido pela tranquilidade e pelo fascínio, ou, pelo contrário, pelo desprezo e frustração. Independentemente da forma como a sensibilidade do espectador possa ser tocada, somos da opinião que estamos, invariavelmente, na presença de um corpo-poder. Mais do que qualquer outro corpo, é precisamente o corpo do desportista deficiente que dá um sentido especial a esta forma de corpo que adquire significado através da palavra “poder”. Este corpo é assim no desporto um corpo que é capaz de dizer “eu posso”. Para exercer o seu domínio, algo ou alguém tem que se sentir dominado por esta força maior, mesmo que não se aperceba da sua presença ou de onde provém a fonte ou a razão de tal dominância. Na nossa opinião é o público (ou o espectador) este ser “dominado”, este ser “vencido” e “rendido” ao poder avassalador de um corpo, à primeira vista, subjugado. Estabelecida esta interacção, todas as possibilidades de comunicação são prováveis entre corpos “dominados” e “dominantes”, e que assumem por assim dizer, diferentes funções no desporto.

Interessa realçar aqui a importância que consideramos ter esta categoria no discurso do AJPF. Para além de um corpo-poder, por demais evidente na excelência e superação corporais, parece-nos também emergir a ideia de um corpo “socialmente poderoso”. Se ao longo dos discursos que até agora temos vindo a interpretar a dimensão social parece estar sempre ocultada e ofuscada por outros aspectos de maior relevância, ela desponta agora nesta vertente de corpo desportivo. Assim sendo, o AJPF parece exaltar aqui a necessidade de sentir a presença (activa) do público nos momentos em que pratica o seu desporto: *“Acho que o Boccia perde muito pelas regras, as regras é que são as culpadas. Eu até percebo porque é que não há muito público. Estar a assistir a um jogo de Boccia é uma “seca”. (...) Eu próprio organizei um jogo de Boccia e coloquei-me na perspectiva de espectador. Cheguei a uma altura que “peguei” na cadeira e fui dar uma volta. Em Atenas vi as provas de Natação. Era outro mundo, era outra adrenalina. Eram pessoas a assobiar, era toda a gente a ver quem chegava primeiro. Ali “puxa-se” pelo atleta!”* Verificamos que na opinião do AJPF uma das principais razões que justificam a ausência de público diz respeito à própria modalidade,

à sua forma estrutural e às regras que a configuram. Ele parece assim manifestar o desejo de vivenciar o espectáculo desportivo com toda a sua intensidade, sendo para tal imprescindível a presença de corpos que se deixem “dominar”. Só desta forma o desporto alcançará a sua real dramatização e o seu corpo desportivo assumirá o papel (poderoso) de actor principal: *“Se as pessoas se manifestassem e houvesse barulho no Boccia eu não me desconcentrava. Um jogador tem que se adaptar às situações. Um atleta tem que se confrontar. Dizer: “Força!”, por exemplo, não tem mal nenhum. Uma coisa que eu detesto é ouvir o “nada”! Vou-me preparar para lançar e não ouço nada! Isso perturba-me um pouco.”* Uma vez mais o AJPF comprova a ideia de um corpo-poder, ao atribuir ao atleta uma funcionalidade e plasticidade tais, que lhe permite adaptar a todas as situações e imprevistos, e assim adquirir mais uma forma de corpo-poder. *“Ouvindo o silêncio”*, o AJPF parece sentir-se mergulhado num mundo que não é de todo o mundo do desporto. Pelo contrário, a possibilidade de ouvir algo mais que apenas o silêncio transmite-nos a ideia que todos os olhares se voltam para ele, para o seu corpo, para a sua execução, havendo como que uma recompensa, não só social mas também uma recompensa para ele próprio.

Em conclusão parece-nos ser visível nesta categoria o aparecimento de uma nova ideia no discurso do AJPF, estando intimamente relacionada com a dimensão social, e que se projecta especificamente para a presença de público no (seu) desporto. Deste modo, se em anteriores categorias esta dimensão ocupava um lugar secundário, agora foi-nos possível verificar que o corpo desportivo do AJPF apresenta numerosos poderes, sendo um deles a capacidade e, simultaneamente a necessidade de ter sobre o seu corpo todos os olhares.

Concluídas as tarefas descritiva e interpretativa referentes às categorias que emergiram das entrevistas, pretendemos de seguida dar a conhecer a opinião dos atletas, Leila Marques e João Paulo Fernandes, no que diz respeito à influência de um conjunto de factores condicionantes de atribuição de valor estético ao desporto previamente estabelecidos, tentando assim dar resposta a um dos objectivos por nós formulados.

↳ **Género do atleta**

Para a ALM o género do atleta, em associação com a modalidade, parece ter influência na apreciação estética do corpo. Deste modo, na sua opinião, existem modalidades em que se torna mais aprazível ver mulheres ou homens: *“Há modalidades que estamos mais habituados a apreciar uma atleta ou um atleta, e há-de ser sempre mais agradável ao olhar, por exemplo na Ginástica, uma atleta do que um atleta. Por muito que o corpo esteja trabalhado, e têm todos corpos fantásticos, acaba sempre por ser mais belo e agradável uma atleta a praticar Ginástica.”* Comparando as especialidades da Ginástica e as suas exigências técnicas e artísticas, verificamos que as que são destinadas aos atletas do sexo feminino se associam a qualidades como a leveza, a fluidez, a elegância e a graciosidade, ao passo que aquelas que se reportam aos atletas do sexo masculino se identificam essencialmente com a força, com a potência muscular. Nesta perspectiva, a ALM parece evidenciar uma opinião que se aproxima da ideia tradicional de Estética e de Estética do Desporto, em que a um determinado conjunto de modalidades, geralmente designadas como *desportos de composição artística* (Martins, 1996), como sejam a Ginástica rítmica, a Patinagem artística, a Natação sincronizada e os Saltos para a água, é-lhes associada um conjunto de sensações que nos transportam precisamente para fluência e para a delicadeza.

Relativamente ao AJPF, o género, de uma forma geral, não é um factor que pode ser considerado importante nesta temática. No entanto, se a este associarmos o tipo de modalidade, em situações específicas o género pode tornar-se um aspecto de influência na apreciação estética: *“No Boccia acho que*

não interfere. Nos desportos em que dividem as provas para ambos os sexos poderá ter alguma influência, mas no geral, acho que o género não interfere.” De modo semelhante ao que se tem vindo a evidenciar no discurso do AJPF, as formas que o corpo transporta e a sua aparência não se assumem como importantes no domínio da Estética do Desporto. Porém, em alguns desportos, como sejam aqueles em que é manifesta a divisão entre feminino e masculino, o género parece exercer alguma influência. Parece-nos que esta demarcação pode ser resultante do conjunto de movimentos que estão inerentes aos diferentes corpos e às suas variadas manifestações, e que se expressam diferentemente por homens ou por mulheres.

✎ **Tipo de deficiência e morfologia corporal**

Através da relação entre estes dois factores, que nos parece ser bastante evidente, na medida em que é na forma corporal que, na grande maioria das vezes, se exterioriza a deficiência, a ALM afirma: *“O tipo de deficiência na minha opinião também interfere. Alguém que tenha malformações mais acentuadas, mais estranhas, que as pessoas não estão habituadas a ver, acaba por não considerar tão bela.”* A forma, os contornos, claro que influenciam, mas o tipo de deficiência acho que pode realmente influenciar na forma como se encara o corpo, como mais ou menos estético”. Verificamos assim a consideração destes dois factores no discurso da ALM, sobressaindo o tipo de deficiência como factor de diferenciação. Este parece ser determinante para uma maior ou menor valorização do corpo do deficiente do ponto de vista estético.

Do discurso do AJPF evidenciamos que, de modo semelhante ao da ALM, o tipo de deficiência é referenciado como basilar, na medida em que pode “ferir” o íntimo de quem observa: *“Por exemplo, em relação à Leila Marques acho que não. Mas em relação aos amputados mais graves, que na minha opinião chocam, poderá influenciar a apreciação estética do desporto. Acho até que não será tanto o tipo de deficiência, mas sim a sua gravidade (...) se o corpo é deficiente ou não.”* No entanto, para além do tipo de deficiência, o AJPF associa a sua gravidade, na medida em que a sua maior ou menor exteriorização se expressa no corpo.

↳ **Plástica dos movimentos inerentes ao desporto praticado**

Por meio da análise do discurso da ALM entendemos que o conjunto de movimentos produzidos pelo corpo podem influenciar a apreciação estética do desporto ao transmitirem uma ideia que nos parece ser de uma harmonia corporal total: *“Acho que sim, porque há movimentos que são mais graciosos, mais bem definidos, que vivem muito do controlo da amplitude, da velocidade com que são executados, do que os movimentos mais grosseiros, que às vezes determinado desporto implica, e que acabam por ser menos estéticos que os outros. Por exemplo, no Atletismo, um lançador de peso, em termos de movimentos que a prática desportiva exige, é menos bonito do que na Natação sincronizada ou um Salto para a água. Acaba por ser mais harmonioso o corpo todo em movimento.”*

Para o AJPF, as possibilidades do movimento que estão inerentes a cada modalidade parecem exercer também alguma influência, dando o exemplo muito preciso do Boccia: *“É mais um dos factores em que o Boccia é prejudicado, pelo tipo de movimentos. No Atletismo e na Natação o movimento é diferente. Há a adrenalina de quem vai chegar ao final em primeiro lugar. No Boccia não. Por isso, poderá influenciar.”* Porém, se as possibilidades de movimento no Boccia são “limitadas”, elas devem-se às possibilidades de movimento que os seus corpos são capazes de realizar. Por isso, parece-nos que associado a este factor está o referido anteriormente (tipo de deficiência e morfologia corporal).

↳ **Domínio técnico (“o corpo que age”) e domínio táctico (“o corpo que pensa”)**

No que diz respeito à influência do domínio técnico e táctico, possível através dos corpos, a ALM é da opinião que ambos têm um lugar preponderante a exercer nesta temática: *“O domínio técnico sem dúvida. Movimentos bem executados, definidos e muito bem trabalhados acabam sempre por ser mais belos e estéticos do que movimentos não tão bem planeados e mais grosseiros. Quanto à táctica, penso que se poderá tirar partido desse aspecto em*

termos de beleza num jogo, na prática de determinada actividade. Agora que penso nisso, acho que sim.”

Contrariamente à opinião da ALM, o AJPF evidencia que: *“Cada desporto tem as suas especificidades e características. Acho que não se pode comparar o Boccia com a Natação. Cada desporto    nico. Por isso, este factor, na minha opinião, não interfere.”* Daqui depreendemos uma aparente contradi o no seu discurso, já que quando se reporta   plástica dos movimentos, a sua opinião é direccionada para uma influência que parece ser importante. Todavia, talvez o AJPF se refira mais   essência do próprio desporto e às regras que o orientam quando se reporta ao seu domínio técnico e táctico. Porém, entendemos que “o corpo que age” e “o corpo que pensa” é que vão engrandecer a expressividade de um determinado desporto, é o corpo que permite que uma determinada modalidade transmita maior ou menor valor est tico.

Vestuário e acessórios utilizados

Uma grande influência na aprecia o da estética do desporto parece ter este factor na opinião da ALM: *“Sem dúvida! A Patinagem artística ou a Ginástica vivem muito do aspecto do vestuário usado, que vai, sem dúvida, quando estão bem vestidos, ajudar a que o atleta tenha um melhor resultado e que seja todo ele mais bonito.”* Uma vez mais a atleta faz referência aos desportos tradicionalmente classificados como belos, enfatizando que também o vestuário utilizado pelos atletas poderá contribuir para a que a excelência corporal seja admirada ainda de forma mais intensa. No entender de Alves (1996, p. 81), o “traje” do desportista deve garantir uma certa simbologia, “constituindo um dos traços fundamentais do ritual que envolve toda e qualquer prática desportiva”.

O AJPF parece evidenciar que a presença deste factor pode ser considerada fundamental para uma maior valoriza o do desporto do ponto de vista est tico, principalmente nas modalidades que de certa maneira vivem e estão dependentes da *componente artística*. Por outro lado, o seu desporto, o Boccia, não parece ser condicionado pelo tipo de vestuário que é utilizado: *“Na minha opinião este factor é como o anterior, e pode, por vezes, influenciar...”*

dependendo também do desporto. Se os fatos no Boccia tiverem umas cores, tudo bem, mas não é por isso que não temos espectadores. Já na Ginástica, poderá ter alguma influência.”

A este propósito podemos afirmar, de acordo com Garcia & Lemos (2005, p. 24), que o desporto tem vindo a ser alvo de várias mudanças à medida que se diversifica a sua prática. Nesta perspectiva, mesmo os desportos denominados “clássicos” preocupam-se em ter uma imagem mais actual. Tomando como exemplo o Atletismo vamos encontrar atletas com roupas e acessórios personalizados, que muitas vezes nos lembram verdadeiros modelos. De igual modo, os desportos colectivos têm vindo a mudar várias vezes os tradicionais equipamentos para roupas coloridas e com um *design* cuidado, valorizando o corpo do(a)s atletas.

Relações de cooperação/oposição (“o corpo a corpo” com os outros / o corpo da equipa / o corpo do adversário)

Dos factores que até agora foram enunciados, este emerge do discurso da ALM como o único que não parece ter influência na apreciação estética do desporto: *“Acho que isso já não tanto. Porque isso remete muito mais para outro tipo de valores, nomeadamente a amizade e o espírito olímpico, do que propriamente a estética que envolve determinado desporto. Isso acho que não.”* Nesta perspectiva, evidencia-se uma vez mais uma inclinação para as considerações estéticas ditas *tradicionais* e que impossibilitam a expansão do olhar e do sentimento para além daquilo que é mais imediato.

Na opinião do AJPF, este factor parece ter alguma influência em determinados desportos: *“Esta questão também é relativa. Lá está, uma vez mais depende do desporto. Em algumas situações acho que sim, como por exemplo no Futebol, devido à expectativa que se cria, devido à possibilidade de se presenciar o contacto, o confronto.”* Assim sendo, do seu discurso parece emergir a importância do inesperado e do imprevisível na experiência estética, aliada à interacção e ao contacto dos corpos desportivos.

➡ **Presença (ou ausência) de público**

Para a ALM o público é, sem dúvida, um factor de grande relevância no mundo do desporto. A sua presença funciona como uma motivação “extra”, ajudando e contribuindo para que o atleta ascenda a um patamar de *performance* mais elevado: *“Eu acho que sim. Porque o facto de termos alguém a apoiar-nos vai fazer com que o empenho seja ainda maior e queremos realmente agradar. É a tal história que em sociedade queremos sempre ser bem vistos pelos outros e que gostem de nós. De maneira que acabamos sempre por dar um bocadinho mais, de modo a termos retorno, e isso certamente passará por embelezar determinado movimento.”* Como podemos verificar, a ALM realça uma vez mais a influência que a sociedade, de um modo geral, exerce no seu modo de vida, reflectindo-se de forma semelhante no universo desportivo. Assim, o público pode marcar a diferença, ao possibilitar que a experiência desportiva ascenda a um nível superior de valor estético, devido à constatação da interacção entre atleta e espectador (imprescindível para que a experiência estética aconteça).

No discurso do AJPF é possível evidenciar a mesma ideia projectada para a importância do público: *“Sim, acho que sim. Quanto menos pessoas estiverem presentes, o espectáculo não será tão bom. Quando joguei nos Paralímpicos o pavilhão estava praticamente vazio. Quanto maior for o público, maior é o barulho e maior é a animação. Uma coisa que eu detesto é ouvir o “nada”! Vou-me preparar para lançar e não ouço nada! Isso perturba-me um pouco.”* De modo semelhante ao que já pudemos constatar anteriormente, o AJPF parece congrega no seu corpo desportivo um corpo poder, um corpo “socialmente poderoso”, capaz de atrair para si todos os olhares.

➡ **Outros factores que contribuem para a definição do valor estético do desporto para deficientes**

Com este ponto pretendemos saber se na opinião dos atletas existem outros factores, para além dos enunciados, que podem contribuir para o esclarecimento do valor estético do desporto paralímpico.

“Eu acho que o que pode influenciar é o esforço por detrás da execução de cada desporto. Porque para alguém com uma deficiência mais acentuada, a execução de determinada actividade vai ser certamente mais difícil do que alguém com menos dificuldade. E isso acho que vai, de alguma forma, embelezar ou tornar mais aprazível, porque acabamos por valorizar o desporto da pessoa portadora de deficiência, e à partida estamos mais predispostos para o considerar mais estético.” Esta é a opinião da ALM, que se direcciona para a percepção de que o corpo com deficiência é capaz de realizar movimentos desportivos aparentemente impensáveis.

Direccionando a nossa atenção para a opinião do AJPF, verificamos que os meios de comunicação social surgem como um factor imprescindível para a adesão das pessoas (público) ao desporto para a pessoa portadora de deficiência, em geral, e ao Boccia, em particular: *“Acho que a comunicação social poderia ter um papel importante. Os jogos que se transmitem nunca são de Boccia. As pessoas não conhecem este jogo, e penso que quanto maior for o conhecimento, maior será a adesão das pessoas.”* Como afirma Lacerda (2004a, p. 306) “o conhecimento da modalidade desportiva que se observa é um factor que poderá influenciar a sua apreciação estética”, já que quanto menor for esse conhecimento, mais se perde do acontecimento desportivo que se presencia e a relação que se estabelece é qualitativamente menos intensa.



Fotografia cedida pela FPDD. Fotógrafo Fernando Soutello.

6. Considerações Finais

“Um trabalho rigorosamente planejado e rigorosamente cumprido é um
trabalho morto (...)”.

(In Cunha e Silva, *O lugar do corpo*, 1999, p. 17)

Nas últimas décadas, vários autores têm tomado o corpo como objecto de análise e discussão, ampliando, sem dúvida, as possibilidades do seu conhecimento. Não hesitamos por isso em afirmar que o corpo é um dos temas mais discutidos no mundo contemporâneo. De igual modo, também o desporto, fenómeno tão rico e variado, é hoje contemplado de diferentes pontos de vista, nomeadamente devido à sua diversidade de manifestações e expressões, como consequência do lugar de grande relevo que progressivamente foi assumindo na sociedade.

Um desses pontos de vista é, precisamente, o ponto de vista estético, sendo da sua conjugação com outros dois temas de estudo, corpo e desporto, que emergiu o presente trabalho. Tendo em consideração a íntima relação que se estabelece entre ambos, procuramos evidenciar a possibilidade de aceder à Estética do Desporto a partir do referencial corpo. Neste sentido, debruçamo-nos não sobre o corpo dito *normal*, mas sobre o corpo do desportista deficiente que, na sociedade actual é, ainda, um corpo que diverge dos demais, sendo considerado um corpo diferente. Neste sentido, foi nosso objectivo verificar se o corpo portador de deficiência, como meio de expressão, transporta valores e qualidades estéticas, na tentativa de responder à questão: que valor estético poderá ter o corpo do atleta deficiente, quando se trata, afinal, de um corpo que diverge do modelo que é divulgado pelo próprio desporto? Para a sua concretização, desenvolvemos dois estudos de caso com dois atletas paralímpicos: Leila Marques, nadadora com uma malformação congénita do antebraço direito, e João Paulo Fernandes, portador de sequelas de Paralisia Cerebral, procurando conhecer a sua opinião sobre a possibilidade do seu corpo expressar valores estéticos.

Entendendo a Estética do Desporto como uma das formas possíveis de analisar o fenómeno desportivo, a sua vivência é uma experiência que se dá no corpo, declarando-se no domínio do sentir (que também pode ser entendido como uma forma de conhecimento) e caracterizando-se pelo facto de ser exclusiva, única e imediata. Deste modo, a forma estética de contemplar o mundo não pode ser mais do que subjectiva, consubstanciando-se sempre numa relação entre corpo e objecto, sendo que neste contexto, estar aberto ao

inesperado representa, seguramente, uma condição primordial. É neste sentido que acreditamos ser possível contemplar o corpo do desportista deficiente do ponto de vista estético.

Para a concretização dos nossos propósitos, realizamos uma entrevista semidirectiva aos atletas em estudo, submetendo-a posteriormente à técnica análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram um conjunto de categorias associadas ao valor estético do corpo, que passamos a referenciar de seguida, realçando simultaneamente os aspectos mais relevantes do discurso de cada atleta:

- Corpo-forma

Foi possível identificar convergência de opiniões entre os dois atletas no que se refere ao facto de ambos aceitarem que um corpo com formas diferentes possui valor estético. Contudo, a atleta Leila Marques (ALM) evidencia um entendimento mais condicionado pelos imperativos sociais no que respeita ao estereótipo corporal (belo, magro, elegante), realçando a importância da aparência no mundo social. Em contrapartida, o atleta João Paulo Fernandes (AJPF) parece mais desvinculado destes imperativos, manifestando uma visão de corpo em que o *ser* não é subjugado pelo *parecer*.

- Corpo-superação

Para a ALM existe uma relação entre a excelência corporal e o processo de identificação de tipo heróico, projectando-se a ideia da presença do público, do espectador que admira o espectáculo desportivo, sendo possível a transformação do atleta portador de deficiência em herói desportivo através da sedução da *performance* atlética. Da linguagem do AJPF concluímos que é com um corpo “inacabado” que ele investe na procura de alcançar um estado superior, tornando evidente a estética do desafio corporal.

- Corpo-liberdade

Nesta categoria verificamos algumas diferenças nos discursos dos atletas. Para a ALM o seu corpo-liberdade, sendo evidente no corpo desportivo,

projecta-se para outros corpos, por exemplo, para o seu corpo profissional, funcionando como um meio que lhe permite atingir outras metas. Para o AJPF o seu corpo-liberdade parece estar associado, fundamentalmente, ao seu corpo desportivo, deixando transparecer a ideia que é no desporto que se sente realmente livre. Contrariamente, noutros momentos da sua vida, o AJPF parece evidenciar uma fuga do seu corpo.

- Corpo-eficiência

Para a ALM a associação da eficiência ao valor estético do corpo expressa-se por meio dum corpo que é capaz de se auto superar, transmitindo a ideia de alcance de uma desenvoltura sempre em ascensão e aperfeiçoamento, evidenciando deste modo o seu valor estético e que um corpo com d-eficiência pode ser um corpo eficiente. Para o AJPF é no desporto de competição que o corpo é capaz de abraçar diariamente novos horizontes, sendo o corpo-eficiência a manifestação da exaltação e da excepcionalidade corporal que se superiorizam a todas as outras.

- Corpo-harmonia

Para a ALM a harmonia do corpo desportivo repercute-se e possibilita a ponte para o seu corpo entendido numa perspectiva de totalidade. Desta harmonização a ALM parece tirar benefícios também para a sua vida do quotidiano, de modo semelhante ao que foi possível constatar na categoria corpo-liberdade. No que diz respeito ao AJPF, o desporto afigura-se como um domínio ímpar de instalar a harmonia no seu corpo desportivo, já que ele, aparentemente, transporta um corpo divisível e múltiplo, cindido em duas partes, uma que ele consegue controlar, e outra que parece não conseguir dominar.

- Corpo-atracção

Sendo esta uma categoria enunciada apenas pela ALM, também aqui foi possível verificar a importância da dimensão social na sua vida, acentuando assim a necessidade que tem em ser aceite pelos outros, aceitação essa que

pode ser condicionada pela força de atracção exercida pelos corpos. Concluimos então que na opinião da ALM o corpo do deficiente pode tornar-se atractivo, sendo uma das vias para atingir esse objectivo a configuração de um corpo desportivo.

- Corpo-perfeição

Registamos esta categoria apenas no discurso do AJPF que associa à ideia de perfeição a de qualidade, na medida em que só os melhores atletas são capazes de exteriorizar o gesto mais perfeito. De igual modo, o público surge no seu discurso para realçar o facto que a sua (maior) presença é determinada pela perfeição patente nos corpos. Assim, o seu corpo desportivo será sempre um corpo perfeitamente inacabado, na medida em que parece haver sempre algo mais a acrescentar.

- Corpo-poder

Também esta categoria apenas foi evidenciada no discurso do AJPF. Do seu corpo-poder, que se expressa na excelência corporal e na superação, parece emergir a ideia de um corpo “socialmente poderoso”. Assim, o atleta exalta a necessidade de sentir a presença (activa) do público nos momentos em que pratica o seu desporto, sendo esta forma mais adequada de vivenciar o espectáculo desportivo com toda a sua intensidade.

Para além de pretendermos conhecer a opinião dos atletas paralímpicos relativamente ao valor estético do seu corpo, tínhamos também como objectivo tentar compreender a influência de um conjunto de factores condicionantes de atribuição de valor estético ao desporto: género do atleta, tipo de deficiência e morfologia corporal, plástica dos movimentos inerente ao desporto praticado, domínio técnico e tático, vestuário e acessórios, relações de cooperação/oposição, presença (ou ausência) de público, assim como verificar a emergência de outros factores.

De um modo geral, para a ALM todos os factores enunciados foram entendidos como importantes e influenciadores na atribuição de valor estético ao desporto, com excepção das relações de cooperação/oposição, as quais, na sua opinião, remetem para outro tipo de valores como a amizade ou o espírito olímpico. Para o AJPF apenas os factores género do atleta e domínio técnico e táctico não parecem ter uma grande influência na apreciação estética do desporto.

Os novos factores que emergiram, contribuindo para a definição do valor estético do desporto para deficientes, dizem respeito ao esforço e aos meios de comunicação social. Assim sendo, para a ALM o esforço implícito ao desporto, associado ao grau de severidade da deficiência, pode constituir uma forma de o embelezar. Para o AJPF, os meios de comunicação social surgem como um factor imprescindível no interesse do público pelo desporto para indivíduos portadores de deficiência, no sentido em que um maior conhecimento das modalidades pode ser um factor decisivo para uma maior adesão.



Fotografia cedida pela FPDD.

Fotógrafo Raul Cândido (5km em águas abertas).

7. Sugestões e Limitações do Estudo

O nosso trabalho “não sendo definitivo, é precário e contingente, mas se for reciclável ficará dele qualquer coisa nos objectos reciclados”.

(In Cunha e Silva, *O lugar do corpo*, 1999, p. 19)

Concluído este nosso trabalho, entendemos que mais que atingirmos um fim, com a sua realização tivemos como objectivo traçar um novo caminho. Deste modo, este momento pretende ser, simultaneamente, um ponto de partida e um ponto de chegada, já que muita coisa ficou (e ficará) por dizer.

Ao delimitar um objecto de pesquisa, ou seja, a partir do momento que nos foi dada a liberdade de escolher, foi-nos também concedida a liberdade de renunciar. Assim sendo, partindo deste pressuposto, sugerimos que novos trabalhos se desenvolvam com outros atletas portadores da mesma deficiência, com o objectivo de se constatar a verificação ou não dos mesmos resultados. Para além disso, seria interessante alargar o estudo a atletas com outros tipos de deficiência, no sentido de se verificar se este é um factor determinante na atribuição de valor estético. Tendo presente a importância que assume o público, o espectador na concretização do espectáculo desportivo, seria de igual modo interessante tentar perceber a sua opinião acerca do valor estético do corpo do desportista deficiente, e se tal facto condiciona ou não a sua adesão e participação no desporto para esta populações.



Fotografia cedida pela FPDD.

Fotógrafo Phillipe Botefe. Jogos Paralímpicos 2004, em Atenas, na Grécia.

8. Referências Bibliográficas

- ✓ Adams, R., Daniel, A., McCubbin J & Rullman, L. (1985). *Jogos, Esportes e Exercícios para o Deficiente Físico* (3ª ed.). São Paulo: Editora Manole.

- ✓ Adorno, T. (1970). *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70.

- ✓ Almeida, M. (Org.) (1996). Corpo Presente. Antropologia do Corpo e da Incorporação. In *Corpo Presente. Treze reflexões antropológicas sobre o corpo* (pp. 1-22). Oeiras: Celta Editora.

- ✓ Alves, M. (1999). *Representações sociais do corpo envelhecido*. Porto: M. Alves. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Alves, N. (1996). *A construção do Corpo na Pintura, na Moda e no Desporto*. Porto: N. Alves. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Anacleto, I. (2005). *Os tempos nos parciais de Boccia: um estudo nos Campeonatos do Mundo 2002 e Taça do Mundo 2003*. Porto: I. Anacleto. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- ✓ Araújo, L. (1990). Ética, sociedade contemporânea e desporto. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *Desporto, Ética, Sociedade* (pp. 40-45). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Actas do Fórum Desporto Ética e Sociedade, Porto, 1989.

- ✓ Arga, A. (1997). *Problèmes D'Appareillage et de Rééducation des Amputés du Membre Inférieur*. Paris: Maloine S.A. Éditeur.

- ✓ Bardin, L. (1997). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- ✓ Bayer, R. (1997). *História da Estética*. Lisboa: Editorial Estampa.
- ✓ Baudrillard, J. (1995). *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70.
- ✓ Beardsley, M. & Hospers, J. (1997). *Estética: historia y fundamentos* (11ª edición.). Madrid: Ediciones Cátedra.
- ✓ Bento, J. (1990). À procura de referências para uma Ética do Desporto. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *Desporto, Ética, Sociedade* (pp. 23-39). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Actas do Fórum Desporto Ética e Sociedade, Porto, 1989.
- ✓ Bento, J. (1995). *O outro lado do desporto*. Porto: Campo de Letras.
- ✓ Bento, J. (1997). *Um olhar do norte*. Porto: Campo de Letras.
- ✓ Bento, J. (1998). Desporto e Humanismo. O campo do possível. In M. González, A. Areces, R. Martín & J. Salvador (Eds.), *Deporte e Humanismo en Clave de Futuro* (pp. 115-132). Corunha: Instituto Nacional de Educação Física da Galiza. Actas do VI Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa e VII Congresso Galego de Educação Física, Galiza, 1998.
- ✓ Bento, J. (2004). *Desporto – Discurso e Substância*. Porto: Campo de Letras.
- ✓ Bento, J. (2005a). Do desporto como um projecto ético: para uma mudança nas mentalidades e atitudes. In J. Proença (Org.), *O Desporto, a Educação e os Valores: por uma ética nas actividades físicas e*

- desportivas* (pp. 39-53). Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Conferência Internacional o Desporto, a Educação e os Valores.
- ✓ Bento, J. (2005b). Desporto, corpo e saúde: ensaio para um discurso maior. In L. Santiago & N. Fumes (Org.), *Diferentes olhares sobre a Educação Física na Escola* (pp. 11-17). Maceió: EDUFAL – Editora da Universidade Federal de Alagoas.
 - ✓ Bento, J. (2006a). Do desporto. In G. Tani, J. Bento & R. Petersen (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 12-25). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
 - ✓ Bento, J. (2006b). Corpo e Desporto: Reflexões em torno desta relação. In W. Moreira (Org.), *Século XXI: A era do corpo ativo* (pp. 155-182). São Paulo: Papirus.
 - ✓ Berge, Y. (1976). *Viver o seu Corpo – para uma Pedagogia do Movimento*. Lisboa: Biblioteca de Pedagogia.
 - ✓ Best, J. (1995). The Aesthetic in Sport. In W. Morgan & K. Meier (Eds.), *Philosophy inquiry in Sport* (2nd ed.) (pp. 377-389). Champaign, Illinois: Human Kinetics Books.
 - ✓ Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
 - ✓ Boxill, J. (1988). Beauty, Sport and Gender. In W. Morgan & K. Meier (Eds.), *Philosophy inquiry in Sport* (pp. 509-518). Champaign, Illinois: Human Kinetics Books.

- ✓ Branco, N. (2002). *Avaliação de Material Desportivo – Estudo sobre a funcionalidade das bolas de Boccia para Competição*. Porto: N. Branco. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Brasão, I. (1999). *Dons e Disciplinas do Corpo Feminino: Os Discursos sobre o Corpo na História do Estado Novo*. Lisboa: Cruz Quebrada.

- ✓ Brochado, M^a. G. (2001). *Classificação no Boccia. Dúvidas e Controvérsias*. Porto: M^a. Brochado. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Bruandet, J. (1999). Les agénésis et amputations. In M. Sourdillan & F. Hourdeau (Eds), *Déficiences Motrices et Handicaps* (pp. 277-2280). Paris: Edition APAF (Association des Paralyses de France).

- ✓ Burgess, R. (2001). *A Pesquisa no Terreno. Uma Introdução*. Oeiras: Celta Editora.

- ✓ Cavalheiro, L. (1999). *Qualidade de vida relacionada com a saúde em indivíduos com Paralisia Cerebral: um estudo em desportistas e não desportistas*. Porto: L. Cavalheiro. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Cerebral Palsy - International Sport and Recreation Association (2001). *Classification & Sports Rules Manual 2001-2004*, 8th Edition.

- ✓ Constantino, J. (1990). O valor cultural e ético do espectáculo desportivo na sociedade contemporânea. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *Desporto, Ética, Sociedade* (pp. 77-86). Porto: Universidade do Porto –

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Actas do Fórum Desporto Ética e Sociedade, Porto, 1989.

- ✓ Constantino, J. (1993). O Desporto e a Cultura do tempo livre. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *A Ciência do Desporto, a Cultura e o Homem* (pp. 131-144). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física e Câmara Municipal do Porto.

- ✓ Constantino, J. (2003). (Re)pensar o Desporto. In Instituto do Desporto de Portugal (Eds.), *O Desporto para além do óbvio* (pp. 53-60). Lisboa: Tipografia Belgráfica.

- ✓ Corredeira, R. (2001) *Competência Percebida e Aceitação Social em crianças com Paralisia Cerebral*. Porto: R. Corredeira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Correia, P. (2003). *Diferenciação Pedagógica nas aulas de Educação Física em alunos com Paralisia Cerebral dependentes de cadeira de rodas*. Porto: P. Correia. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Correia, R. (2002). *O Estudo da Evolução das Calhas de Boccia numa perspectiva de melhoria da Prestação Desportiva*. Porto: R. Correia. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Costa, A. (1990). Repensar a questão ética à luz do fenómeno desportivo moderno. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *Desporto, Ética, Sociedade* (pp. 60-68). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de

Ciências do Desporto e de Educação Física. Actas do Fórum Desporto Ética e Sociedade, Porto, 1989.

- ✓ Costa, A. (1997). *À Volta do Estádio. O Desporto, o Homem e a Sociedade*. Porto: Campo das Letras.

- ✓ Costa, A. (1999). Corpos fabricados pelo exercício e pela técnica? Visão sócio-antropológica da questão [Resumo]. In *Novos desafios, diferentes soluções* (pp. 7-9). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. 1º Congresso Internacional de Ciências do Desporto, Porto, 1999.

- ✓ Crespo, J. (1990). *A História do Corpo*. Lisboa: Difel.

- ✓ Crespo, J. (2005). A dimensão ética do desporto. In J. Proença (Org.), *O Desporto, a Educação e os Valores: por uma ética nas actividades físicas e desportivas* (pp. 27-34). Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Conferência Internacional o Desporto, a Educação e os Valores.

- ✓ Cunha e Silva, P. (1995). *O lugar do corpo*. Elementos para uma cartografia fractal. Porto: P. Cunha e Silva. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Cunha e Silva, P. (1997a). Anatomias Contemporâneas. In Câmara Municipal de Oeiras (Org.), *Anatomias Contemporâneas* (pp. 49-165). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

- ✓ Cunha e Silva, P. (1997b). O corpo (contemporâneo) em crise ecológica. In L. Da Costa (Eds.), *Meio Ambiente e Desporto. Uma perspectiva*

internacional (pp. 105-113). Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

- ✓ Cunha e Silva, P. (1998a). O futuro do corpo ludo-desportivo: uma polaridade entre o radical e o virtual. *Horizonte*, XV (86), 35-39.
- ✓ Cunha e Silva, P. (1998b). Corpo motor ou corpo desportivo? Considerações paraepistemológicas. *Horizonte*, XIV (81), 36-39.
- ✓ Cunha e Silva, P. (1999). *O lugar do corpo*. Elementos para uma cartografia fractal. Lisboa: Instituto Piaget.
- ✓ Cunha e Silva, P. (2003). O corpo que dança: uma análise bioestética do movimento. In Instituto de Desporto de Portugal (Eds.), *O Desporto para além do óbvio* (pp. 101-108). Lisboa: Tipografia Belgráfica.
- ✓ DaCosta, L. (1994). O Corpo na Sociedade Pós-Moderna. In E. Dantas (Org.), *Pensando o Corpo e o Movimento* (pp. 97-108). Rio de Janeiro: Shape Editorial.
- ✓ DaCosta, L. (2005). Jogos Olímpicos e Cidade. In V. Melo & F. Peres (Org.), *O esporte vai ao cinema* (pp. 95-100). Rio de Janeiro: Editora SNAC Nacional.
- ✓ Dantas, P. (2001). *A Intencionalidade do Corpo Próprio*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ✓ Daolio, J. (1995). *Da Cultura do Corpo*. São Paulo: Papyrus.
- ✓ Dias, N. (1996). O Corpo e a Visibilidade da Diferença. In M. Alemida (Org.), *Corpo Presente. Treze reflexões antropológicas sobre o corpo* (pp. 23-44). Oeiras: Celta Editora.

- ✓ DiRocco, P. (1995). Physical Disabilities: General Characteristics and Exercise Implications. In P. Miller (Eds.), *Fitness Programming and Physical Disability* (pp. 11-33). Illinois: Human Kinetics Books.

- ✓ Dufrenne, M. (1988). *Esthétique et Philosophie*. Tome 1. Paris: Éditions Klincksieck.

- ✓ Elias, N.; Dunning, E. (1985). *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.

- ✓ Esteves, J. (1999). *O Desporto e as Estruturas Sociais. Um ensaio sobre a interpretação do fenómeno desportivo* (4^a ed.). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

- ✓ Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes (2001). *Sydney 2000 – livro d'ouro*. Lisboa: Ministério da Juventude e do Desporto. Centro de Estudos e Formação Desportiva.

- ✓ Feijó, O. (1994). Corpo e Movimento: uma Psicologia para o Esporte. In E. Dantas (Org.), *Pensando o Corpo e o Movimento* (pp. 9-30). Rio de Janeiro: Shape Editorial.

- ✓ Fernandes, A. (1999). *Para uma Sociologia da Cultura*. Porto: Campo das Letras.

- ✓ Fernandes, M. (1997). Sobre o emprego de pessoas com deficiência. *Integrar*, (13), 5-13.

- ✓ Ferreira, L. (1998). *Análise do Auto-conceito e da Auto-estima nos Indivíduos portadores de sequelas de Paralisia Cerebral. Estudo em atletas pertencentes à selecção nacional de Futebol 7, atletas não pertencentes a esta selecção e não praticantes desta modalidade*. Porto:

- L. Ferreira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- ✓ Ferreira, V. (2003). Atitudes dos jovens portugueses perante o corpo. In J. Pais & M. Cabral (Coord.), *Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo. Resultados de um inquérito em 2000 aos jovens portugueses*. Oeiras: Celta Editora.
 - ✓ França, R. (2000). *A Dinâmica da Relação na Fratria da Criança com Paralisia Cerebral*. Coimbra: Quarteto Editora.
 - ✓ Garcia, R. (1993). *O Desporto no Universo Mítico-Religioso. Os modelos existenciais revelados pela corrida da maratona*. Porto: R. Garcia. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
 - ✓ Garcia, R. (1997). A evolução do Homem e das mentalidades: uma perspectiva através do corpo. *Movimento*, Ano VI (6), 61-71.
 - ✓ Garcia, R. (1998). *Da Desportivização à Somatização da sociedade: análise centrada na relação do corpo com o jogo*. Porto: R. Garcia. Lição de Síntese elaborada para a obtenção do título de agregado apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
 - ✓ Garcia, R. (1999). Da Desportivização à Somatização da Sociedade. In J. Bento, R. Garcia & A. Graça, *Contextos da Pedagogia do Desporto*, (pp. 115-163). Lisboa: Livros Horizonte.
 - ✓ Garcia, R. (2000). Contributo para uma conceptualização do Tempo Livre para Pessoas portadoras de deficiências. In *A Recreação e Lazer*

da População com Necessidades Especiais (pp. 49-55). Actas do Seminário. Porto: Câmara Municipal do Porto.

- ✓ Garcia, R. (2005). A importância da Antropologia na formação dos profissionais dos ofícios do desporto. In L. Santiago & N. Fumes (Org.), *Diferentes olhares sobre a Educação Física na Escola* (pp. 19-26). Maceió: EDUFAL – Editora da Universidade Federal de Alagoas.

- ✓ Garcia, R. & Queirós, P. (1999). A Educação Física Escolar e os novos desafios. Compreensão da Educação Física à luz das mutações axiológicas da nossa sociedade neste final de milénio. *Revista Ludens*, 16 (1), 23-26.

- ✓ Garcia, R. & Lemos, K. (2005). *Temas (quase éticos) de Desporto*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física.

- ✓ Gaya, A. (2006). Corpos esportivos: o esporte como campo de investigação científica. In G. Tani, J. Bento & R. Petersen (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 101-112). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

- ✓ Gaya, A., Campos, J. & Balbinotti, C. (1998). Fundamentos de filosofia sobre a essência do desporto. In A. Marques, A. Prista & A. Júnior (Eds.), *Educação Física: Contexto e Inovação* (pp. 107-115). Maputo: Universidade de Maputo – Faculdade de Ciências de Educação Física e Desporto, Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Actas do V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa (Vol. 1), 1997.

- ✓ Gervilla, E. (1993). *Postmodernidad y Educación. Valores y cultura de los jóvenes*. Madrid: Dykinson.

- ✓ Gervilla, E. (2000). *Valores del cuerpo educando. Antropologia del cuerpo y educación*. Barcelona: Herder.
- ✓ Ghiglione, R. & Matalon, B. (1997). *O Inquérito*. Teoria e Prática (3ª ed.). Oeiras: Celta Editora.
- ✓ Giddens, A. (1997). *Modernidade e Identidade Pessoal* (2ª ed.). Oeiras: Celta Editora.
- ✓ Gil, J. (1997). *Metamorfoses do Corpo* (2ª ed.). Lisboa: Relógio D'Água.
- ✓ Gonçalves, C. (2006). Ética e Fair Play: contributos para uma valorização qualitativa das práticas desportivas. In *Ética e Fair Play, novas perspectivas, novas exigências* (pp. 91-112). Oeiras: Confederação do Desporto de Portugal.
- ✓ Guedes, C. (1995). O corpo desvelado. In W. Moreira (Org.) *Corpo Presente* (pp. 37-52). São Paulo: Papyrus.
- ✓ Halligan, P. (2002). Phantom limbs: The body in mind. *Cognitive Neuropsychiatry*, 7 (3), 251-268.
- ✓ Hegel, G. (1993). *Estética*. Lisboa: Guimarães Editores.
- ✓ Jana, J. (1995). *Para uma teoria do corpo humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ✓ Johnson, D. (1990). *Corpo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- ✓ Jones, J. (Eds.) (1988). Wheelchair Boccia. In *Training Guide to Cerebral Palsy Sports* (3rd ed.) (pp. 173-181). Illinois: Human Kinetics Books.

- ✓ Kupfer, J. (1995). Sport – The Body Electric. In W. Morgan & K. Meier (Eds.), *Philosophy inquiry in Sport* (2nd ed.) (pp. 390-406). Champaign, Illinois: Human Kinetics Books.

- ✓ Lacerda, T. (1997). Para uma Estética do Desporto. *Horizonte*, XIII (78), 17-21.

- ✓ Lacerda, T. (1998). Olhar para o desporto do ponto de vista estético. In *Deporte e Humanismo en Clave de Futuro* (pp. 95-96). Corunha: Instituto Nacional de Educação Física da Galiza. Livro de Resumos do VI Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa e VII Congresso Galego de Educação Física, Galiza, 1998.

- ✓ Lacerda, T. (1999). A bela e o monstro. Diferenças de género na estética corporal [Resumo]. In *Mulheres no desporto, sem limites, sem barreiras* (s.p.). Livro de Resumos do Congresso Internacional. Lisboa: ISCTE.

- ✓ Lacerda, T. (2000a). Equilíbrio e Força: das capacidades motoras às categorias estéticas. *Horizonte*, XVI (96), 21-22.

- ✓ Lacerda, T. (2000b). Uma aproximação ao desporto pela via do encontro estético [Resumo]. In *Desporto, Educação & Saúde* (pp. 123-124). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana. 8º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, Lisboa, 2000.

- ✓ Lacerda, T. (2002a). A Estética como uma dimensão de referência para o Desporto do século XXI. *Horizonte*, XVIII (104), 18-20.

- ✓ Lacerda, T. (2002b). *Elementos para a construção de uma Estética do Desporto*. Porto: T. Lacerda. Dissertação de Doutoramento apresentada

à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Lacerda, T (2002c). Sport process valorisation as a way to accede to Sport Aesthetics. In M. G. Valeiro, J. S. Molina & J. G. Varela (Eds.), *Preparacion profesional y necesidades sociales (Educacion fisica, deporte, ocio, tercera edad, salud...)* (s.p.). Oleiros – A Coruna: INEF Galicia. Proceedings of the AIESEP International Congress La Coruna, 2002.

- ✓ Lacerda, T. (2004a). Acerca da natureza da experiência estética desencadeada pelo encontro com o Desporto e do seu contributo para a Educação Estética do ser humano. In E. Lebre & J. Bento (Eds.), *Professor de Educação Física. Ofícios da Profissão* (pp. 301-307). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

- ✓ Lacerda, T. (2004b). Factores de influência na apreciação Estética do Desporto. In D. Macura & M. Hosta (Eds.), *Philosophy of Sport and Other Essays* (pp. 245-249). Ljubljana: Faculty of Sport & Eleventh Academy.

- ✓ Lacerda, T. & Queirós, P. (2005). Desporto, Corpo e Estética – Sinais de expressão da cultura contemporânea ocidental [Em linha]. In *A Questão Social no Novo Milénio*. Actas do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra.
Disponível em <http://www.ces.uc.pt/lab2004/programa/sessao14.html>

- ✓ Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (2005). *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas* (2ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

- ✓ Lima, M^a. C. (1979). Alguns aspectos Psicológicos da criança com Malformações Congénitas dos membros e da criança com Amputações Traumáticas. In J. Bairrão & V. da Fonseca (Eds.), *I Encontro Nacional de Educação Especial* (pp.130-131). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Secretariado Nacional de Reabilitação. Organização da Sociedade Portuguesa para o Estudo Científico da Deficiência Mental. Actas do I Encontro Nacional de Educação Especial.

- ✓ Lima, T. (1974). *O Desporto e o seu Universo*. Lisboa: Direcção-Geral dos Desportos – Ministério da Educação e Cultura.

- ✓ Lipovetsky, G. (1983). *A Era do Vazio*. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio d'água Editores.

- ✓ Lipovetsky, G. (1994). *O Crepúsculo do Dever*. A ética indolor dos novos tempos democráticos. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

- ✓ Lobo, M^a. T. (1999). *Sinais de expressão do corpo nas Actividades Desportivas e Recreativas*. Porto: M^a. T. Lobo. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Lockette, K. & Keyes, A. (1994). *Conditioning with Physical Disabilities*. Illionois: Human Kinetics Books.

- ✓ Lovisolo, H. (1997). *Estética, Esporte e Educação Física*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.

- ✓ Machado, I. (2000). *Corpo e espaço: elementos para uma leitura do corpo performativo através das artes plásticas no século XX*. Porto: I. Machado. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Maia, O. (2005). *Estudo da influência da Educação Física, a nível motor, em alunos com Paralisia Cerebral*. Porto: O. Maia. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- ✓ Maisonneuve, J. & Bruchon-Schweitzer, M. (1981). *Modèles du corps et psychologie esthétique*. Paris: Presses Universitaires de France.

- ✓ Manso, F. (2004). *O contributo da Aprendizagem Motora no desenvolvimento geral de indivíduos com Multideficiência. Estudo de caso de uma aluna com Deficiência Mental e Paralisia Cerebral*. Porto: F. Manso. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Mariovet, S. (2006). Ética e Práticas nas Organizações Desportivas – um itinerário de reflexão. In *Ética e Fair Play, novas perspectivas, novas exigências* (pp. 9-40). Oeiras: Confederação do Desporto de Portugal.

- ✓ Marques, A. (1993). Desporto, Arte e Estética. Fronteiras e espaços comuns. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *A Ciência do Desporto, a Cultura e o Homem* (pp. 31-39). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física e Câmara Municipal do Porto.

- ✓ Marques, A. (2000). Desporto e Futuro. O Futuro do Desporto. In J. Garganta (Eds.), *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos* (pp. 7-20). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

- ✓ Marques, A. (2006). Espectáculo desportivo na sociedade globalizada. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte – Anais do XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de*

Língua Portuguesa: Renovação e Consolidação, 20 (5), 25-28. São Paulo, Brasil.

- ✓ Marques, A. & Gomes, M^a. P. (1990). Do Perfil de uma Estética do Desporto. In J. Bento e A. Marques (Eds.), *Desporto, Ética, Sociedade* (pp. 218-226). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Actas do Fórum Desporto Ética e Sociedade, Porto, 1989.

- ✓ Marques, U. (1997). A exclusão social e a actividade física. In *Educação Física: Contextos e Inovação* (pp. 161-175). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Actas do V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa.

- ✓ Marta, L. (1998). *Boccia: Estudo piloto sobre o estado actual de conhecimento na modalidade*. Porto: L. Marta. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Martins, I. (1996). Os Desportos de Composição Artística e a Subjectividade do seu julgamento. *Horizonte*, XIII (73), 29-34.

- ✓ Matos, Z. (2006). A utilidade da abordagem ética do desporto. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte – Anais do XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa: Renovação e Consolidação*, 20 (5), 149-151. São Paulo, Brasil.

- ✓ Melzack, R. (1997). Phantom Limbs. *Scientific American*, 7 (1), 84-91.

- ✓ Melzack, R. (1999). Pain – an overview. *Acta Anaesthesiologica Scandinavica*, 43 (9), 880-884.

- ✓ Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

- ✓ Monteiro, C. (2004). *Público no Desporto para pessoas com deficiência: razões para a sua falta. Análise centrada em estudantes dos cursos de Ciências do Desporto e de Educação Física do distrito do Porto*. Porto: C. Monteiro. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Mora, J. (Eds.) (1991). *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

- ✓ Moreira, W. (Org.) (1995). Corpo presente num olhar panorâmico. In *Corpo Presente* (pp. 17-36). São Paulo: Papirus.

- ✓ Moura e Castro, J. & Garcia, R. (1998). O desporto, a performance e a estética do corpo diferente. In A. Marques, A. Prista & A. Júnior (Eds.), *Educação Física: Contexto e Inovação* (pp. 203-213). Maputo: Universidade de Maputo – Faculdade de Ciências de Educação Física e Desporto, Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Actas do V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa (Vol. 1), 1997.

- ✓ Muñoz, J., Blasco, G. & Suárez, M. (1997). Deficientes Motores II: Paralisia Cerebral. In R. Bautista (Eds.), *Necessidades Educativas Especiais* (pp. 293-315). Lisboa: Dinalivro.

- ✓ Neto, C. (2005). A Mobilidade do Corpo na Infância e Desenvolvimento Urbano: Um Paradoxo da Sociedade Moderna. In D. Rodrigues (Eds.), *O*

Corpo que (Des)conhecemos (pp. 15-30). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.

- ✓ Nóbrega, T. (2003). *Corpos no Tango: reflexões sobre gestos e cultura de movimento*. In R. Lucena & E. Souza (Org.), *Educação Física, Esporte e Sociedade* (pp. 131-143). Paraíba, Brasil: Editora Universitária da UFPB Universidade Federal da Paraíba.

- ✓ Noronha Feio (1990). *A dimensão ética e cultural do Desporto: Ensaio sobre a multidimensionalidade do Agon Contemporâneo*. In J. Bento e A. Marques (Eds.), *Desporto, Ética, Sociedade* (pp.46-59). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. *Actas do Fórum Desporto Ética e Sociedade*, Porto, 1989.

- ✓ Okamoto, G. (1990). *Medicina Física e Reabilitação: princípios básicos*. São Paulo: Editora Manole.

- ✓ Osterhoudt, R. (1991). *The philosophy of sport: an overview*. Champaign, Illinois: Stipes Publishing Company.

- ✓ O'Sullivan, S., Cullen, K. & Schmitz, T. (1993). *Fisioterapia: Avaliação e Tratamento*. São Paulo: Editora Manole.

- ✓ Pais, J. (2004). *Culturas Juvenis* (2ª ed.). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

- ✓ Palmer, M. & Toms, J. (1988). *Treinamento funcional dos Deficientes Físicos* (2ª ed.). São Paulo: Editora Manole.

- ✓ Patrício, M. (1993). *Lições de Axiologia Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

- ✓ Peacock, G. (1988). Classification for Competition. In J. A. Jones (Eds.), *Training Guide to Cerebral Palsy Sports* (3rd ed.) (pp. 27-39). Illinois: Human Kinetics Books.

- ✓ Pereira, A. (2000). A construção do corpo: uma perspectiva cultural [Resumo]. In *Desporto, Educação & Saúde* (p. 73). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana. 8º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, Lisboa, 2000.

- ✓ Pereira, C. (2002). Cultura do corpo em contextos de alta visibilidade. In *Cultura e Contemporaneidade na Educação Física e Desporto. E agora?* (pp. 55-57). Maranhão: Universidade Federal do Maranhão. 9º Congresso de Educação Física e Desporto dos Países de Língua Portuguesa, São Luís, 2002.

- ✓ Pereira, A., Silva, M^a. A. & Pereira, O. (2006). O valor do atleta com deficiência. Estudo centrado na análise de um periódico português. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 6 (1), 65-77.

- ✓ Perniola, M. (1997). *A Estética do Século XX*. Lisboa: Editorial Estampa.

- ✓ Poirier, J., Clapier-Valladon, S. & Raybaut, P. (1999). *Histórias de Vida. Teoria e Prática* (2^a ed.). Oeiras: Celta Editora.

- ✓ Porpino, K. (2003). Interfaces entre Corpo e Estética: (re)desenhando paisagens epistemológicas e pedagógicas na Educação Física. In R. Lucena & E. Souza (Org.), *Educação Física, Esporte e Sociedade* (pp. 145-160). Paraíba, Brasil: Editora Universitária da UFPB – Universidade Federal da Paraíba.

- ✓ Porretta, D. (1990). Cerebral Palsy, Amputations, and Other Orthopedic Impairments. In J. Winnick (Eds.), *Adapted Physical Education and Sport* (pp. 229-233). Illinois: Human Kinetics Books.

- ✓ Porto, E. (1995). Mensagens corporais na pré-escola: um discurso não compreendido. In W. Moreira (Org.) *Corpo Presente* (pp. 83-110). São Paulo: Papirus.

- ✓ Prado, A. (2006). O corpo lúdico versus globalização no Esporte. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte – Anais do XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa: Renovação e Consolidação*, 20 (5), 197-199. São Paulo, Brasil.

- ✓ Queirós, P. (2002). *O Corpo na Educação Física. Leitura axiológica à luz de práticas e recursos*. Porto: P. Queirós. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.

- ✓ Reis, J. (2000). *Orientações Motivacionais no Boccia: um estudo com atletas de competição*. Porto: J. Reis. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Rodrigues, C. (2001). *A História do Boccia. Do seu Passado ao Presente*. Porto: C. Rodrigues. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Rodrigues, D. (1998). *Corpo, Espaço e Movimento. A representação espacial do corpo em crianças com Paralisia Cerebral*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

- ✓ Rodrigues, D. (Eds.) (2005). [Prefácio]. *O Corpo que (Des)conhecemos* (pp. 7-11). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.

- ✓ Rodrigues, D. (Eds.) (2005a). Corporeidade e Exclusão Social. *O Corpo que (Des)conhecemos* (pp. 33-46). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.

- ✓ Ruquoy, D. (1997). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In L. Albarello, F. Digneffe, J. Hiernaux, C. Maroy & D. Saint-Georges (Eds.), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais* (pp. 84-116). Lisboa: Gradiva.

- ✓ Russ, J. (Eds.) (2000). *Dicionário de Filosofia: conceitos, filósofos, 1850 citações*. Lisboa: Didáctica Editora.

- ✓ Santos, A. (2006). O processo de desenvolvimento Moral e o Espírito Desportivo – Fair Play. In *Ética e Fair Play, novas perspectivas, novas exigências* (pp. 67-90). Oeiras: Confederação do Desporto de Portugal.

- ✓ Santos, J. (1990). Ética, genética, desporto e sociedade. Desporto que realidade social? In J. Bento e A. Marques (Eds.), *Desporto, Ética, Sociedade* (pp. 152-160). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Actas do Fórum Desporto Ética e Sociedade, Porto, 1989.

- ✓ Sérgio, M. (1994). *Motricidade Humana: Contribuições para um Paradigma Emergente*. Lisboa: Instituto Piaget.

- ✓ Sérgio, M. (2003). O Desporto e o Ser. In Instituto do Desporto de Portugal (Eds.), *O Desporto para além do óbvio* (pp. 109-125). Lisboa: Tipografia Belgráfica.

- ✓ Shephard, R. (1990). *Fitness in Special Populations*. Champaign, Illinois: Human Kinetics Books.

- ✓ Sherrill, C. (1998). *Adapted Physical Activity, Recreation and Sport: Crossdisciplinary and Lifespan* (5th ed.). WCB/McGraw-Hill.

- ✓ Sherrill, C., Mushett, C. & Jones, J. (1986). Classification and Other Issues in Sports for Blind, Cerebral Palsied, Les Autres, and Amputee Athletes. In C. Sherrill (Eds.), *Sport and Disable Athletes. The 1984 Olympic Scientific Congress Proceedings*, Vol.9, (pp. 113-130). Champaign, Illinois: Human Kinetics Books.

- ✓ Sherrill, C., Mushett, C. & Jones, J. (1988). Cerebral Palsy and the CP Athlete. In J. A. Jones (Eds.), *Training Guide to Cerebral Palsy Sports* (3rd ed.) (pp.9-18). Champaign, Illinois: Human Kinetics Books.

- ✓ Silva, K. (2005). O Corpo Modelado. In D. Rodrigues (Eds.), *O Corpo que (Des)conhecemos* (pp. 137-166). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.

- ✓ Silva, M^a. A. (1991). *Abordagem à caracterização dos diferentes tipos de Deficiência*. Porto: M^a. A. Silva. Relatório apresentado às Provas de Capacidade Científica e Aptidão Pedagógica da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Silva, M^a. A. (1992). *O Porto e o Desporto – Desporto para Deficientes*. Porto: Câmara Municipal do Porto e Pelouro de Fomento Desportivo.

- ✓ Sobral, F. (1990). Para uma crítica axiológica do Desporto e da Educação Corporal. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *Desporto, Ética, Sociedade* (pp. 133-142). Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Actas do Fórum Desporto Ética e Sociedade, Porto, 1989.

- ✓ Sousa, A. (2006). *O Corpo no Amputado. Percepção do Corpo no Amputado Praticante e Não Praticante de Actividade Física*. Porto: A. Sousa. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- ✓ Stanley, F. & Blair, E. (1984). Postnatal Risk Factors Among the Cerebral Palsies. In F. Stanley & E. Alberman (Eds.), *The Epidemiology of the Cerebral Palsies* (pp. 135-149). Oxford: Spastic International Medical Publications.

- ✓ Takács, F. (1989). Sport Aesthetics and its Categories. *Sport Science Review*, 12º ano, 27-32.

- ✓ Teixeira, J. (1995). *Prática desportiva no indivíduo amputado: contributo para o estabelecimento de uma estrutura desportiva para amputados num hospital*. Porto: L. Teixeira. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Teixeira, J. (1998). *Reconstrução simbólica do corpo do amputado*. Porto: J. Teixeira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- ✓ Tércio, D. (2005). Da Autenticidade do Corpo na Dança. In D. Rodrigues (Eds.), *O Corpo que (Des)conhecemos* (pp. 49-63). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.

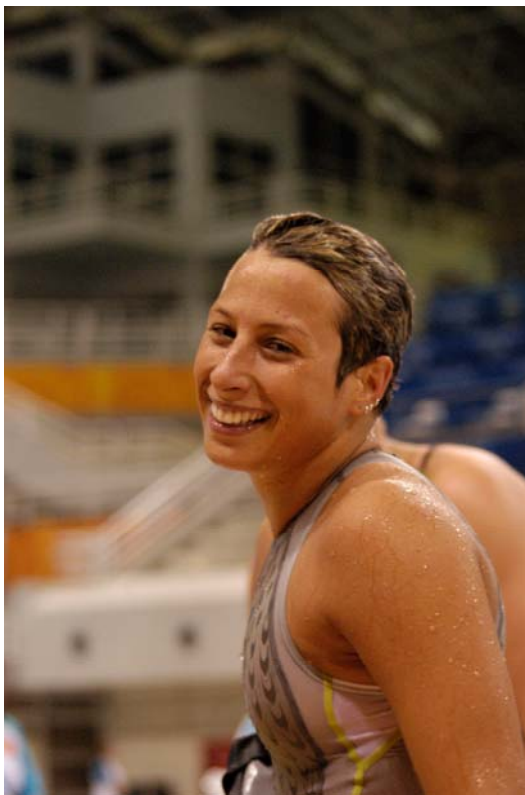
- ✓ Vala, J. (1986). A Análise de Conteúdo. In J. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.
- ✓ Vargas, A. (1995). *Desporto: fenómeno social*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.
- ✓ Venâncio, S. (1999). Corporeidade e duas dimensões Ontológicas. *Revista de Educação Especial e Reabilitação*, 6 (1), 81-84.
- ✓ Vilas Boas, A. (2006). *A cultura visual desportiva*. Matosinhos: Saúde e Sá – Artes Gráficas.
- ✓ Weiss, O. (2006). Fair Play no Desporto e na Sociedade. In *Ética e Fair Play, novas perspectivas, novas exigências* (pp. 41-65). Oeiras: Confederação do Desporto de Portugal.
- ✓ Witt, G. (1989). The World of Sport – a world of aesthetic values. *Sport Science Review*, 12º ano, 10-15.
- ✓ Woodhouse, A. (2005). Phantom Limb Sensation. *Clinical and Experimental Pharmacology*, 32 (1/2), 132-134.

Documentos Electrónicos

- ✓ International Paralympic Committee – Laymans Guide to Classifications. [Consult. 11 Dez. 2006]. Disponível em: www.ipcswimming.org
- ✓ International Paralympic Committee – Swimming Classification. [Consult. 13 Dez. 2006]. Disponível em: <http://paralympic.org>
- ✓ International Paralympic Committee, (2006). IPC – Classification Guideline. [Consult. 13 Dez. 2006]. Disponível em: www.ipc-athletics.org

Outras obras consultadas

- ✓ Eco, U. (1992). *Os limites da interpretação*. Lisboa: Difel.
- ✓ Eco, U. (1998). *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. Lisboa: Editorial Presença.
- ✓ Eco, U. (2001). *Semiótica e Filosofia da Linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ✓ Eco, U. (2004). *História da Beleza*. Miraflores: Difel.
- ✓ Foucault, M. (1994). *A vontade de saber. História da sexualidade I*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- ✓ Levi-Strauss, C. (1989). *Raça e História* (4ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- ✓ Lipovetsky, G. (1989). *O Império do Efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- ✓ Lyotard, J. F. (2003). *A condição pós-moderna* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- ✓ Schiller, F. (1994). *Sobre a educação estética do ser humano numa série de cartas e outros textos*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- ✓ Tucherman, I. (2004). *Breve história do corpo e de seus monstros* (2ª ed.). Lisboa: Vega.



Fotografias cedidas pela FPDD.

Atleta Leila Marques.

Atleta João Paulo Fernandes.

Fotógrafo Phillipe Botefe.
Jogos Paralímpicos 2004, em Atenas,
na Grécia.

Fotógrafo Miguel Sá Avedra.

Anexos

Anexo I. Guião das Entrevistas: 1ª versão

Guião da Entrevista – Atleta Leila Marques, com uma Malformação Congénita do antebraço direito

Dados pessoais:	
Género Masculino	☐
Género Feminino	☐
Idade: _____	
Tipo de deficiência: _____	

1. Quando e como começou a praticar desporto? Alguém ou algo o influenciou? De que forma?
2. Depois de ter começado a praticar desporto sentiu alguma alteração no seu dia-a-dia? Sentiu que alguma coisa mudou na sua vida?
3. Quando é que começou a representar Portugal nas Competições/Jogos Paralímpicos (JP)?
4. Depois de ter começado a representar Portugal nos JP alguma coisa mudou na sua vida?
5. Na sua opinião, que valores são divulgados pelos JP? (Se a entrevistada não mencionar o valor estético: E relativamente ao valor estético, acha que os JP possuem valor estético?)
6. Sente alguma dificuldade pelo facto de ter uma Amputação?
7. Considera que os outros a vêem e tratam de forma diferente?
8. Que relação tem com o seu corpo? Como o percebe? Como o sente?

9. O facto de ter começado a praticar desporto alterou a forma de ver, sentir e lidar com o seu corpo?
10. Existe, portanto, na sua opinião, uma relação entre corpo e desporto. Como é que descreve e caracteriza essa relação?
11. Acha que o corpo do deficiente é conotado como belo e tem valor estético?
12. Na sua opinião, a apreciação do valor estético do seu corpo pode ser condicionada pelo tipo de deficiência que possui?
13. E no que se refere à sua morfologia corporal? Ela condiciona ou não a apreciação estética que os outros fazem de si?
14. De seguida vou enumerar um conjunto de factores que podem ou não interferir na apreciação estética do desporto. O que lhe peço é que manifeste o seu acordo ou desacordo relativamente à intervenção destes factores e que explique porquê:
- Plástica dos movimentos próprios do desporto que pratica;
 - Domínio técnico;
 - Domínio táctico;
 - Vestuário e acessórios utilizados;
 - Relações de cooperação/oposição;
 - Presença (ou ausência) do público.
15. Existem outros factores que, em sua opinião, contribuem para a definição do valor estético do desporto para deficientes?

Guião da Entrevista – Atleta João Paulo Fernandes, portador de sequelas de Paralisia Cerebral

Dados pessoais:

Género Masculino ☐

Género Feminino ☐

Idade: _____

Tipo de deficiência: _____

1. Quando e como começou a praticar desporto? Alguém ou algo o influenciou? De que forma?
2. Depois de ter começado a praticar desporto sentiu alguma alteração no seu dia-a-dia? Sentiu que alguma coisa mudou na sua vida?
3. Quando é que começou a representar Portugal nas Competições/Jogos Paralímpicos (JP)?
4. Depois de ter começado a representar Portugal nos JP alguma coisa mudou na sua vida?
5. Na sua opinião, que valores são divulgados pelos JP? (Se o entrevistado não mencionar o valor estético: E relativamente ao valor estético, acha que os JP possuem valor estético?)
6. Sente alguma dificuldade pelo facto de ter Paralisia Cerebral e se deslocar numa cadeira de rodas?
7. Considera que os outros o vêem e tratam de forma diferente?
8. Que relação tem com o seu corpo? Como o percebe? Como o sente?
9. O facto de ter começado a praticar desporto alterou a forma de ver, sentir e lidar com o seu corpo?

10. Existe, portanto, na sua opinião, uma relação entre corpo e desporto. Como é que descreve e caracteriza esta relação?
Que papel desempenha a cadeira de rodas nesta relação? (Ela quase faz parte do seu corpo, como uma prótese, ou é algo de estranho ao corpo?)
11. Acha que o corpo do deficiente é conotado como belo e tem valor estético?
12. Na sua opinião, a apreciação do valor estético do seu corpo pode ser condicionada pelo tipo de deficiência que possui?
13. E no que se refere à sua morfologia corporal? Ela condiciona ou não a apreciação estética que os outros fazem de si?
14. De seguida vou enumerar um conjunto de factores que podem ou não interferir na apreciação estética do desporto. O que lhe peço é que manifeste o seu acordo ou desacordo relativamente à intervenção destes factores e que explique porquê:
- Plástica dos movimentos próprios do desporto que pratica;
 - Domínio técnico;
 - Domínio táctico;
 - Vestuário e acessórios utilizados;
 - Relações de cooperação/oposição;
 - Presença (ou ausência) do público.
15. Existem outros factores que, em sua opinião, contribuem para a definição do valor estético do desporto para deficientes?

Anexo II. Guião das Entrevistas: 2ª versão

Guião da Entrevista – Atleta Leila Marques, com Malformação Congénita do antebraço direito

Dados pessoais:	
Género Masculino	☐
Género Feminino	☐
Idade: _____	
Tipo de deficiência: _____	

1. Quando e como começou a praticar desporto? Alguém ou algo a influenciou? De que forma?
2. Depois de ter começado a praticar desporto sentiu alguma alteração no seu dia-a-dia? Sentiu que alguma coisa mudou na sua vida?
3. Quando é que começou a representar Portugal nas Competições/Jogos Paralímpicos (JP)?
4. Depois de ter começado a representar Portugal nos JP alguma coisa mudou na sua vida?
5. Na sua opinião, que valores estão associados aos JP? (Se o entrevistado não mencionar o valor estético: E relativamente ao valor estético, acha que os JP possuem valor estético?)
6. Que ou quais as dificuldades que sente pelo facto de ter uma Amputação? E facilidades? Na sua opinião elas existem?

7. Considera que os outros a vêem e tratam de forma diferente?
8. Que relação estabelece com o seu corpo? Como o percebe? Como o sente?
9. O facto de ter começado a praticar desporto alterou a forma de ver, sentir e lidar com o seu corpo?
10. Existe, portanto, na sua opinião, uma relação entre corpo e desporto. Como é que descreve e caracteriza essa relação?
11. Acha que o corpo do deficiente (ou o “corpo deficiente”) é conotado como belo e tem valor estético?
12. Na sua opinião, a apreciação do valor estético do seu corpo pode ser condicionada pelo tipo de deficiência que possui?
13. E no que se refere à sua morfologia corporal? Ela condiciona ou não a apreciação estética que os outros fazem de si?
14. De seguida vou enumerar um conjunto de factores que podem ou não interferir na apreciação estética do desporto. O que lhe peço é que manifeste o seu acordo ou desacordo relativamente à intervenção destes factores e que explique porquê:
 - Género;
 - Tipo de deficiência;
 - Plástica dos movimentos próprios do desporto que pratica;
 - Domínio técnico;
 - Domínio táctico;
 - Vestuário e acessórios utilizados;
 - Relações de cooperação/oposição;
 - Presença (ou ausência) de público.

15.Existem outros factores que, em sua opinião, contribuem para a definição do valor estético do desporto para deficientes?

**Guião da Entrevista – Atleta João Paulo Fernandes, portador de sequelas
de Paralisia Cerebral**

Dados pessoais:

Género Masculino ☐

Género Feminino ☐

Idade: _____

Tipo de deficiência: _____

1. Quando e como começou a praticar desporto? Alguém ou algo a influenciou? De que forma?
2. Depois de ter começado a praticar desporto sentiu alguma alteração no seu dia-a-dia? Sentiu que alguma coisa mudou na sua vida?
3. Quando é que começou a representar Portugal nas Competições/Jogos Paralímpicos (JP)?
4. Depois de ter começado a representar Portugal nos JP alguma coisa mudou na sua vida?
5. Na sua opinião, que valores estão associados aos JP? (Se o entrevistado não mencionar o valor estético: E relativamente ao valor estético, acha que os JP possuem valor estético?)
6. Que ou quais as dificuldades que sente pelo facto de ter Paralisia Cerebral e se deslocar numa cadeira de rodas? E facilidades? Na sua opinião elas existem?
7. Considera que os outros o vêem e tratam de forma diferente?

8. Que relação estabelece com o seu corpo? Como o percebe? Como o sente?
9. O facto de ter começado a praticar desporto alterou a forma de ver, sentir e lidar com o seu corpo?
10. Existe, portanto, na sua opinião, uma relação entre corpo e desporto. Como é que descreve e caracteriza esta relação?
Que papel desempenha a cadeira de rodas nesta relação? (Ela quase faz parte do seu corpo, como uma prótese, ou é algo de estranho ao corpo?)
11. Acha que o corpo do deficiente (ou o “corpo deficiente”) é conotado como belo/tem valor estético?
12. Na sua opinião, a apreciação do valor estético do seu corpo pode ser condicionada pelo tipo de deficiência que possui?
13. E no que se refere à sua morfologia corporal? Ela condiciona ou não a apreciação estética que os outros fazem de si?
14. De seguida vou enumerar um conjunto de factores que podem ou não interferir na apreciação estética do desporto. O que lhe peço é que manifeste o seu acordo ou desacordo relativamente à intervenção destes factores e que explique porquê:
 - Género;
 - Tipo de deficiência;
 - Plástica dos movimentos próprios do desporto que pratica;
 - Domínio técnico;
 - Domínio táctico;
 - Vestuário e acessórios utilizados;

- Relações de cooperação/oposição;
- Presença (ou ausência) de público.

15.Existem outros factores que, em sua opinião, contribuem para a definição do valor estético do desporto para deficientes?